**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

MARIANA SCHUCHTER SOARES

# "SÓ BARULHO DO SPRAY FOSKANDO ALGUM TOM": OS GRAFISMOS URBANOS NA PAISAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DA CIDADE DE JUIZ DE FORA/MG

JUIZ DE FORA
1º SEMESTRE DE 2018

**MARIANA SCHUCHTER SOARES**

# "SÓ BARULHO DO SPRAY FOSKANDO ALGUM TOM": OS GRAFISMOS URBANOS NA PAISAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DA CIDADE DE JUIZ DE FORA/MG

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa *Linguagem e sociedade*, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Ana Claudia Peters Salgado

JUIZ DE FORA
1º SEMESTRE DE 2018

**TERMO DE APROVAÇÃO**

MARIANA SCHUCHTER SOARES

**“SÓ BARULHO DO SPRAY FOSKANDO ALGUM TOM”:**
**OS GRAFISMOS URBANOS NA PAISAGEM SOCIOLINGUÍSTICA**
**DA CIDADE DE JUIZ DE FORA/MG**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística apresentada à banca designada pela equipe do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, aprovada em _____/_____/_____.

_____
Profa. Dra. Ana Claudia Peters Salgado (orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profa. Dra. Neiva Maria Jung (membro externo)
Universidade Estadual de Maringá

_____
Prof. Dr. Roberto Perobelli de Oliveira (membro externo)
Universidade Federal do Espírito Santo

_____
Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome (membro interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profa. Dra. Ana Paula Grillo El-Jaick (membro interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 15 de março de 2018.

**DEDICATÓRIA**

Ao meu grupo de pesquisa querido, Grupels (Grupo de Pesquisa em Linguagem e Sociedade / UFJF), pelas discussões teóricas, pelos ensinamentos e pela companhia durante a escrita desta tese.

À minha família, que é tudo de que realmente preciso.

À minha filha, Letícia, que faz da minha vida mais ocupada, mas também mais bonita.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre cuidar dos meus dilemas e antecipar a ajuda! Muito obrigada!

A minha orientadora, Ana Claudia Peters, que abriu minha mente para novas possibilidades (desde o mestrado) e tornou este trabalho possível, com seu carinho e dedicação. Obrigada por seus conselhos e amizade!

Ao meu querido grupo de pesquisa (GRUPELS), por suas contribuições e amizade, pelas risadas e pela companhia! Obrigada pela dedicação de todos (orientadora, mestrandos, doutorandos e bolsistas de IC).

Aos professores e funcionários da Universidade Federal de Juiz de Fora que de alguma forma contribuíram com minha formação.

Aos pichadores e grafiteiros que concordaram em ceder suas entrevistas e compartilhar suas experiências para que este trabalho fosse possível. Suas contribuições foram muito importantes!

A minha família, pelo carinho e por compartilhar momentos especiais. Obrigada pelo acolhimento e pela compreensão!

Ao André, pela ajuda com as fotografias (foram muitas tardes dedicadas a rodar por Juiz de Fora) e pela compreensão com as minhas ausências.

À minha filha Letícia, pelo carinho e pelo amor incondicional, bem como pelos momentos mais felizes da minha vida.

Aos meus queridos amigos – especialmente à Deírdry –, por escutarem e me fazerem rir quando precisei.

Às minhas amigas de infância do Colégio Nossa Senhora de Fátima – Mônica, Natália, Bruna e Rúbia –, pelos quase 26 anos de convivência e carinho!

A todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha vida nos últimos anos.

Uma definição de linguagem é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição de seres humanos no mundo.

(RAYMOND WILLIAMS, 1977)

Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

(GUIMARÃES ROSA, 1962)

Grito em um muro e não sai nenhum som / só barulho do spray foskando algum tom / pessoas passam na minha frente e acham um absurdo / uma mina de classe média pixando o muro / desculpa sociedade, mas nocivo já explicou / que "somos as pragas que o seu sistema criou" / classe média agora também é pobre sofredor / classe alta já levou tudo que o povo conquistou.

(BAGA, JUIZ DE FORA, 2016)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender como a superdiversidade está presente na paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG por meio dos grafismos urbanos (grafites e pichações), considerando que, em seus contornos locais, essas manifestações tornaram-se frequentemente plurilíngues – conforme percepção anterior nossa – apresentando fragmentos de línguas diversas. Sob a abordagem qualitativa, por meio de etnografia e etnografia visual, a partir de entrevistas com grafiteiros e pichadores da cidade, bem como de fotografias da paisagem sociolinguística, buscamos demonstrar como a superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT, 2010, 2012, 2013), produto de movimentos migratórios e do desenvolvimento da tecnologia, pode ser vivenciada por meio de repertórios cada vez mais diversificados. Consideramos, neste contexto, que os recursos linguísticos são móveis, assim como as pessoas (KROON, DONG & BLOMMAERT, 2011), e que esses recursos são absorvidos pelo meio ambiente sociolinguístico, adaptados a ele e influenciados por grafias já existentes, formas locais de pronúncia, padrões pragmáticos ou poéticos dominantes etc. (BLOMMAERT, 2012). Buscamos desconstruir, dessa forma, a ideia de que a cidade em questão é monolíngue por meio da observação de sua paisagem, que não é só linguística, mas também social. Nesse sentido, falamos de *to language*, i.e, de língua como verbo (SHOHAMY, 2006; MAKONY E PENNYCOOK, 2007; GARCÍA, 2009), das práticas que estão nas ruas, longe das instituições que propagam as formas normativas, e que estão muito mais ligadas à agentividade e criatividade linguísticas. As evidências encontradas e registradas (120 fotografias) apontam para a presença de manifestações plurais em línguas diversas (como italiano, latim, espanhol, francês, inglês, entre outras) e de *codemeshing* (CANAGARAJAH, 2013). Apesar de existirem pichações espalhadas por toda a área de 1.435,664 km$^2$ da cidade, inclusive em bairros periféricos, o estilo delas geralmente se difere do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Belo Horizonte. Em vez de códigos, i.e., símbolos gráficos *do tag reto*, encontramos, em Juiz de Fora, com mais frequência, pichações em forma de palavras que podem facilmente ser lidas por um leigo, por alguém que está fora da "cultura do spray". Neste contexto, além de "agredir a sociedade", a pichação também "se comunica" com ela. A ideia é protestar sim (uma vez que a propriedade privada é utilizada), mas também compartilhar ideias e marcar presença na cidade.



**Palavras-chave:** paisagem sociolinguística; superdiversidade; *to language*; graffiti e pichações.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es comprender cómo la superdiversidad está presente en el paisaje sociolingüístico de la ciudad de Juiz de Fora / MG por medio de los grafismos urbanos (grafitos y pintadas), teniendo en cuenta que, en sus contornos locales, esas manifestaciones se vuelven frecuentemente plurilingües – según la percepción anterior nuestra –, exhibiendo fragmentos de lenguas diversas. Bajo el abordaje cualitativo, a través de etnografía y etnografía visual, a partir de entrevistas con grafiteros de la ciudad, así como de fotografías de paisaje sociolingüístico, se busca demonstrar como la superdiversidad (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT, 2010, 2012, 2013), producto de movimiento migratorio y del desarrollo de la tecnología, puede ser experimentada por medio de repertorios cada vez más diversificados. Consideramos, en este contexto, que los recursos lingüísticos son móviles, tanto como las personas (KROON, DONG & BLOMMAERT, 2011), y que eses recursos son absorbidos por el medio ambiente sociolingüístico, se adaptan a ese y son influenciados por grafías preexistentes, formas locales de pronunciación, patrones pragmáticos o poéticos dominantes etc. (BLOMMAERT, 2012). Buscamos deconstruir, así, la idea de que esta ciudad es monolingüe mediante la observación de su paisaje, que no es sólo lingüística, sino también social. En este sentido, hablamos de *to language*, i.e, de lengua como verbo (SHOHAMY, 2006; MAKONY E PENNYCOOK, 2007; GARCÍA, 2009), de las prácticas que están por las calles, lejos de las instituciones que propagan las formas normativas y que están mucho más asociadas a la agentividad y creatividad lingüística. Las evidencias encontradas y registradas (119 fotografías) señalan la presencia de manifestaciones plurales en lenguas diversas (como italiano, latín, español, francés, inglés entre otras) y de *codemeshing* (CANAGARAJAH, 2013). A pesar de existieren grafiti ubicadas por toda el área de 1.435,664 km² de la ciudad, incluso en las regiones periféricas, su estilo se difiere de Rio de Janeiro, São Paulo y Belo Horizonte. En vez de códigos, i.e., símbolos gráficos del *tag reto*, encontramos en Juiz de Fora, con más frecuencia, pintadas en forma de palabras que pueden fácilmente ser leídas por un lego, por alguien que no está dentro de la "cultura del spray". En este contexto, además de "agredir a la sociedad", la pintada también "se comunica con ella". La idea, sí, es protestar (ya que se utiliza la propiedad privada), pero también compartir ideas y marcar presencia en la ciudad.



**Palabras clave:** paisaje sociolinguístico; superdiversidad; to language; grafiti.

## ABSTRACT

The aim of this work is to understand how the superdiversity is present in the sociolinguistic landscape of the city of Juiz de Fora / MG through urban graffiti, considering that in their local contours these manifestations have frequently become plurilingual – according to our previous perception –, containing diverse languages fragments. Under the qualitative approach, through ethnography and visual ethnography, using interviews with graffiti artists from the researched city as well as sociolinguistic landscape photographs, we seek to demonstrate how the superdiversity (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT, 2010, 2012, 2013), product of migratory movements and technology development, can be experienced through increasingly diverse repertoires. We consider in this context that language resources are mobile, as are people (KROON, DONG & BLOMMAERT, 2011), and that these resources are absorbed by the sociolinguistic environment, adapted to it and influenced by existing spellings, pronunciation local forms, dominant pragmatic or poetic patterns etc. (BLOMMAERT, 2012). We seek to deconstruct, in this way, the idea that the researched city is monolingual by means of the observation of its landscape, which is not only linguistic but also social. In this sense we speak about "*to language*", i.e., about language as a verb (SHOHAMY, 2006; MAKONY E PENNYCOOK, 2007; GARCÍA, 2009), about the streets practices, far from the institutions that propagate normative forms. "To language" is much more linked to linguistic agentivity and creativity. The evidence found and recorded (120 photographs) point to the presence of plural manifestations in different languages (such as Italian, Latin, Spanish, French, English, among others) and *codemeshing* (CANAGARAJAH, 2013). Although there are graffiti throughout the city area of 1,435,664 $km^2$, even in peripheral neighborhoods, their style generally differs from Rio de Janeiro, São Paulo and Belo Horizonte. Instead of codes, i.e., the "tag reto" graphic symbols, we can find in Juiz de Fora more frequently words in graffiti that can be easily read by a layman, by someone outside the "spray culture." In this context, in addition to "attack society", graffiti also "communicates" with it. The idea is to protest (since private property is used), but also to share ideas and be present in the city.



**Keywords:** sociolinguistic landscape; superdiversity; to language; graffiti.

## LISTA DE GRÁFICOS

**GRÁFICO 1** Os suportes para a pichação em Juiz de Fora ..... **79**

**GRÁFICO 2** Ocorrência dos grafismos urbanos registrados, com recursos de línguas diferentes do português, divididos em categorias ..... **85**

## LISTA DE FIGURAS


| | | |
|---|---|---|
| **FIGURA 1** | Graffiti assinado pelo “Underground Crew”, grupo de JF... | **49** |
| **FIGURA 2** | Manifestação assinada por pixador da cidade de São Paulo ..... | **49** |
| **FIGURA 3** | Praça Pedro Marques, Santa Helena, 10 abril de 2017 .... | **50** |
| **FIGURA 4** | Pixação em códigos e em lugar alto (Juiz de Fora) ..... | **80** |
| **FIGURA 5** | Tag reto carioquinha em Juiz de Fora (Rua Padre Café, São Mateus, 10 agosto 2014) ..... | **81** |
| **FIGURA 6** | Estética mineira (Supermercado no Bairro São Pedro, 09 fev. 2016) ..... | **82** |
| **FIGURA 7** | Rua Professor José Ribeiro, São Pedro, 02 jan. 2016 ..... | **86** |
| **FIGURA 8** | Avenida Presidente Itamar Franco, 13 ago. 2016 ..... | **87** |
| **FIGURA 9** | Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 11 jan. 2015 ..... | **88** |
| **FIGURA 10** | Rua Mariano Procópio, Mariano Procópio, 06 set. 2016 ... | **89** |
| **FIGURA 11** | Rua Vicente José Weiss, São Pedro, 10 nov. 2014 ..... | **90** |
| **FIGURA 12** | Rua Manoel Bernardino, Bairro São Mateus, 21 set. 2014 | **92** |
| **FIGURA 13** | Praça Pedro Marques, Bairro Santa Helena, 10 abril 2017 | **92** |
| **FIGURA 14** | Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014 ..... | **93** |
| **FIGURA 15** | Rua Pedro Henrique Krambeck, Jardim Casablanca, 2014 ..... | **94** |
| **FIGURA 16** | Praça Menelick de Carvalho, Santa Helena, 20 junho 2016 ..... | **95** |
| **FIGURA 17** | Rua Pedro Peters, São Pedro, 12 ago. 2014 ..... | **96** |
| **FIGURA 18** | Rua Tereza Cristina, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016 ..... | **97** |
| **FIGURA 19** | Rua Mariano Procópio, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016 ..... | **98** |
| **FIGURA 20** | Rua Tereza Cristina, Mariano Procópio, 12 fev. 2016 ..... | **98** |

**FIGURA 21** Rua Mário Cruz Meyer, Dom Orione, 10 out. 2014 ..... **99**

**FIGURA 22** Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015 ..... **100**

**FIGURA 23** Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015 ..... **101**

**FIGURA 24** Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015 ..... **102**

**FIGURA 25** Rua Lauro Telles Mesquita, Bairro São Pedro, 20 junho 2014 ..... **103**

**FIGURA 26** Rua Silva Vidal Lage, Nova Era, 11 jan. 2015 ..... **104**

**FIGURA 27** Av. Ibitiguaia, Santa Luzia, 24 nov. 2014 ..... **105**

**FIGURA 28** Rua Jerônimo Norberto Fernandes, Bairro Benfica, 4 out. 2014 ..... **106**

**FIGURA 29** Rua Carlos Chagas, São Mateus, 08 ago. 2016 ..... **107**

**FIGURA 30** Rua Lauro Telles Mesquita, Bairro São Pedro, 20 junho 2014 ..... **108**

**FIGURA 31** Mapa de Juiz de Fora dividido em zonas ..... **109**

## LISTA DE QUADROS


| | | |
|---|---|---|
| **QUADRO 1** | Perguntas feitas aos pichadores da cidade de Juiz de Fora ..... | **61** |
| **QUADRO 2** | Perguntas feitas aos grafiteiros da cidade de Juiz de Fora ..... | **61** |
| **QUADRO 3** | Pichadores e grafiteiros entrevistados nesta pesquisa ... | **65** |

**SUMÁRIO**


**INTRODUÇÃO ..... 16**

**1 ALGUMAS REFLEXÕES E QUESTÕES TEÓRICAS ..... 21**
**1.1 Globalização e intensidade ..... 21**
1.1.1 Uma era de prefixos: hiper, multi, *new* e super ..... 25
1.1.2 O conceito de superdiversidade ..... 27
**1.2 Concepções de língua: substantivo ou verbo? ..... 33**
1.2.1 A tradução dos termos “to language” e “to translanguage”..... 40
**1.3 As paisagens (socio)linguísticas ..... 41**
**1.4 Os grafismos urbanos ..... 46**
1.4.1 Um pouco de história: de onde vêm os grafismos urbanos? ..... 51

**2 QUESTÕES METODOLÓGICAS ..... 53**
**2.1 A Abordagem Qualitativa ..... 53**
**2.2 A etnografia sociolinguística: “uma ideia na cabeça”..... 56**
2.2.1 A Etnografia Visual: “uma câmera na mão” ..... 58
**2.3 As entrevistas ..... 59**
**2.4 O cenário da pesquisa: o meio ambiente sociolinguístico atual da cidade de Juiz de Fora ..... 62**

**3 O QUE DIZEM OS PICHADORES E GRAFITEIROS DA CIDADE DE JUIZ DE FORA/MG? ..... 65**
**3.1 Graffiti x pichação ..... 66**
**3.2 Graffiti e profissionalização ..... 69**
**3.3 Pichação e protesto ..... 70**
**3.4 Grafismos urbanos e plurilinguismo ..... 72**
**3.5 Algumas considerações sobre este capítulo ..... 74**

**4 AS FOTOGRAFIAS DE GRAFISMOS URBANOS EM JUIZ DE FORA/MG ..... 76**
**4.1 Os dizeres explicitamente políticos ..... 85**
**4.2 As assinaturas (*tags*) ..... 91**
**4.3 Pichações variadas com recursos de línguas diversas ..... 96**
**4.4 C*odemeshing* ..... 102**
**4.5 Algumas considerações sobre este capítulo ..... 108**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 114**
**REFERÊNCIAS ..... 118**

**ANEXO A Entrevista realizada com o pichador B., de Juiz de Fora, via Facebook ..... 124**
**ANEXO B Entrevista realizada com o pichador M., de Juiz de Fora, via Facebook ..... 134**
**ANEXO C Entrevista realizada com o grafiteiro T., de Juiz de Fora, via Facebook ..... 135**
**ANEXO D Entrevista realizada com o grafiteiro D., de Juiz de Fora, via Facebook ..... 136**
**ANEXO E Entrevista realizada com o grafiteiro I., de Juiz de Fora, via Facebook ..... 138**
**ANEXO F Entrevista realizada com a pichadora C., de juiz de fora, via Facebook ..... 140**
**ANEXO G Entrevista realizada com o pichador J., de juiz de fora, via Facebook ..... 143**
**ANEXO H Reportagem do Jornal Tribuna de Minas de 27 de abril de 2012 ..... 146**
**ANEXO I Reportagem do Jornal Tribuna de Minas de 07 de dezembro de 2014 ..... 148**
**ANEXO J Reportagem do Jornal Tribuna de Minas de 17 de dezembro de 2014 ..... 151**
**ANEXO K Fotografias de grafismos urbanos tiradas em Juiz De Fora/MG – 2014-2017 (em CD-ROM)..... 153**

# INTRODUÇÃO

As línguas e culturas diversas sempre me chamaram atenção, mesmo quando ainda nem precisava fazer escolhas como que faculdade cursar ou o que pesquisar. Hoje, mesmo após anos de estudo em sociolinguística, percebo que há ainda muito a se compreender diante de sociedades tão complexas em um mundo em constante movimento. Esta questão ficou evidente para mim quando encontrei um universo simbólico diferente daquele que eu conhecia dentro da minha própria cidade natal.

O tema desta pesquisa, portanto, é justamente fruto da minha percepção do Outro, de um mergulho em um "território" distinto. No processo de construção deste trabalho, ouvi de um dos informantes: *"[...] é como se você estivesse entrando em uma briga de casal"* (D., 2016). Na verdade, foi mesmo difícil compreender algumas questões no início desta pesquisa, bem como transpor meus conceitos pré-estabelecidos. Durante este processo, encontrei manifestações que deixaram de ser apenas "atos de vandalismo" para se transformarem em "letramentos de reexistência" que, de acordo com Souza (2011, p. 36), captam a complexidade socio-histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, bem como contribuem para a desestabilização de discursos solidificados em que as práticas sociais válidas são apenas aquelas formalizadas em instituições de ensino. A partir destas práticas de reexistência, assumem-se novos papéis e funções sociais, afirmando-se como sujeitos no mundo e desafiando "a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações" (SOUZA, 2011, p. 37).

Discuto, portanto, neste trabalho, a pichação (ou *pixação* com "x", distinção que faremos no Capítulo 4) e o graffiti, buscando superar questões ligadas a preconceitos e julgamentos em relação a estas manifestações linguístico-culturais que contribuem para o estudo da diversidade linguística em diferentes sociedades. Isso porque é possível estudar a diversidade por meio de um olhar sobre a paisagem sociolinguística de determinado local, considerando placas de estabelecimentos comerciais, *outdoors*, letreiros

luminosos, *banners* e cartazes, placas de trânsito, bem como as manifestações que selecionei como objetos de pesquisa, i.e., as pichações e o graffiti.

Nesse sentido, tal como defende Coulmans (2009, p. 6), a pesquisa voltada para a paisagem (socio)linguística deve se guiar pelas seguintes perguntas: "quem está apto a ler esses sinais?" e "quem os escreveu?". Admite-se, portanto, que a linguagem encontrada em um meio ambiente não é randômica e arbitrária, mas permeada por ideologias e motivada por fatores de ordens diversas, imprimindo mensagens sobre as sociedades, os indivíduos, a política, a economia, as identidades, as formas de representação etc.

No que tange ao graffiti e às pichações que fazem parte da paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG, busco investigar principalmente a presença de diferentes recursos linguísticos de diferentes línguas políticas. Chamamos de "línguas políticas" os construtos políticos-ideológicos, i.e., invenções sociais ligadas a questões de patriotismo que surgiram a partir das relações entre colonizado e colonizador, reforçadas pela Primeira Guerra Mundial (MAKONI & PENNYCOOK, 2007).

A diversidade de fragmentos de línguas presente nas pichações, consideradas como transgressoras por serem feitas de forma ilícita em sua maioria, evidencia a realidade urbana atual e as diferentes identidades que são construídas e que coexistem em um mesmo espaço. Como acredito, o que acontece na cidade em questão, neste momento da pesquisa, considerando as mais diversas e plurais manifestações linguísticas, parece refletir o que está acontecendo com/a partir da linguagem em outras partes do mundo.

Concordo, portanto, com o que diz Juffermans (2010). Para ele, não se pode entender significativamente o mundo sem profundas experiências em pequenos lugares, ao passo que não é possível compreender um pequeno lugar se não olharmos para além dele, considerando também o nacional, o internacional e o fenômeno global em questão (JUFFERMANS, 2010, p. 196).

Assim, dentro do escopo da mobilidade dos signos e de pessoas, esta tese se desenvolve, dentro do escopo da Linguística Aplicada, como parte do projeto *Mobilidade social e suas implicações para a paisagem linguística de Juiz de Fora/MG,* aprovado no Edital 01/2015 – Demanda Universal / Fapemig, que busca discutir questões relacionadas à superdiversidade (VERTOVEC,

2006; BLOMMAERT, 2010) – que, conforme acreditamos, pode ser encontrada em diferentes graus em todo o mundo –, na cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais.

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é compreender como a superdiversidade está presente na paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG por meio dos grafismos urbanos (grafites e pichações). Os objetivos específicos são:

(i) Descrever o cenário ou ambiente sociolinguístico atual da cidade de Juiz de Fora/MG.
(ii) Analisar a mobilidade de pessoas/dos signos e ou de grupos sociais na cidade.
(iii) Reconhecer o que os grafismos urbanos estão significando em termos sociais e culturais e seus prováveis interlocutores.
(iv) Contribuir para com a construção da história do estado de Minas Gerais e para com o Inventário Nacional da Diversidade Linguística.

Em eventos nos quais apresentei este trabalho, foram feitos alguns questionamentos sobre a aplicabilidade do conceito de superdiversidade, gestado a partir de uma Europa integrada, em nosso país. É verdade que não são realidades iguais e sequer similares em termos de população, de contatos linguísticos face a face, de disponibilidade de tecnologia e renda, de movimentos migratórios etc. A intenção não é afirmar isso. Pelo contrário, ressalto que, apesar das diferenças (de Londres, um dos mais importantes centros financeiros do mundo, com 8.539 milhões de pessoas, e de Juiz de Fora, cidade brasileira considerada "universitária", com aproximadamente 545.942 habitantes), a superdiversidade está em todos os lados, em todos os lugares, em graus variados, em tempos de globalização. Ela está em Juiz de Fora, assim como em *Abu Road* (Índia), em *Valparaíso* (Chile) ou em *Durán* (Equador).

Dizer que Juiz de Fora é monolíngue – tal como está no senso comum –, que não faz parte desta "superdiversidade" do mundo, é indiretamente garantir que não existem contatos linguísticos e que a globalização não é uma realidade. É ver a língua como algo que está restrito a um território, que

pertence a um determinado ambiente e se restringe a significados e interações locais. É ter uma “visão sedentária dos seres humanos e de suas sociedades” (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011). Afinal, tal como afirmam Blommaert e Backus (2012), a língua também é translocal, i.e., move-se com as pessoas em qualquer espaço e tempo. Para os autores, esta mesma língua não é apenas uma ferramenta para a construção da localidade, mas também uma ferramenta para a mobilidade.

Dizer que Juiz de Fora é monolíngue também inclui afirmar que não existem pichações com recursos de diferentes línguas na cidade; que esses mesmos recursos não estão disponíveis em letreiros de lojas; que não há lojas de coreanos, chineses, árabes etc. espalhadas pelo território; que não há programas de intercâmbio e refugiados políticos de outras nacionalidades na cidade, que estudam, trabalham ou mantêm outros tipos de relações com a população local. E isso é inegável.

Dessa forma, neste trabalho, busco mostrar um pouco da superdiversidade presente em Juiz de Fora/MG, por meio de uma descrição densa (GEERTZ, 1973) dos grafismos urbanos e da realidade local atual. Se os diferentes recursos linguísticos utilizados nessas manifestações foram adicionados aos repertórios comunicativos em contextos formais de ensino ou através de contatos reais ou virtuais, não há como afirmar. No entanto, eles são indícios de que não há fronteiras para as línguas (GUISAN, 2009) e de que os signos são móveis e podem viajar de um lugar para o outro (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011).

Assim, esta tese está dividida em 4 capítulos, sintetizados a seguir, além da Introdução e das Considerações Finais.

No primeiro capítulo, apresentamos algumas questões e reflexões teóricas que foram imprescindíveis para a realização desta pesquisa. Discutimos, portanto, noções como globalização, superdiversidade, *to language* e *translanguaging*, paisagens sociolinguísticas, bem como graffiti e pichação.

No segundo capítulo, tratamos da metodologia utilizada nesta pesquisa, discutindo algumas questões sobre pesquisa qualitativa e etnográfica. Destacamos, ainda, algumas questões sobre o cenário estudado, i.e., a cidade de Juiz de Fora/MG.

No terceiro capítulo, discutimos qualitativamente fragmentos de entrevistas coletadas em rede social com pichadores e/ou grafiteiros de Juiz de Fora, utilizando como base as falas dos participantes e as percepções da pesquisadora. Neste caso, buscamos mostrar um pouco sobre como pensam os produtores dos grafismos urbanos na cidade de Juiz de Fora.

No quarto e último capítulo, analisamos algumas fotografias da paisagem sociolinguística da cidade, que foram tiradas durante a pesquisa de campo, a fim de discutir alguns conceitos e mostrar um pouco da diversidade presente no meio ambiente estudado. Por fim, tecemos as considerações finais referentes à pesquisa como um todo.

# 1. ALGUMAS REFLEXÕES E QUESTÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, discorremos sobre questões teóricas relevantes para o entendimento desta tese, bem como para uma posterior análise dos dados coletados em pesquisa de campo.

Na primeira seção, discutimos questões relacionadas ao conceito de globalização e, consequentemente, à intensidade das relações na era atual. Discutimos, também, os prefixos "hiper", "multi", "*new*" e "super" muito presentes na sociolinguística voltada para a globalização, que tem sido utilizada por teóricos por todo o mundo, e alguns conceitos que advêm desses prefixos. Na segunda seção, por sua vez, falamos sobre o conceito tradicional de língua, bem como sobre língua como verbo (*to language*), concepção que defendemos neste trabalho. Na terceira seção, apresentamos o conceito de paisagem sociolinguística, relacionando-o com o tema deste trabalho, bem como discutimos a primeira e a segunda ondas de pesquisa nesta área, de acordo com Blommaert e Maly (2004). Na quarta seção, falamos sobre pichação e graffiti, discutindo algumas características e apresentando um pouco da história destas manifestações.

## 1.1 Globalização e intensidade

Blommaert (2010, p. 1), em sua obra "The Sociolinguistics of Globalization", defende que o mundo não é mais uma "vila", mas uma complexa rede de vilas, aldeias, cidades, bairros etc., ligada por laços materiais e simbólicos muitas vezes imprevisíveis, em constante processo de transformação. Portanto, os sociolinguistas estudam uma língua em mudança em uma sociedade em mudança.

De acordo com Kumaravadivelu (2006, p. 130), "[...] o conceito de globalização tem significados diferentes para pessoas diferentes em épocas diferentes". Isso porque, para ele, a globalização é um processo tão antigo quanto a humanidade, que se desenvolveu em três estágios: (i) a partir das explorações comerciais regionais lideradas pela Espanha e por Portugal; (ii)

com a industrialização, liderada pela Grã-Betranha; (iii) com o mundo pós-guerra, liderado pelos Estados Unidos.

Ainda para o autor, a fase atual da globalização é drasticamente distinta dos períodos anteriores em termos de *intensidade*, mesmo que não o seja em intenção. Isso porque há um traço que a distingue, que é a comunicação eletrônica, i.e., a Internet, cujo papel é preponderante na economia e na construção de identidades culturais e linguísticas (KUMARAVADIVELU, 2006). Dessa forma, a fase atual, para Kumaravadivelu (2006), caracteriza-se principalmente por:

> *(i) diminuição das distâncias espaciais*, já que a vida das pessoas é afetada por acontecimentos no outro lado do mundo, que até mesmo desconhecem;
>
> (ii) *diminuição da distância temporal*, uma vez que os mercados e as tecnologias mudam com velocidade, gerando impactos em tempo real na vida de pessoas que moram longe;
>
> (iii) *desaparecimento das fronteiras nacionais*, que estão se dissolvendo, não somente em termos de comércio e informação, mas também em relação a normas, ideias, valores e culturas.

Juffermans (2010, p. 185), também nesse sentido, destaca que a globalização deve ser vista como um processo longo que se desenvolve em estágios; "não como uma revolução, mas como uma evolução". O entendimento do conceito de evolução, nesse sentido, não deve estar relacionado a prejuízos ou benefícios, mas apenas a mudanças que podem acontecer, de forma gradual (MUFWENE, 2008). Como resultado de toda a intensificação e interconectividade, consequência das inovações na comunicação, na mídia e na tecnologia, a globalização também implica uma junção do que é global e do que é local, i.e., enquanto uma pessoa pode continuar vivendo sua vida local, os fenômenos globais podem ter impactos locais (inclusive nos repertórios), e os locais podem apresentar repercussões mundiais (INDA & ROSALDO, 2008).

Ainda, para Rubdy e Alsagoff (2014, p. 1), a globalização pode ser pensada como um processo multidimensional que perpassa várias esferas de atividades, nos domínios da economia, da política, da cultura, da tecnologia, entre outros. A partir de transformações irregulares e imprevisíveis, o que parece existir, na verdade, é um complexo de processos se desenvolvendo de diferentes formas, velocidades e intensidades, modificando a paisagem do mundo.

Assim, para os autores, a globalização atual apresenta como principais elementos:

*(i)* *"o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação"* (que facilita o contato com pessoas de diferentes regiões);

*(ii)* *"o aumento da conectividade trazida pelos avanços tecnológicos"* (o que quer dizer que, hoje em dia, é possível estar exposto e desempenhar uma gama de práticas linguísticas muito maior do que aquela das quais um sujeito tem necessidades para conviver em sua vizinhança; é possível estar em um lugar do mundo e conectar-se com pessoas de lugares distantes);

(iii) *"a intensificação das relações sociais no mundo"*, o que quer dizer que "acontecimentos, decisões e práticas de um lado do globo podem ter consequências para outras sociedades e culturas do outro lado" (RUBDY & ALSAGOFF, 2014, p. 1).

Considerando estas questões sobre globalização, e ao assistir à apresentação do trabalho "O desenvolvimento das construções avaliativas com "super", "hiper" e "mega": uma abordagem linguística centrada no uso"[1], de Lauriê Ferreira Martins, da Universidade Federal de Juiz de Fora – que é voltado para a Linguística Funcional centrada no uso e que fala da convencionalização das construções "super" e "hiper" em contextos atuais de uso do português brasileiro (com foco em *blogs* sobre cuidados com a beleza) –, pensei no quanto estas mesmas construções também estão presentes na

[1] Trabalho apresentado no evento "Seminário de Teses e Dissertações" do PPG Linguística, da linha *Linguística e Sociedade*, que ocorreu na Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 25 de novembro de 2016.

sociolinguística da globalização. Talvez possamos dizer que isso acontece porque estamos em uma era marcada pela *intensidade* da qual nos fala Kumaravadivelu (2006), i.e., estamos mesmo em tempos de “supers”, “hipers”, “news” e “multis”. Por isso, é possível encontrar, atualmente, na literatura que discute aspectos relacionados à sociedade, variados termos que se referem a diferentes aspectos das mudanças socioculturais que vivenciamos neste momento histórico do mundo, e que traduzem o quanto estamos imersos nelas, de forma intensa, fluida e rápida, em termos de contatos linguístico-culturais. Estamos falando, entre outros, de conceitos como *hipermodernidade*, *multiletramento, new speakers* (novos falantes) e *superdiversidade*, dos quais trataremos nesta seção.

Reyes (2014), em seu texto *Linguistic Anthropology in 2013: Super-New-Big*, questiona esta questão dos prefixos que, em 2013, já eram utilizados para expressar a intensificação das relações na contemporaneidade. Para ela, o termo “new media” (nova mídia), por exemplo, poderia levar ao entendimento de que, anteriormente, existiu uma “old media” (mídia antiga). O termo superdiversidade, por sua vez, poderia dar a entender que, anteriormente, existiu uma “diversidade regular”.

No entanto, de acordo com Goulart (2011), em seu trabalho “Super se gramaticalizando: o movimento de gramaticalização do 'super' em blogs de revistas para adolescentes”, voltado para a gramaticalização, é possível encontrar o prefixo *super-* em diversos contextos de uso, substancialmente mais produtivos do que aquele verificado nas formas dicionarizadas. Para o autor, uma das acepções de super- remete à superioridade, mas essa ideia já se perdeu em outras construções. Para ele, apesar disso, super- ainda atua como *intensificador*. Já para Albuquerque (2010), o prefixo *super-* prefixado a bases substantivas (como é o caso de “diversidade”) pode designar também “grandes dimensões”.

Portanto, o objetivo do termo superdiversidade, nesta tese, não é pressupor uma “diversidade regular” que teria existido nos séculos passados, mas sim, destacar a *intensificação* de uma diversidade que sempre existiu, mas que se abriu ao uso da Internet e às facilidades em termos de mobilidade. Se a globalização está em um momento histórico de intensidade – como

defende Kumaravadivelu (2006) –, podemos dizer o mesmo da diversidade e, consequentemente, dos contatos sociolinguísticos e culturais.

A seguir, discutiremos alguns termos que estão atualmente presentes em pesquisas desenvolvidas em várias partes do mundo. Falaremos, aqui, especificamente de *hipermodernidade*, *multiletramento*, *novos falantes* e *superdiversidade*.

### 1.1.1 Uma era de prefixos: hiper, multi, *new* e super

Em sua obra "Os tempos hipermodernos" (2004), o filósofo Gilles Lipovetsky cunhou o termo *hipermodernidade*. Nela, o autor fala do termo *pós-moderno*, que surgiu nas ciências nos anos 1970, e que teve como mérito destacar a questão da mudança, ligada a uma reorganização profunda do funcionamento social e cultural das sociedades. Essa mudança é motivada por fatores tais como a rápida expansão do consumo e da comunicação de massa, o enfraquecimento das normas autoritárias disciplinares, o hedonismo etc. No entanto, para ele, o termo pós-modernidade sugere uma "superação" da modernidade – o que denotava simplismo diante da complexidade das sociedades contemporâneas –, e não é capaz de revelar o mundo tal como estaria se desenvolvendo.

> [...] Tudo se passa como se tivéssemos indo da era do *pós* para a era do *hiper*. Nasce uma nova sociedade moderna. Trata-se [...] de modernizar a própria modernidade [...]. A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação (LIPOVETSKY, 2004, p. 57).

Na obra "Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos", Rojo e Barbosa (2015, p. 116) também contestam o conceito de pós-modernidade por acreditarem que esse rompe com a modernidade. Para as autoras, a *hipermodernidade* busca destacar não a superação da modernidade, mas a "radicalização" dela. Surgem, portanto, novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de

aprender. São, portanto, "[...] novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens" (ROJO & BARBOSA, 2015, p. 116).

Entre as características levantadas por Rojo e Barbosa (2015) no que tange à hipermodernidade, estão: (i) *hiperconsumo* (um consumo que absorve e integra parcelas cada vez maiores da vida social); (ii) *hipercomplexidade* (ausência de um projeto político consistente, o que faz com que o sujeito possa ser, ao mesmo tempo, conservador e progressista, ou seja, contraditório); (iii) *hiperinformação* (transbordamento de informação e conteúdo).

Sobre o termo *multiletramento,* esse surgia em 1996, após uma semana de intensos debates, cunhado no manifesto *Pedagogia dos Multiletramentos*, resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (constituído por pesquisadores voltados para os letramentos). A ideia de multiletramento, para o grupo, deveria ser considerada pelas instituições de ensino, que precisavam olhar para os novos letramentos que emergiam com as novas tecnologias (TICs), bem como para a diversidade linguística e cultural presente em sala de aula.

Cope e Kalantzis (2000) destacam, também nesse sentido, a multiplicidade de canais de comunicação e a grande diversidade cultural e linguística do mundo de hoje, que deve ser compreendida sob o conceito de multiletramento. De acordo com os autores, os novos meios de comunicação estão remodelando a maneira como usamos a linguagem, apresentando significados cada vez mais multimodais.

Sob esta mesma perspectiva, Rojo e Moura (2012, p. 13, grifo nosso) também falam do multiletramento que, segundo as autoras,

> [...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: **multiplicidade cultural das populações** e **multiplicidade semiótica de constituição dos textos** por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Nesse sentido, o multiletramento está ligado às mudanças sociais e tecnológicas atuais, que ampliam e diversificam as formas de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, bem como de lê-los e produzi-los.

Surgem, portanto novos gêneros discursivos quase diariamente, tais como “chats”, “páginas da web”, “posts”, “tweets” etc, o que demonstra, mais uma vez, o caráter de mudança dos textos que refletem em vários setores da vida.

Se já falamos um pouco dos prefixos *hiper* e *multi*, destacamos, ainda, o termo *new speakers*. Em junho de 2017, foi realizado o *International Symposium on Bilingualism* (ISB)[2], em Limerick, na Irlanda, com o tema *Bilingualism, Multilingualism and the New Speaker* (Bilinguismo, Multilinguismo e novos falantes). No evento, pôde-se verificar uma diversidade de pesquisas, mas a maioria dos trabalhos apresentados se enquadrava principalmente em dois segmentos: (i) aqueles que têm como foco a aquisição de línguas; (ii) aqueles que enfatizam usos sociolinguísticos em tempos de globalização. Isso sugere que o conceito de “novos falantes” pode ser visto principalmente sob estas duas diferentes perspectivas.

No mesmo evento, O'Rourke e Li Wei (2017) apresentaram a mesa redonda *(New) Speakers in Multilingual Contexts* – ((Novos) falantes em Contexto multilíngues) –, em que defenderam que o conceito emergente de "novos falantes" pode se referir aos indivíduos que se envolvem com uma ou mais línguas que não são suas línguas "nacionais", cruzando fronteiras sociais. Ainda para elas, os perfis dos "novos falantes" abrangem uma variedade de cenários, incluindo contextos de línguas minoritárias indígenas, migração e contextos transnacionais.

Na próxima seção, discutimos especificamente o termo superdiversidade, o qual optei por adotar nesta pesquisa.

### 1.1.2 O conceito de superdiversidade

Ainda na literatura referente à sociolinguística da globalização, é possível encontrar o termo *superdiversidade*, que optei por adotar neste trabalho com o intuito de dialogar com as mudanças que estão atualmente incidindo sobre as sociedades complexas. Se pensarmos de forma prática, todos os outros termos citados nesta seção convergem para um mesmo propósito, que é revelar a sociedade de mudanças em que vivemos, em

[2] Disponível em: <https://isb11.com/call-for-papers>. Acesso em: 22 jun. 2017.

termos de língua e cultura, especialmente após a emergência das novas tecnologias e de contatos cada vez mais intensos e frequentes entre diferentes indivíduos com diferentes línguas e culturas, bem como diferentes formas de se comunicar. *Superdiversidade* abarca principalmente as questões levantadas por Rubdy e Alsagoff (2014) em relação à globalização – ou seja, o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, o aumento da conectividade trazida pelos avanços tecnológicos e a intensificação das relações sociais no mundo –, bem como por Kumaravadivelu (2006) – principalmente a diminuição das distâncias espaciais e o desaparecimento das fronteiras nacionais, como discutiremos a seguir.

Sobre a origem do conceito de *superdiversidade,* podemos dizer que o termo foi cunhado pelo antropólogo Steven Vertovec, na obra "Super-diversity", publicada em 2006. Para ele, em décadas mais recentes, a natureza da imigração no contexto inglês – e, como acreditamos, em outros meio ambientes em diferentes graus e nuances –, tem originado um tipo de "diversificação da diversidade", não apenas em termos de etnia e de origem dos imigrados, mas também no que se refere a "[...] uma variedade de significantes variáveis que afetam onde, como e com quem as pessoas convivem (VERTOVEC, 2006, p. 1, tradução nossa)"[3]. Para o autor, essas variáveis, mutuamente condicionadas, incluem uma transformação no s*tatus* de migração e, consequentemente, nos direitos e restrições dos imigrados, nas experiências no mercado de trabalho, nos perfis de gênero e raça, nos fatores espaciais (o que inclui o mercado imobiliário) e nas relações com prestadores de serviços e habitantes em geral (VERTOVEC, 2006, p. 1).

De acordo com Blommaert (2013, p. 10), a expressão superdiversidade se refere à "diversidade dentro da diversidade", i.e., ao aumento na tessitura da diversidade das sociedades contemporâneas. Para o autor, esse fato tem relação com duas forças distintas, mas interconectadas, que emergiram praticamente no mesmo momento histórico e que afetaram a forma como os indivíduos organizavam suas vidas. Essas forças foram (i) o final da Guerra Fria (e as consequentes mudanças nos padrões migratórios) e (ii) a Internet.

[3] [...] a variety of significant variables that affect where, how and with whom people live (VERTOVEC, 2006, p. 1, como no original).

Na época da Guerra Fria, a ordem mundial era bem definida:

> [...] Pessoas de uma localidade não podiam frequentemente e facilmente viajar e interagir com pessoas de outro lugar; se o fizessem, poderiam inserir-se em circunstâncias severamente conflituosas, sendo consideradas como refugiados ou dissidentes (BLOMMAERT, 2013, p. 10, tradução nossa)[4].

Com o final da Guerra Fria, em fins da década de 1980, os padrões de mobilidade humana começaram a mudar. Para Blommaert (2013, p. 11), a partir de então, mais pessoas de mais lugares migraram para outros locais, pelos mais diferentes motivos. Essa mobilidade foi ainda mais intensa com o surgimento da Internet, que começou a expandir seus domínios no começo da década de 1990. Com isso, surgiram também o celular e os mais variados meios de comunicação. A tecnologia, de forma geral, desenvolveu-se, facilitando não apenas a comunicação a longa distância, mas também proporcionando viagens mais rápidas para lugares diversos.

Dessa forma, pode-se dizer que a superdiversidade é guiada por três palavras-chave: mobilidade, complexidade e imprevisibilidade. Uma das consequências dela é o aumento da imprevisibilidade: o "outro", agora, é uma categoria em constante fluxo, sempre em processo de mudança. Sobre esse "outro", pouco se pode supor (BLOMMAERT, 2013, p. 11).

Diante disso, conforme acreditamos, o mundo está em um movimento constante de diferentes individualidades, o que quer dizer que os imigrantes não se movem necessariamente em um grande conjunto (tal como aconteceu com os 1.162 alemães, austríacos e dinamarqueses que vieram para Juiz de Fora/MG, no século XIX, correspondendo a mais de 20% da população total da cidade), não são mais uma "massa" que se junta à outra e "domina" ou é "dominada", mas são indivíduos que, muitas vezes, buscam suas experiências individuais e/ou familiares em outros espaços, por motivos diversos.

Assim, em tempos de globalização e superdiversidade, torna-se cada vez mais difícil considerar uma sociolinguística fundamentada em um mundo social em que as pessoas continuam sempre juntas no mesmo lugar e

[4] [...] people from one camp did not often or easily travel to or interact with people from the other camp; IF they did that, it would be under severely conflictual circumstances, as refugee or dissident (BLOMMAERT, 2013, p. 10, como no original).

compartilham o que conhecem de uma língua e de seu uso. Nesse mesmo contexto idealizado, atingem-se padrões de comunicação que perduram e podem ser descritos sincronicamente, em termos estruturalistas. Essa é uma visão sedentária da humanidade (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011, p. 1, tradução nossa). Por isso, o impacto da superdiversidade é paradigmático, uma vez que obriga-nos a entender os novos ambientes sociais em que estamos inseridos sem presumir identidades, padrões de comportamento, estrutura social e cultural, e normas. Além disso, parecem necessários, em meio a esta nova realidade, um novo vocabulário para descrever os eventos, fenômenos e processos, assim como novas metáforas para representá-los, e novos argumentos para explicá-los (BLOMMAERT, 2010, pp. 1-2).

Nesse sentido, é fato que a mobilidade é a chave para a realidade do mundo de hoje. Todas as coisas são móveis, podem viajar de um lado para o outro, se não fisicamente, através do espaço virtual. Isso quer dizer que estamos em uma era dinâmica e marcada pela instabilidade, e parece haver cada vez menos espaço para pensamentos reducionistas.

Podemos dizer, então, que estamos diante de uma "sociolinguística da mobilidade", cujo foco não é "língua em lugar", mas "língua em movimento". Ao pensar sobre os signos produzidos em/pela mobilidade, podemos dizer que o acesso a frames[5] adequados para o entendimento exige não apenas o conhecimento do meio ambiente sociolinguístico de origem, mas o conhecimento de uma economia local de símbolos e significados (BLOMMAERT, 2010, p. 3).

É preciso, portanto, repensar algumas visões tradicionais e estereótipos em torno daquilo que se lê, que se escreve, que se usa para a comunicação no geral, que está presente nas paisagens sociolinguísticas dos centros urbanos. Isso porque um sociolinguista deve considerar que os recursos são móveis, assim como são as pessoas. Nesse movimento, não há lugar para modelos lineares de entendimento. De acordo com Kroon, Jie e Blommaert (2011, pp. 2-3), quando os signos viajam, suas formas se movem, muitas vezes, sem

[5] Sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender um conceito, é preciso compreender toda a estrutura em que ele se encaixa (FILLMORE, 1955, tradução nossa).

variações, sem influências do novo meio, enquanto outros recursos dos signos – indexicalidade, significados, valor social etc. – nem tanto.

Esse movimento de recursos linguísticos não se dá para espaços vazios. De acordo com Blommaert (2012, p. 6, tradução nossa)[6],

> [...] Esses espaços são sempre de "alguém", são preenchidos por normas, expectativas, concepções do que é apropriado e normal (indexicalidade) quanto ao uso da língua e o que não é. Mobilidade, sociolinguisticamente falando, é, portanto, uma trajetória através de diferentes espaços estratificados, controlados e monitorados.

Dessa forma, os recursos linguísticos móveis são absorvidos pelo meio ambiente sociolinguístico e adaptados a ele (como no caso das ocorrências registradas em Juiz de Fora e apresentadas no Capítulo 3 deste trabalho), considerando que são influenciados por grafias já existentes, formas locais de pronúncia, padrões pragmáticos ou poéticos dominantes etc. (BLOMMAERT, 2012, p. 60). A partir dessa dinamicidade, recursos específicos estão sendo misturados, buscando-se criar sentidos para os indivíduos.

Assim, surgem representações como *lookalike language* (BLOMMAERT, 2012). Para Blommaert (2012), esse pode ser considerado um uso emblemático, como um sinal gráfico que transmite misteriosas associações com o que é "bom" e "sofisticado", com a ideia de mobilidade global e com o "estrelato universal" que só as pessoas que falam inglês (ou outra língua considerada "estrangeira") parecem ter. *Lookalike*, para ele, são manifestações linguísticas que não têm sentido por si só, são expressões utilizadas como misturas de recursos linguísticos sem sentido literal. A ideia é que isso acontece porque as pessoas que utilizam esses símbolos não têm competência ativa na língua. No entanto, Canagarajah (2013) fala de *codemeshing,* que se opõe à ideia da falta de uma "competência ativa" por parte do falante, mostrando que, muitas vezes, os significados destas misturas são propositais, conscientes por parte do falante, e que revelam ideologias. São, então, um

[6] Movement of people across space is therefore never a move across empty spaces. The spaces are always someone's spaces, and they are filled with norms, expectations, conceptions of what counts as proper and normal (indexical) language use and what does not count as such. Mobility, sociolinguistically speaking, is therefore a trajectory through different stratified, controlled and monitored spaces (BLOMMAERT, 2012, p. 6, como no original).

entrelaçamento de recursos de forma transformativa, que gera novos significados e cria um tipo de gramática própria.

Em meio a tantas transformações, estão os contatos linguístico-culturais. Esses se tornaram muito mais intensos a partir das mudanças em termos de mobilidade, o que sugere que a ideia de fronteiras linguísticas é um mero construto ideológico. Se antes as nações eram detentoras de suas "línguas" (enquanto instrumentos políticos), hoje já não podemos dizer isso com tanta veemência. De acordo com Rajagopalan (2003, p. 65) sobre a língua inglesa (o que, na verdade, encaixa-se em todas as línguas do mundo em tempos de superdiversidade), a língua não tem pátria, nem está delimitada a uma região geográfica. Considerando este contexto, Guisan (2009, p. 27) afirma que "[...] a cidade de hoje é [...] multilíngue, multirreligiosa e "multirracial"".

Ainda para Guisan (2009), as línguas não têm fronteira. Já para Mufwene (2008), as línguas são osmóticas, bem como sistemas adaptativos complexos. Para Kroon, Jie e Blommaert (2011, p. 2), as línguas são móveis, fragmentáveis e adaptáveis. Para Blommaert (2010, p. 3), estamos diante de uma sociolinguística da mobilidade, como dissemos anteriormente. Todas essas ideias levam a questões como mobilidade e, consequentemente, complexidade, chaves para os estudos sociolinguísticos sobre o mundo de hoje e para esta pesquisa. Essas questões, diretamente ligadas ao mundo superdiverso e globalizado em que vivemos, têm estado presentes em trabalhos produzidos em todo o mundo, inclusive de autores como Blommaert (2010, 2012, 2013), Pennycook (2009, 2014), Otsuji e Pennycook (2009), Creese e Blackledge (2010), Jörgensen (2008) etc.

No mundo de hoje, segundo Blommaert e Jie (2010), a maior parte dos padrões considerados "normais" de conduta social e cultural – que foram fundamentais para o desenvolvimento de teorias científicas e sociais –, são complementados por novos padrões, que buscam sair da ideia de imobilidade.

A noção de comunidade, por exemplo, deve ser considerada neste exercício de reflexão. Ahearn (2007) questiona, entre outras coisas: o conceito pode ser usado para descrever entidades que não são definidas por localização física estática, i.e., o membro de determinada "comunidade" pode ter contato com outras vizinhanças, *chats*, instituições religiosas etc.?

Essa reflexão corrobora a ideia de que o conceito de “comunidade”, em que as pessoas têm apenas um “tipo de cultura” e uma “língua específica”, pode não funcionar mais como antes. Blommaert (2012), por sua vez, também desconstrói a ideia de comunidade e defende os repertórios individuais. Para ele, a “língua” de um sujeito nunca está finalizada, pois “pedaços” de outras línguas podem ser aprendidos e, ao mesmo tempo, perdidos se não houver prática. Isso quer dizer que os diferentes repertórios são resultados de experiências policêntricas de aprendizado dos indivíduos.

Assim, através dos grafites e das pichações, também é possível evidenciar o quanto os repertórios estão diversificados, e o quanto a ideia de que “brasileiro só fala português” (que nunca foi verdadeira, mas que ainda se mostra presente no senso comum) está mais do que ultrapassada.

Não podemos dizer que a realidade de Juiz de Fora corresponda exatamente àquela encontrada no contexto inglês (discutido por Vertovec (2006) em seu trabalho), nem àquela da cidade de São Paulo, nem a da cidade de Governador Valadares/MG (com grande frequência de emigração para os Estados Unidos), por exemplo. Isso porque, apesar de a superdiversidade já estar por toda parte (principalmente nos centros urbanos, mas não necessariamente), ela se configura em graus variados. Dessa forma, ela também está presente em Juiz de Fora, ainda que em uma escala distinta.

Na seção a seguir, discutiremos a concepção de língua que adotamos neste trabalho, a qual corresponde com a realidade atual, cada vez mais dinâmica em termos de linguagem.

## 1.2 Concepções de língua: substantivo ou verbo?

Atualmente, o conceito tradicional de língua, utilizado em grande parte dos estudos da área de Linguística, tem sido muito discutido devido a sua relatividade. Bagno (2011, p. 355), em seu texto “O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase”, diz que todo mundo parece saber o que é língua, mas provavelmente ninguém conseguirá responder isso “sem hesitação, de modo definitivo e seguro”. Para ele, a língua tem dupla personalidade – uma vez que se acredita que ela é um dado biológico, ou seja,

uma das faculdades do cérebro e, ao mesmo tempo, é incontestavelmente o elemento mais importante de uma sociedade, vinculada a questões de identidade, culturais, políticas, psicológicas, ideológicas etc.

Ainda para Bagno (2011, p. 358), a língua pode ser considerada como uma hipóstase, i.e., um "equívoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência concreta e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata e meramente restrita ao caráter incorpóreo do pensamento humano". Assim, para o autor, é difícil não converter a língua em um "objeto", em um "construto social" diretamente ligado a uma "rede de representações sociais, crenças, superstições, num imaginário coletivo" (BAGNO, 2011, p. 358).

De acordo com Jørgensen e Juffermans (2011), o conceito de língua designa um conjunto de recursos, ou seja, de convenções, que recebe um determinado nome (francês, japonês, russo, português etc.). Esse conjunto sistematizado e homogêneo (nos termos de Bagno (2011), essa *hipóstase*), baseado em regras, não representa o uso da linguagem na vida real, que é muito mais dinâmico e adaptável às necessidades do indivíduo e às demandas dos diferentes meio ambientes. Nesse sentido, para Bagno (2011, p. 359), a língua em seu "estado natural" é sempre heterogênea, mutante, cambiante, variável, maleável e flexível; o processo de padronização, no entanto, "retira [a língua] de sua vida íntima" e a "transforma numa instituição, num monumento cultural, em veículo de uma política nacional".

Guisan (2009, p. 19), em seu artigo *Língua: a ambiguidade do conceito*, publicado no livro *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*, afirma que a existência das línguas [ou seja, desses conjuntos de convenções] precede o nascimento de seus nomes, "afinal, nada mais óbvio, ao que parece, do que o fato de o nascimento ocorrer antes do batizado". O autor exemplifica essa questão com as línguas reunidas sob o apelido genérico de *romances* – que mais tarde seriam chamadas de francês, espanhol, português, nomes relacionados com os territórios em que se consolidaram. Esses nomes, de acordo com Makoni e Pennycook (2007), foram inventados como parte de projetos cristãos / coloniais e nacionalistas em diferentes partes do mundo, que estavam vinculados à imposição de Estados

nacionais e ao estabelecimento de fronteiras que separavam uma língua de outra. A construção desses Estados e a imposição de uma língua nacional levaram principalmente à constituição de normas – que já existiam com o latim, por exemplo, mas que, a partir daquele momento, passaram a ser consideradas mais fortemente como "um modelo hegemônico, língua "correta", "standard", "culta"" (GUISAN, 2009, p. 21).

Canagarajah (2013, p. 20) contribui para com esta discussão ao falar sobre "orientação monolíngue". Para ele, esta orientação é construída, principalmente, em cima das seguintes bases: (i) língua = comunidade = lugar; (ii) 1 língua = 1 identidade; (iii) as línguas são puras e separadas umas das outras; (iv) a comunicação é baseada na gramática em detrimento da prática. Segundo o autor, esta orientação é uma visão essencialmente *positivista* da realidade, transformando as experiências em conhecimento disciplinado e prometendo eficiência e controle. Essas ideias, também contestadas por Canagarajah (2013), são opostas ao que defendemos neste trabalho.

De acordo com Jørgensen e Juffermans (2011), a língua padrão ou *standard* é o registro de alguns recursos como normativos. Esses recursos podem ser fonemas específicos, morfemas, palavras, sintaxe etc. Qualquer variação dessas normas seria considerada não padrão ou até mesmo um desvio.

Makoni e Pennycook (2007, p. 4) afirmam que as línguas não existem como entidades reais no mundo, nem surgem de ou representam meio ambientes reais; elas são, pelo contrário, invenções de movimentos sociais, culturais e políticos.

> […] no cerne do problema está a ideologia subjacente de responsabilização e singularidade, reforçada por pressupostos de uma **linguagem-objeto singular e essencializada**, **situada e fisicamente localizada em conceitos de espaço fundamentados na noção de territorialização** (MAKONI & PENNYCOOK, 2007, p. 6, tradução nossa, grifo nosso)[7].

[7] […] At the heart of the problem here is the underlying ideology of countability and singularity, reinforced by assumptions of a singular, essentialized language-object situated and physically located in concepts of space founded on a notion of territorialization (MAKONI & PENNYCOOK, 2007, p. 6, como no original).

Sob essa perspectiva, o português é produto da criação de um Estado-nação português; o inglês é produto da criação de um Estado-nação inglês, e assim por diante, deixando de lado, em favor de interesses políticos e hegemônicos, a diversidade nesses territórios.

A visão de línguas compartimentalizadas e divididas em sistemas bem delimitados é considerada moderna. Pode-se dizer, portanto, que as línguas no plural só existem como invenções socioculturais. Os falantes, na vida real, não falam línguas inteiras, mas utilizam pedaços de língua (i.e., recursos linguísticos) (JUFFERMANS, 2010, p. 91). Devem-se, nesse sentido, repensar algumas noções já arraigadas na sociolinguística, tais como os conceitos de multilinguismo (línguas bem divididas, delimitadas e contáveis, às quais se podem referir no plural) e monolinguismo (o indivíduo tem conhecimento de uma única língua bem delimitada; mas como delimitar uma língua?). Isso remete ao que afirma Blommaert (2010, pp. 1-2) sobre a necessidade, em meio a esta nova realidade de globalização e superdiversidade, de um novo vocabulário para descrever os eventos, fenômenos e processos, de novas metáforas para representá-los e de novos argumentos para explicá-los (BLOMMAERT, 2010, pp. 1-2).

Assim, falar de línguas como se elas só existissem em um território específico ou falar de um território urbano como se fosse unilíngue, é algo que, atualmente, já foi superado por questões ligadas à mobilidade. Guisan (2009) defende, nesse sentido, que as línguas não têm território, ao contrário do que se busca mostrar nos atlas linguísticos. Assim como existem línguas sem território, várias línguas podem se sobrepor num mesmo espaço geográfico. Dessa forma, “as fronteiras podem se dissolver num *continuum*, de modo que a passagem de uma área linguística para outra se opere de forma gradual e imperceptível” (GUISAN, 2009, p. 23). Ainda para ele, a representação geográfica [que é apenas política, uma vez que é produto da ilusão do imobilismo fotográfico] que se tem da distribuição das línguas deveria ser muito menos nítida e delimitada por cores específicas e fronteiras exatas, para ganhar um cunho mais impressionista, com cores se desmanchando umas nas outras. Essa realidade é incômoda para a solidez do mito nacional, ancorado nas ideias de território, raça, visão de mundo compartilhadas e língua comum.

Considerando essas reflexões sobre o conceito de língua como substantivo, vale ressaltar o que diz Mignolo (1996, p. 181): "[...] línguas são convenções e *to language* é prática". Usar um *verbo* em vez de um *substantivo*, nesse sentido, muda o foco da língua como objeto de estudo para língua como ação ou processo. Jorgensen (2008) mostra que o termo "to language" está relacionado à forma com que os "usuários da língua empregam quaisquer recursos linguísticos que estejam à sua disposição, com a intenção de atingir seu objetivo comunicativo"[8] (JØRGENSEN, 2008, p. 69, tradução nossa). Assim, neste trabalho, adotamos uma perspectiva de língua como verbo, com o objetivo de captar o uso dinâmico, performativo e agentivo dela. Esse termo "*to language*" [*languaging*, em inglês] foi utilizado pela primeira vez por Alton L. Becker (1991), no artigo *Language and Languaging*, e sustentado mais tarde por Jens Normann Jørgensen (2008), Sinfree Makoni e Alastair Pennycook (2007), Ofelia García (2009), Janus Spindler Møller e Jens Normann Jørgensen (2009), Kasper Juffermans (2010), entre outros sociolinguistas.

No entanto, é verdade que, na década de oitenta, quando os pressupostos da linguística funcionalista ainda estavam se desenvolvendo, Coseriu (1985) já falava sobre língua como uma "atividade" de falar ou entender. Ele dizia que a linguagem era verdadeiramente criativa e não somente produtiva. Esta questão já suscitava a ideia de que linguagem não se resume a uma mera reprodução de palavras e construções, mas à capacidade do falante de criar e agir por meio de sua criação.

De acordo com o livro *Social and Cultural Antrophology* (2000), de Nigel Rapport e Joanna Overing, um olhar mais contemporâneo das ciências sociais tem valorizado muito a dinâmica do gerúndio, tanto em relação à cultura ("culturando") quanto à língua ("linguando"). Para os autores, nossa forma de olhar para a sociedade é muito substantivada, porém, é preciso olhar para as relações de outra maneira. Em vez de considerar a forma já concretizada, é preciso ver como se dão as relações com o Outro e com o mundo.

Logo no início de seu trabalho, Becker (1991) cita um fragmento do livro *Marxism and Literatur*e (1977), de Raymond Williams (1977, p. 21, tradução

[8] [...] language users employ whatever linguistic features are at their disposal with the intention of achieving their communicative aim (JØRGENSEN, 2008, p. 69, como no original).

nossa): “[...] uma definição de linguagem é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição de seres humanos no mundo”[9], que são agentes e praticam a linguagem para se posicionarem na vida em sociedade. Se falamos de seres humanos inseridos no mundo – esse que é, atualmente, um tanto complexo e superdiverso –, falamos também de criatividade na linguagem, de agenciamento e de multidimensionalidade. Podemos dizer, nesse sentido, que não há linguagem sem inovações e sem negociação de significados.

De acordo com García (2009, p. 32), as línguas não são códigos fixos; são, na verdade, códigos fluidos ajustados às práticas sociais. Grafites e pichações, objetos de estudo deste trabalho, seriam práticas de agenciamento. Nesse contexto, a noção de “agência” tem um papel importante, uma vez que é o que distingue nossos atos da conduta animal por implicar uma série de características humanas: consciência, reflexão, intenção, propósito e significado (RAPPORT & OVERING, 2000, p. 1). Os agentes da linguagem são chamados por Jørgensen (2008) de “languagers”[10].

Sobre os grafismos urbanos, Alastair Pennycook (2009), em seu trabalho “Landscapes and the Transgressive Semiotics of Graffiti”, publicado no livro “Linguistic Landscape: Expanding the Scenery” [11], organizado por Elana Shohamy e Durk Gorter, diz que os grafites/as pichações podem ser concebidos como as “*Twenty-First Century stained glass windows*”, i.e., como “as janelas vitrais do século XXI”. O autor usa essa expressão considerando o fato de que essas janelas permitem o acesso àquilo que acontece nas ruas e, ao mesmo tempo, nas mentes dos sujeitos contemporâneos.

Ao pensarmos um pouco sobre essa analogia, é possível encontrar outros aspectos que ligam os vitrais aos grafismos urbanos e, ao mesmo tempo, apontam para questões relevantes a esta pesquisa. Alguns desses aspectos estão ligados à questão da língua ou do “*to language*”.

De acordo com Michelotti (2011, p. 27), os vitrais são objetos compostos por fragmentos de vidro, combinados e fixados por pedaços de metal fundido,

---

[9] […] A definition of language is always, implicitly or explicitly, a definition of human beings in the world (WILLIAMS, 1977, p. 21, como no original).

[10] Tradução nossa: “linguadores”.

[11] PENNYCOOK, A. Landscapes and the Transgressive Semiotics of Graffiti. In: SHOHAMY, E. & GORTER, D. (Orgs.). **Linguistic Landscape:** expanding the scenery. New York, USA: Routledge, 2009.

em uma composição. Se ponderarmos sobre os grafites/as pichações, pode-se dizer que também são composições formadas por fragmentos – sendo que, dessa vez, são fragmentos de língua, retirados de "piscinas" de recursos linguísticos *ad hoc,* que diferem de pessoa para pessoa (GRABER, 2015, p. 352). Essas "piscinas" são nada menos do que os diferentes repertórios dos agentes, combinados e fixados por processos semióticos e socioculturais que incorporam outros materiais.

Além disso, o vidro é um material altamente versátil. De acordo com Michelotti (2011, p. 27), quando em estado de fusão, ele pode ser torcido, soprado, moldado em milhares de formas, e receber as mais diversas cores. Uma vez resfriado, pode ser cortado, polido, chanfrado, esculpido, pintado. O mesmo pode-se dizer da "língua", que também é altamente "versátil", pode ser desmontada e remontada (GRABER, 2015), seus recursos podem ser movidos (*vide* KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011), "fundidos" com outros e moldados em milhares de formas, muitas vezes não convencionais – caso do *codemeshing* (CANAGARAJAH, 2013). Além disso, os recursos linguísticos presentes nos grafites expressam os mais diferentes significados atribuídos pela mobilidade e pelas mãos de seus agentes. Portanto, os fragmentos de línguas políticas presentes nos grafites também podem ser "cortados", "juntados" e "esculpidos" por aspectos ligados ao meio ambiente sociolinguístico local.

Portanto, este trabalho adota a perspectiva de que as línguas são móveis, fragmentáveis e adaptáveis. Tal como salientam Kroon, Jie e Blommaert (2011, p. 2), não estamos falando de um sistema com características estruturais estáveis. Estamos dizendo, na verdade, que "a mudança é o sistema", uma vez que a língua pode ser modificada pelos sujeitos de acordo com o meio ambiente em que está inserida, e pela mobilidade. Nesse sentido, parece-me mais coerente falar de língua como verbo, i.e., "to language" (GARCÍA, 2009), considerando que as línguas não são códigos fixos, mas fluidos, moldados a partir de práticas sociais, o que permite performatividade.

Ainda sob esta perspectiva, de acordo com Canagarajah (2016, p. 450), a ideia dominante de "multilinguismo" tem como concepção a existência de

línguas separadas que são colocadas juntas, a “adição” de uma língua na outra, reforçando a ideia da “orientação monolíngue”. Nesse sentido, o autor utiliza o termo “to translanguaging” para falar do uso agentivo de recursos linguísticos móveis. Para ele, esta concepção chama a atenção para a “sinergia” entre os recursos que entram em contato, considerando que podem gerar novos significados e gramáticas.

Ainda para Canagarajah (2016, p. 450), as pessoas usam todos os recursos à sua disposição na ecologia local, como objetos, gestos e o corpo, para fazer sentido. Assim, a orientação translíngue trata a competência como forma de prática e não como forma de conhecimento. O foco muda, portanto, do que as pessoas fazem na comunicação, e não do que elas sabem.

Na subseção a seguir, discutimos a questão das línguas fragmentadas que fazem parte das práticas translíngues visíveis no espaço urbano, e que estão diretamente ligados à superdiversidade e à mobilidade de pessoas e de signos.

### 1.2.1 A tradução do termo “languaging”

Nesta seção, justifico a escolha pelos termos “to language” e “to translanguage”, em inglês, e não por sua tradução. Não questiono sua traductibilidade, considerando que há possibilidades como “linguar” ou “linguajar”. No entanto, optei pela versão em inglês para que o conceito não se perdesse. Traduzir para o português, nesse caso, teria algumas implicações e poderia confundir o leitor quanto ao que pretendemos exprimir.

A opção de tradução de “to language” por “linguajar”, por exemplo, pode sugerir que a palavra em português poderia ser entendida como verbo, mas também poderia ser interpretada como um substantivo. Um exemplo desse uso substantivado é a frase “o *linguajar* cuiabano está mais vivo do que nunca”[12]. Isso porque o uso substantivado deste termo é o mais comum no português.

A tradução de “to language” por “linguar” implica um neologismo que pode não expressar corretamente o que o termo em inglês quer dizer,

[12] Disponível em: <http://fuzuedasartes.blogspot.com.br/2011/12/linguajar-cuiabano.html>. Acesso em: 12 fev. 2018.

principalmente se, para manter o paralelismo, traduzimos “languaging” por “linguando”, ou “translanguaging” por “translinguando”.

Provavelmente a dificuldade de encontrarmos uma melhor tradução para o termo esteja mesmo na dificuldade de traduzirmos a palavra *language*, visto que as possibilidades “língua” e “linguagem” são coerentes e a opção por uma ou outra vai depender do contexto de uso e, ainda assim, em alguns momentos, será possível ambas as opções.

Dessa forma, para evitar mal entendidos quanto a uma tradução nossa, adotamos o mesmo procedimento de Antonieta Heyden Megale em sua tese de doutorado intitulada *Memórias e Histórias de Professores Brasileiros em Escolas Bi/Multilíngues de Elite* (UNICAMP, 2017, p.53), cuja opção foi pela manutenção dos termos *to language*, *languaging*, *to translanguage* e *translanguaging* no original. Entretanto, *translanguaging practices* pode ser traduzido por “prátices translíngues” sem afetar o entendimento o termo.

## 1.3 As paisagens (socio)linguísticas

As cidades contemporâneas são marcadas por um grande número de variados estímulos visuais, o que inclui placas de estabelecimentos comerciais, outdoors, letreiros luminosos, banners e cartazes. Além dos anúncios publicitários, há ainda placas indicativas de lugares, nomes de prédios, sinais de trânsito, propagandas políticas etc. Tudo isso faz parte da paisagem linguística (e social) urbana.

De acordo com Shohamy e Gorter (2009, p. 1), enquanto a língua é utilizada pelos indivíduos para falar e ouvir, é também representada e exibida de forma escrita, algumas vezes por razões funcionais e outras com propósitos simbólicos. Essas são representações criativas que compõem a ecologia em contextos locais, globais e transnacionais.

O conceito *Linguistic Landscape* (doravante paisagem linguística (PL) em português) foi cunhado por Rodrigue Landry e Richard Y. Bourhis, em 1997, com o trabalho *Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study*, publicado no *Journal of Language and Social Psychology.* Nesse estudo, os autores defendem a necessidade de considerar a PL como um importante fator sociolinguístico que contribui para a vitalidade de grupos

etnolinguísticos que competem em cenários multilíngues, utilizando, para a coleta de dados, questionários e testes aplicados a grupos de estudantes de Québec. Apesar de considerar também fatores sociolinguísticos em suas variáveis, a pesquisa se mostra essencialmente psicolinguística, utilizando análise fatorial e variáveis psicológicas para mensurar questões relacionadas ao bilinguismo francês-inglês.

Landry e Bourhis (1997) partem de três hipóteses: (i) a paisagem linguística emerge como um fator distinto e separado de outras medidas de contatos linguísticos; (ii) a paisagem linguística está mais fortemente relacionada às crenças e ao comportamento linguísticos exocêntricos do que às crenças e identidade étnica egocêntrica; (iii) quanto mais presente é uma língua nos sinais públicos, mais provável é o seu uso em certos domínios, especialmente no comercial e nas instituições públicas. Segundo os autores, essas hipóteses foram corroboradas pelos resultados da análise fatorial.

A ideia principal, portanto, é que a paisagem linguística pode exercer uma forte influência na representação cognitiva dos membros de uma comunidade em relação ao poder e ao *status* dela. Isso quer dizer que a experiência da paisagem pode afetar aspectos sócio-psicológicos do desenvolvimento bilíngue.

Dessa forma, em seu artigo, Landry e Bourhis (1997) definem PL como

> [...] a língua dos sinais públicos de trânsito, painéis publicitários, nomes de ruas, nomes de lugares, placas de estabelecimentos comerciais, e sinais públicos em prédios governamentais que se combinam para formar a paisagem linguística de um determinado território, região ou aglomeração urbana (LANDRY & BOURHIS, 1997, p. 25, tradução nossa)[13].

Ainda para os autores, a paisagem linguística tem duas funções: informacional e simbólica. No que tange à função informacional, segundo eles, a PL serve para informar membros de um grupo (e também de fora desse grupo) quanto a suas características em termos de língua, bem como os limites territoriais e as fronteiras linguísticas de uma região. Conforme acreditamos,

[13] […] the language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration (LANDRY & BOURHIS, 1997, p. 25, como no original).

atualmente, em tempos de superdiversidade, após quase vinte anos da publicação de Landry e Bourhis (1997), as cidades são plurilíngues e as fronteiras linguísticas não são tão nítidas (GUISAN, 2009). Portanto, torna-se difícil estabelecer limites territoriais e fronteiras para as línguas, uma vez que essas se movem pelos espaços, assim como as pessoas (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011).

Conforme defende Juffermans (2010), o estudo de Landry e Bourhis (1997), por ser essencialmente psicolinguístico, atualmente demanda pouco interesse por parte dos sociolinguistas. Porém, como acreditamos, o termo paisagem linguística só passou a ser utilizado em outros estudos, alguns anos depois, graças a este marco conceitual.

Em 2009, Elana Shohamy e Durk Gorter publicaram a obra *Linguistic Landscape: Expanding the Scenery*. Neste livro, vinte e oito estudiosos foram autores de vinte capítulos, nos quais expõem possibilidades de análise, metodologias e abordagens para o estudo da paisagem linguística de diferentes lugares do mundo.

No capítulo *Linguistic Landscapes and the Seed of the Public Sphere*, Florian Coulmans defende que a essência da paisagem linguística é tão antiga quanto o surgimento da escrita (que coincidiu com a urbanização). Para ele, a PL é uma cena cultural formada por agentes cujas motivações e intenções, bem como a língua escolhida e os significados simbólicos, devem ser levados em conta. Dessa forma, o estudo da PL histórica precisa olhar para quem produziu as inscrições que sobreviveram ao passado, onde essas inscrições foram criadas, e quais eram suas funções.

Já no capítulo de Eliezer Ben-Rafael, utiliza-se uma abordagem sociológica, considerando que fatos linguísticos são fatos sociais. Assim, os conceitos de *top-down* e *bottom-up* são citados. Para o autor, os elementos da PL considerados *top-down* são aqueles criados por especialistas e voltados para servir às políticas oficiais e à "cultura dominante". Os elementos *bottom-up* são criados de forma mais livre por atores autônomos. Ainda sobre esses conceitos, Thom Huebner, em seu capítulo, diz que a definição de *top-down* e *bottom-up* depende da perspectiva. Ele exemplifica com um aviso publicado no elevador de um edifício de escritórios pela empresa administradora do local,

que pode ser visto como *top-down* pelos inquilinos, mas também como *bottom-up* pelo governo do país.

Apesar de este livro ter trazido algumas inovações importantes no que tange ao estudo da PL, Juffermans (2010, p. 50) considera que as teorias são pouco sofisticadas e um tanto positivistas, uma vez que as preocupações centrais são contar as ocorrências de diferentes línguas ou avaliar a vitalidade etnolinguística.

> [...] Em meio a assertivas quantitativas do tipo "na vizinhança X, *n* por cento das placas são na língua A*, p* por cento são na língua B e *q* por cento são bilíngues*",* pouco se tenta explicar sobre as diferentes línguas que são usadas, qual mensagem é transmitida, como aquela mensagem é recebida, e como a língua interage com outros modos semióticos e categorias sociais (JUFFERMANS, 2010, p. 50).

Esse positivismo também está presente na obra *Linguistic Landscape in the city* (2010), organizada por Elana Shohamy, Eliezer Ben-Rafael e Monica Barni. Em alguns dos dezoito capítulos escritos por diferentes autores, há a preocupação com a comprovação de hipóteses por meio de números.

A presença de quantificação como aspecto principal dessas duas obras ilustra o que Blommaert e Maly (2014) e Blommaert (2016) chamam de "first wave" (primeira fase) dos estudos sobre paisagem linguística. Segundo os autores, essa primeira fase é marcada por uma abordagem sincrônica, estática e quantitativa. Blommaert e Maly (2014, p. 3, tradução nossa) ainda afirmam que, apesar de esses estudos mostrarem o multilinguismo em tempo real, "[…] falham em explicar como a presença e a distribuição das línguas podem estar ligadas a populações específicas e as relações entre elas"[14].

Essa abordagem quantitativa da PL é criticada por alguns estudiosos, que buscam apresentar novas possibilidades. Juffermans, por exemplo, já em 2010, defendia que uma análise de PL que apenas "conta" a língua acaba omitindo questões contextuais e não faz justiça à complexidade humana. Assim, para o autor, deve-se buscar uma postura mais descritiva e analítica, e um entendimento multissemiótico da PL, em que a língua não é a única

[14] […] fail to explain how the presence and distribution of languages could be connected with specific populations and communities and the relationships between them (BLOMMAERT & MALY, 2014, p. 3, como no original).

categoria em uma descrição do espaço público. Deve-se levar em conta, também, questões relativas ao meio ambiente, bem como recursos semióticos como cor, tipografia, tamanho, imagens etc.

Jan Blommaert, por sua vez, em sua obra *Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity*, publicada em 2013, propôs uma perspectiva mais ampla para o conceito de paisagem linguística. Para ele, o espaço físico é também social, cultural e político.

> [...] um espaço que oferece, permite, suscita, convida, prescreve, proscreve, controla politicamente ou impõe certos padrões de comportamento social; um espaço que nunca é terra de ninguém, mas sempre espaço de alguém; um espaço histórico, portanto, cheio de códigos, expectativas, normas e tradições; e um espaço de *poder* controlado por, bem como que controla, as pessoas (BLOMMAERT, 2013, s/p, tradução nossa)[15].

Nesse sentido, ele propõe um diagnóstico de construções sociais, culturais e políticas inscritas na paisagem linguística, e utiliza como título da seção o termo *sociolinguistic landscapes* (paisagens sociolinguísticas).

Para reforçar sua posição e trazer inovação aos estudos de PL, Blommaert e Maly (2004), em seu artigo *Ethnographic Linguistic Landscape Analysis and Social Change* ("Análise Etnográfica da Paisagem Linguística e mundança social"), propõem uma nova perspectiva. Assim, para eles, o estudo da paisagem linguística deve seguir uma perspectiva qualitativa e etnográfica, a fim de se buscar "traços de práticas comunicativas multimodais em um campo sociopoliticamente estruturado e historicamente configurado" (BLOMMAERT, 2016, p. 2, tradução nossa)[16]. Dessa forma, Blommaert (2016) considera que a essa perspectiva etnográfica nos estudos de PL tem as seguintes características: (i) historicização intrínseca à etnografia; (ii) indexicalidade; (iii) estrutura social considerada como dinâmica, fragmentada e essencialmente estocástica, i.e., caótica.

---

[15] [...] a space that offers, enables, triggers, invites, prescribes, proscribes, polices or enforces certain patterns of social behavior; a space that is never no-man's land, but always somebody's space; a historical space, therefore, full of codes, expectations, norms and traditions; and a space of *power* controlled by, as well as controlling, people (BLOMMAERT, 2013, s/p, como no original).

[16] […] traces of multimodal communicative practices within a socio-politically structured field which is historically configured (BLOMMAERT, 2016, p. 2, como no original).

Assim, concomitantemente à primeira fase, a “segunda fase” tem sido desenvolvida, buscando-se não uma ciência exata, permeada por números e análises contrastivas, mas uma descrição densa e analítica de meio ambientes sociolinguísticos complexos através de suas paisagens.

Na próxima seção, falaremos sobre os grafismos urbanos que estão presentes nesta pesquisa, bem como sobre sua origem.

## 1.4 Os grafismos urbanos

As pichações fazem parte do processo de comunicação urbana, constituindo-se em uma manifestação visual subjetiva principalmente de jovens e adultos. A prática é considerada dano ao patrimônio público e privado. De acordo com a Lei Nº 2.848, de 1940 (publicada há 78 anos, o que demonstra que nunca foi revista desde então) os atos de destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia (mas afinal, o que é considerado “deterioração de coisa alheia” e o que não é?) são punidos com detenção de 1 a 6 meses, ou multa. No caso de menores de idade, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Nº 8.069/90) diz que o sujeito deve restituir a coisa, promover o ressarcimento do dano ou compensar o prejuízo de qualquer outra forma.

Mesmo sendo julgados pela lei ou sob o risco de punição, muitos artistas de rua continuam se expressando através de pichações (sempre de forma furtiva) ou de graffiti (por vezes não autorizados, mas por vezes até contratados por instituições). O assunto sempre é polêmico, uma vez que há uma discordância sobre a prática de tais manifestações. Algumas pessoas as entendem como arte marginal, parte integrante da paisagem urbana; outras as vêm como pura transgressão e desrespeito ao patrimônio.

No entanto, o que nos interessa neste trabalho não é exatamente discutir questões éticas, morais ou jurídicas ligadas à prática. Aqui, as pichações/graffitis serão objetos de estudo, uma vez que as entendemos como recursos linguísticos e visuais dispostos na paisagem das cidades. Esses recursos, na cidade de Juiz de Fora/MG, não parecem ser apenas manifestações na língua local (variedade juizforana do português). Conforme

verificamos até o momento da pesquisa, há a coexistência e a convivência de recursos pertencentes a línguas diferentes.

Neste trabalho, adotamos a expressão “grafismos” (PENNACHIN, 2003) para nos referirmos ao graffiti e às pichações presentes no espaço urbano. Neste meio, também incluímos o chamado “grapicho” e manifestações similares, que reutilizam os espaços públicos e desafiam a propriedade privada, subvertendo a ordem simbólica com a apropriação do espaço do outro.

Com o intuito de esclarecer algumas questões sobre os grafismos urbanos, utilizamos principalmente os trabalhos de Tartaglia (2010) e Gitahy (1999), bem como alguns fragmentos de entrevistas realizadas com pichadores via rede social, especificamente para esta pesquisa.

De acordo com Tartaglia (2010, p. 21), no Brasil, o graffiti é constantemente confundido com pichação. A própria legislação brasileira enquadra ambos como crimes ambientais, com a Lei nº 9.605/98, que estabelece detenção de três meses a um ano, e multa, para quem praticá-los sem autorização.

Para o site “Artistas na rua”[17], a lei que criminaliza tanto a pichação quanto o grafite não considera as diferenças entre as duas formas de manifestação cultural. Isso porque “[...] o grafite brasileiro ganha cada vez mais espaço, inclusive fora do país, onde nossos artistas são chamados para montar diversas exposições”. Para os autores do site, “[...] ao contrário da pichação, o grafite é baseado em desenhos. Todas as letras e figuras utilizadas nas pinturas são pensadas, elaboradas, desenhadas e coloridas cuidadosamente, para que representem aquilo que o artista quer mostrar”. Dessa forma, o grafite é considerado como uma arte legal e profissional, desde que seja feita com autorização ou sob contratação pelo proprietário do local.

Tartaglia (2010) também considera que confundir graffiti e pichação é um equívoco. De acordo com o autor,

> [...] Esteticamente o graffiti distingue-se da pichação pela composição das letras e dos personagens. Enquanto a pichação busca apenas a assinatura simples de pseudônimos e siglas referentes aos grupos que as imprimem, o graffiti

[17] Disponível em: <http://www.artistasnarua.com.br/textos/grafite-e-pichacao>. Acesso em: 11 jul. 2015.

> ornamenta as letras de um pseudônimo através de cores e efeitos matizados da tinta spray (TARTAGLIA, 2010, p. 22).

Assim, na maioria das vezes, o graffiti constitui painéis temáticos, em sentido horizontal, pintados em sua maioria em muros, e a pichação pode ser feita horizontal ou verticalmente (em prédios altos, por exemplo). Além disso, a pichação – ao contrário do graffiti, que demanda uma maior variedade de materiais, tempo e dedicação para se atingirem os efeitos estéticos desejados –, tem uma estética própria, uma vez que é feita de forma rápida e furtiva. Geralmente, é constituída por frases curtas e principalmente por *tags* (assinaturas de indivíduos ou grupos que praticam pichação).

Para Lassala (2015, p. 326, grifo nosso),

> [...] "pichação" é uma ação de transgressão para marcar presença ou chamar atenção para alguma causa, principalmente em ambientes externos do espaço público urbano. **Não preza por um padrão em relação ao conteúdo e à forma, de modo que qualquer pessoa pode atuar com as mais diversas ferramentas para desenhar, pintar, escrever ou rabiscar**.

Dessa forma, apesar de ter uma estética própria, a pichação não presa por um padrão, o que quer dizer que qualquer pessoa pode deixar sua marca.

A palavra "graffiti" vem do italiano e significa "escritas feitas com carvão". Isso porque os romanos tinham o costume de escrever com carvão nas paredes de suas construções para protestar, profetizar e divulgar leis e acontecimentos públicos (TARTAGLIA, 2010, p. 20). Não só por isso optamos pelo termo "graffiti" (e não grafite), mas também porque é o mais utilizado pelos grafiteiros de Juiz de Fora e de todo o Brasil.

A seguir, apresentamos uma fotografia de um graffiti assinado por um grupo de grafiteiros de Juiz de Fora:

**Figura 1: Graffiti assinado pelo "Underground Crew", grupo de JF**



Fonte: Disponível na página *Underground Crew*, da rede social *Facebook*.

Em alguns momentos desta pesquisa, a palavra "pixação" (com "x") também será utilizada. Além de ser o termo mais utilizado pelos pichadores – "separar graffiti e pixação (Brasil)" (FRAGMENTO DE ENTREVISTA COM D., 2015) – representa o "movimento pixação" de São Paulo, que utiliza códigos (segundo Lassala (2010), uma "gramática própria") que, geralmente, não são entendidos por quem está fora da cultura do spray.

A seguir, apresentamos uma fotografia de uma pixação de São Paulo, cuja divulgação foi autorizada pelo entrevistado.

**Figura 2: Manifestação assinada por pixador da cidade de São Paulo**



Fonte: Fotografia cedida em entrevista via rede social.

No que tange aos *grapichos* (ou *grapixos*, para Lassala (2010)), são manifestações que apresentam uma técnica intermediária à pixação e ao graffiti (GITAHY, 1999; LASSALA, 2010). O grapixo, então, apresentaria a assinatura comum ao pixo, mas com mais cores e mais elaborada, assemelhando-se a uma ilustração. No entanto, não seria tão elaborada quanto o graffiti.

A seguir, apresentamos uma fotografia do que pode ser considerado "grapicho", tirada pela pesquisadora na cidade de Juiz de Fora.

**Figura 3: Praça Pedro Marques, Santa Helena, 10 abril de 2017**




Fonte: Fotografia tirada durante a pesquisa de campo.

É verdade que há uma linha tênue entre o que separa o graffiti da pichação, bem como do grapicho. Isso porque todas essas manifestações, apesar das diferenças que citamos, têm uma mesma origem (sobre a qual falaremos na seção a seguir), são efêmeras, e têm, em sua maioria, um caráter contestatório. Além disso, utilizam tinta spray em diferentes suportes urbanos, públicos ou privados (muros, prédios, vagões de trem etc.). Por isso, muitas vezes, fica difícil definir em que categorias podem ser enquadradas determinadas manifestações presentes nas paisagens sociolinguísticas das cidades.

Na seção a seguir, falaremos sobre as origens e a história do *graffiti* e da pichação no Brasil e no mundo.

### 1.4.1 Um pouco de história: de onde vêm os grafismos urbanos?

De acordo com Maurício Villaça, artista plástico e um dos precursores do graffiti no Brasil, “desde a pré-história, o homem come, fala, dança e graffita”. O artista dizia isso ao pensar na arte rupestre, que teve início no período Paleolítico Superior. O homem, naquela época, fazia desenhos e pinturas nas paredes e nos tetos das cavernas, as quais representavam animais, caçadores e símbolos, “muitos dos quais, ainda hoje, são enigmas para os arqueólogos” (GITAHY, 1999, p. 11). Utilizavam-se, para a realização dessas pinturas, ossos, pedras, sucos de plantas, gordura de animais etc.

Depois disso, outras civilizações tiveram ideias similares, como os romanos, que escreviam nas paredes com pedaços de carvão, como citamos na seção anterior. No entanto, o *graffiti,* propriamente dito, com algumas das características que conhecemos hoje, surgiu apenas durante os anos 1970, em Nova York, influenciado principalmente pelo *muralismo mexicano* – que surgiu em 1922, com a pintura de grandes painéis em espaços públicos, como museus, universidades etc., a partir do engajamento político dos artistas –, e da cultura *pop art* – movimento artístico que surgiu na década de 1950, na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade na década de 1960, nos Estados Unidos, e pregava que a arte estava ao alcance de todos e que os indivíduos tinham autonomia e capacidade decisória para fazê-la (TARTAGLIA, 2010).

Ainda, ao final dos anos 1960, surgiu um movimento de proporções internacionais, presente em todo o ocidente – a *contracultura*. Ela trazia reivindicações políticas de grupos marginalizados na sociedade, pedindo liberdade de expressão e mais direitos às mulheres, aos negros, aos jovens e aos homossexuais. Naquele momento, os estudantes e jovens de Nova York começaram a agir por meio de passeatas e pichações pelos muros da cidade, e foram, muitas vezes, reprimidos por ação policial (TARTAGLIA, 2010).

Com o surgimento do *hip-hop*, no início dos anos 1970, a fim de dar voz aos socialmente subjugados, o *graffiti* se consagrou como a expressão plástica deste estilo musical. Era considerado como uma marca visual do hip-hop.

Já no Brasil, a pichação surgiu em 1964, como forma de manifestação contra a ditadura, em uma época de intensa repressão. “Essas inscrições funcionaram durante a ditadura como um importante instrumento de denúncia e ferramenta política”, apesar de seu uso não estar vinculado apenas a essas questões. Muitas vezes, as pichações e o *graffiti* são utilizados também como forma de autoafirmação, i.e., como uma forma de os jovens dizerem “eu estou aqui, eu existo”, diante de uma sociedade cosmopolita e de consumo (TARTAGLIA, 2010, p. 48). Isso sugere que podemos estar de frente para padrões de opressão.

O que percebemos, atualmente, no contexto brasileiro, é que mesmo que nem todos os grafismos urbanos contenham inscrições declaradamente políticas, todos carregam um pouco deste simbolismo, considerando sua origem como manifestação política e a subversão e a reivindicação do espaço público.

No próximo capítulo deste trabalho, falaremos sobre questões metodológicas, o que inclui abordagem qualitativa, método etnográfico, bem como os instrumentos que utilizamos para a coleta de dados e o cenário escolhido para o trabalho de campo.

# 2. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Considerando as questões a serem discutidas na tese proposta, as principais etapas para a realização desta pesquisa foram:

(a) revisão bibliográfica acerca de conceitos sociolinguísticos necessários para a pesquisa;

(b) coleta de imagens (fotografias) de grafismos urbanos com recursos linguísticos diversos por toda a cidade;

(c) realização de entrevistas via rede social com grafiteiros e pichadores da cidade de Juiz de Fora;

(d) análise qualitativa das fotografias e das entrevistas, com vistas aos recursos utilizados e ao mito do monolinguismo na cidade pesquisada e no Brasil;

(e) análise qualitativa geral das informações levantadas pelo processo de investigação.

Neste capítulo apresentaremos a metodologia utilizada nesta pesquisa. Na primeira seção, falaremos especificamente sobre a abordagem qualitativa, bem como sobre como ela se aplica a este trabalho. Na segunda seção, discorreremos sobre a etnografia sociolinguística e, posteriormente, sobre etnografia visual, destacando o uso da câmera fotográfica, principal instrumento para a coleta de dados. Na terceira seção, falaremos sobre as entrevistas realizadas com pichadores e grafiteiros da cidade. Na quarta e última seção, apresentaremos a cidade de Juiz de Fora, cenário desta pesquisa.

## 2.1 A Abordagem Qualitativa

Nesta seção, discorreremos sobre a abordagem qualitativa, considerando sua relevância para o desenvolvimento científico de diversas

áreas. Dessa forma, apresentaremos algumas de suas características principais.

A abordagem qualitativa surgiu a partir da segunda metade do século XIX, buscando investigar questões sociais. Uma das primeiras pesquisas realizadas com esta abordagem foi escrita por Frédéric Le Play (1855), intitulada *Les ouvriers européens* (Os trabalhadores europeus). A partir de observação direta da realidade, discutiu-se a situação de famílias das classes trabalhadoras da Europa.

Conforme destacam Denzin e Lincoln (1994, p. 15), a pesquisa qualitativa foi utilizada primeiramente na sociologia e na antropologia. No século XX, mais especificamente nas décadas de 1920 e 1930, o trabalho realizado pela Escola de Chicago, na sociologia, determinou a importância da investigação qualitativa para o estudo da vida de grupos humanos. Na mesma época, na antropologia, os estudos de Boas, Mead, Benedict, Bateson, Evans-Pritchard, Radcliffe-Brown e Malinowski delinearam os contornos do método de trabalho de campo. A partir dos anos 1960, a pesquisa qualitativa começou a ganhar espaço em outras áreas voltadas para o estudo social, tais como a educação, a psicologia e a comunicação.

Podemos dizer que a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, tal como a pesquisa quantitativa. Os interesses e questões geralmente são amplos, sendo definidos na medida em que o estudo é desenvolvido. Em nosso caso, por exemplo, a ideia inicial era olhar para a diversidade da paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora, sem um foco definido *a priori.* Com o desenvolvimento da pesquisa, a partir da obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto da pesquisadora com a situação estudada, a pesquisa foi sendo delimitada.

Denzin e Lincoln (1994, p. 2) comparam a pesquisa qualitativa a uma *bricolagem*, i.e., a um tipo de “faça você mesmo profisssional”, a partir de um conjunto de práticas que propõem uma solução a uma situação concreta. Assim, para os autores, o pesquisador qualitativo, enquanto *bricoleur* (aquele que faz a bricolagem), usa as ferramentas metodológicas, as estratégias e os

materiais empíricos que estiverem ao seu alcance, ou inventa as próprias ferramentas. Para eles, as escolhas do pesquisador dependerão das práticas necessárias para responder às perguntas de sua pesquisa.

Ainda, segundo Denzin e Lincoln (1994, p. 3), o pesquisador qualitativo deve entender que a pesquisa é um processo interativo, moldado por sua história pessoal, sua biografia, seu gênero, sua classe social, e sua origem étnica, bem como daquelas pessoas que fazem parte do cenário da pesquisa. Assim, para os autores, a análise qualitativa pode ser compreendida como uma abordagem que parte das reflexões de um pesquisador multiculturalmente situado, o qual tem por objetivo refletir sobre o mundo (em nosso caso, sobre os produtos de letramento, mais especificamente sobre os grafismos urbanos e a superdiversidade em Juiz de Fora/MG), utilizando-se de um conjunto de ideias e preceitos (teorias, ontologias), com o intuito de explicar uma série de questões, as quais serão posteriormente analisadas de forma específica. Para tal, os pesquisadores dispõem de um vasto conjunto de métodos interpretativos interconectados que visam a descrever e decodificar os componentes de um complexo sistema de significados. Nesse sentido, devem sempre procurar os melhores caminhos para uma melhor reflexão acerca do mundo de experiência estudado.

Sabe-se que há uma diversidade grande entre os estudos qualitativos, mas algumas características principais são: (i) o ambiente natural é fonte de dados para o pesquisador; (ii) há um caráter descritivo e a análise dos dados é indutiva; (iii) as preocupações do pesquisador estão ligadas principalmente aos significados que as pessoas atribuem às coisas e à sua própria vida.

Como esse é um estudo qualitativo, opõe-se ao estudo quantitativo, no qual o pesquisador tem hipóteses claramente definidas e variáveis operacionalmente determinadas, seguindo um plano previamente estabelecido. Nossa intenção não é contar as ocorrências dessas manifestações, mas analisá-las com os recursos de que dispomos e evidenciar que a superdiversidade está por toda parte, até mesmo em uma cidade do interior do Brasil.

Para Duarte (2002, p. 140), uma pesquisa não costuma falar sobre algo absolutamente original. No entanto, é um modo diferente de olhar e pensar

determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são bastante pessoais. Utilizamos, neste processo, principalmente fotografias, mas também entrevistas com pichadores e grafiteiros da cidade.

## 2.2 A etnografia sociolinguística: "uma ideia na cabeça"

Esta pesquisa é de inspiração etnográfica, uma vez que vamos a campo, em Juiz de Fora/MG, utilizando como instrumento para a coleta de dados principalmente uma câmera fotográfica, para posteriormente realizarmos uma descrição densa (GEERTZ, 1973) da paisagem sociolinguística da cidade no que se refere aos grafismos urbanos. A intenção é captar os fragmentos de línguas que se moveram, os recursos linguísticos dispostos nesta paisagem. O que vemos são, na verdade, "produtos" de práticas de letramento em espaços públicos, resultados da agentividade de indivíduos que possuem diferentes recursos linguísticos em seus repertórios, e que, por isso, estão longe de ser monolíngues. Esta pesquisa, portanto, tal como afirma Juffermans (2010, p. 195), não busca estudar a língua como objeto, mas estudar o que e como as pessoas "*to language*".

Escolhemos a etnografia, neste caso, porque a intenção é registrar, através de fotografias e de uma descrição densa, o que acontece na cidade, em tempo real, em termos de paisagem sociolinguística. Considerando que "os textos estão em todos os lugares" (JUFFERMANS, 2010, p. 1), nosso foco são os grafismos urbanos, apesar de a paisagem ser permeada por produtos de letramento superdiversos *(banners*, placas de lojas, sinais de trânsito etc.).

Esta pesquisa, na verdade, começou de uma forma diferente, tal como defende Juffermans (2010, p. 4) sobre sua própria pesquisa:

> [...] as questões não surgem antes, mas principalmente durante a pesquisa de campo. Na pesquisa etnográfica, frequentemente não se sabe o que encontrará, até realmente sair em campo e se deparar com o objeto de pesquisa.

Começamos, portanto, observando a paisagem sociolinguística da cidade como um todo. As fotografias tiradas no início da pesquisa retratavam

outros aspectos da paisagem, tais como recursos não linguísticos (bandeiras expostas em prédios e residências na época da Copa do Mundo de Futebol, por exemplo) e produtos de letramento diversos (placas de lojas e anúncios publicitários, por exemplo). Com o tempo, fomos percebendo que os grafismos urbanos mereciam destaque no cenário escolhido para a pesquisa, em termos de riqueza dos recursos linguísticos utilizados. Foi possível encontrar, nos muros da cidade, grafites e pichações em português, francês, espanhol, italiano, inglês, *codemeshing*, e até mesmo latim, até o momento. Se esses recursos foram adicionados aos repertórios dos indivíduos por meios formais ou informais, não é possível dizer. No entanto, é inegável que são indícios da superdiversidade e da mobilidade dos signos.

Segundo Neves (1996, p. 1), esse tipo de pesquisa pode ser (re)direcionada ao longo de seu desenvolvimento, uma vez que ela se dedica à obtenção de dados descritivos a partir do contato do pesquisador com a situação objeto de estudo. Isso quer dizer que, nessa abordagem, valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada, uma vez que ele é o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados (GODOY, 1995, p. 62).

Dessa forma, a pesquisa ganhou um novo direcionamento. Construímos novas indagações ao longo da pesquisa, com a certeza de que novas surgirão até o final desta pesquisa. Assim como afirmam Hammersley e Atkinson (1983), a cada momento de reflexividade sobre a pesquisa, é possível que se modifique o caminhar.

Assim como Juffermans (2010, p. 6), a sociolinguística que defendemos aqui é holística e etnográfica, com uma perspectiva centrada na língua para entender a sociedade. Para chegar a esse entendimento, não há uma fórmula teórica pronta, uma vez que as realidades sociais são um tanto complexas e variadas. Para entendê-las, precisamos primeiramente e principalmente descrevê-las. “Mais do que precisamos entender para descrever, precisamos descrever com o objetivo de entender” (JUFFERMANS, 2010, p. 6).

Portanto, nossa intenção com esta pesquisa não é comprovar hipóteses. Diante de uma realidade tão complexa e dinâmica, seria pretensão acreditar que podemos concluir ou comprovar algo. Neste contexto de mudanças, não

há como ter conclusões finais, não há verdades absolutas, mas apenas a relatividade de interpretações e das considerações do pesquisador/observador diante da realidade estudada.

### 2.2.1 A Etnografia Visual: “uma câmera na mão”

Este trabalho tem como principal instrumento de coleta de dados a câmera fotográfica, elemento indispensável, de acordo com Gorter (2006), para fazer da paisagem sociolinguística um objeto de estudo.

De acordo com Collier e Collier (1986, p. 9), a fotografia é um processo abstrato de observação, mas muito diferente da nota de campo, por exemplo, em que as informações são preservadas de forma escrita. Assim como nas anotações de campo, a fotografia também permite selecionar informações, mas essas são bastante específicas, com relações contextuais que possivelmente seriam perdidas de outra forma.

No entanto, a câmera fotográfica também tem suas limitações. Essas são, ainda segundo Collier e Collier (1986, p. 10), fundamentalmente as limitações do pesquisador que a utiliza. Isso quer dizer que é preciso uma observação humana acurada neste processo.

Os critérios para a seleção de imagens a serem fotografadas, neste trabalho, foram inevitavelmente ecléticos e impressionistas, determinados pelo olhar da pesquisadora e sua subsequente audácia em invadir terreno semipúblico (JUFFERMANS, 2010). Isso não quer dizer que os signos foram registrados aleatoriamente. Eles foram avaliados e selecionados pela pesquisadora, um ser humano agentivo, que tem uma atitude em torno do objeto de estudo e uma voz própria.

De acordo com Barthes (1964), toda imagem é polissêmica, i.e., capaz de gerar múltiplos significados no processo de visualização, podendo o interlocutor / leitor escolher alguns significados e ignorar outros. Para ele, a polissemia pode gerar dúvidas quando ao sentido da imagem, que podem ser esclarecidas pela linguagem verbal. Sob essa mesma perspectiva, Byers (1966, p. 31) diz que a fotografia não é uma mensagem no sentido convencional, mas matéria-prima para um número infinito de mensagens que

cada espectador pode construir. Nesse sentido, o processo de visualização é uma interação entre o fotógrafo, o espectador e a imagem, uma vez que o significado é ativamente construído, e não passivamente recebido.

Dessa forma, apresentaremos, no Capítulo 4, algumas fotografias de grafismos urbanos, para posteriormente as descrevermos e discutirmos, de forma a compartilhar as impressões e interpretações da pesquisadora em campo. Não serão inseridas todas as fotografias na análise deste trabalho; no entanto, as demais serão disponibilizamos no Apêndice A. Ao todo, entre 2014 e 2017, somamos 120 fotografias de grafismos urbanos que apresentam recursos linguísticos diferentes do português. Elas foram tiradas com celular ou câmera fotográfica, i.e., com os instrumentos de que dispunha a pesquisadora no momento em que visualizou determinado grafismo. Algumas fotos, ainda, foram enviadas por colaboradores via *Whats App* ou *e-mail.*

De acordo com Attané e Langewiesche (2005, p. 136), "o documento fotográfico permite transformar impressões em dados", facilitando a descrição por três razões: (i) permite fixar uma observação visual; (ii) registra detalhes que a observação direta nem sempre leva em consideração; (iii) torna perene um instante e a percepção que o fotógrafo teve naquele momento. Já para Verger (1991, p. 168 *apud* ATTANÉ & LANGEWIESCHE, 2005), a fotografia "[...] tem a vantagem de parar as coisas e, assim, permitir ver o que tinha sido apenas entrevisto e imediatamente esquecido quando uma nova impressão veio apagar a precedente". Podemos dizer, então, que no que tange aos registros dos grafismos urbanos, a fotografia se mostra muito útil, principalmente considerando o caráter transitório (já que em um dia, está em uma parede, mas no outro dia, pode ter sido apagado ou sobreposto por outra inscrição).

Na próxima seção, falaremos sobre as entrevistas realizadas durante esta pesquisa.

## 2.3 As entrevistas

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas sete entrevistas. No início da pesquisa, não estabelecemos uma meta ou um limite,

principalmente devido às dificuldades na coleta de depoimentos, uma vez que falamos de atividades consideradas ilícitas. Há uma dificuldade em conseguir informantes, tanto no que tange ao grafite quanto à pichação. Muitas vezes, os grafiteiros são também pichadores, e os pichadores têm receio em assumir sua identidade para um pesquisador.

As perguntas realizadas foram adequadas para os pichadores e os grafiteiros, conforme Quadros 1 e 2. Isso porque as realidades de suas atividades são diferentes (apesar de terem uma mesma origem), e as formas como os participantes tratam a pichação (como forma de protesto, por exemplo, como discutiremos nos capítulos posteriores desta tese) e o graffiti (como profissionalização) são também distintas. No que tange à realidade de Juiz de Fora, percebemos que muitos pichadores não se veem como grafiteiros, uma vez que os objetivos de sua arte são diferentes. Optam, portanto, por ser chamados de “pixadores”.

Para a coleta das entrevistas, adotamos os seguintes critérios de inclusão[18]: (i) residir na cidade de Juiz de Fora/MG; (ii) pertencer ao grupo social de pichadores da cidade de Juiz de Fora/MG. Para a realização das entrevistas, adotamos os seguintes procedimentos:

- investigação em redes sociais e Internet no geral sobre pessoas que participam de comunidades de pichadores de Juiz de Fora;
- investigação na Internet sobre grafiteiros da cidade;
- contato através da rede social *Facebook*, *inbox,* solicitando entrevista;
- conversa individual *inbox* no Facebook, em caso de acordo.

É relevante destacar que os grafiteiros e pichadores entrevistados não são necessariamente os autores das manifestações linguísticas analisadas nesta tese. São, na verdade, aqueles que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Considerando estas questões, as perguntas feitas para os pichadores de acordo com o Quadro 1, apresentado a seguir, com algumas adequações, quando necessário:

[18] Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora sob o Parecer nº 2.459.033.

**Quadro 1: Perguntas feitas aos pichadores da cidade de Juiz de Fora**

| |
|---|
| 1. Quais são sua idade e sexo? |
| 2. Há quanto tempo picha? |
| 3. Por que você picha? O que busca expressar? |
| 4. O que é mais legal na pichação? Do que você mais gosta? |
| 5. Para você, qual é a diferença entre grafite e pichação? |
| 6. Você se considera parte do movimento pixação (com “x”), que teve início em São Paulo? |
| 7. Você usa *tag reto* ou prefere palavras que podem ser lidas por qualquer um? Por quê? |
| 8. Você costuma usar línguas estrangeiras na sua arte? |

Fonte: elaborado pela autora.

Para os participantes que se autodenominam grafiteiros, as perguntas foram feitas segundo o Quadro 2, com algumas adequações, quando necessário:

**Quadro 2: Perguntas feitas aos grafiteiros da cidade de Juiz de Fora**

| |
|---|
| 1) Há quantos anos atua na cena grafite-pichação em JF? |
| 2) Qual é a intenção do grafiteiro ou pichador ao fazer uma pichação? O que se busca expressar? |
| 3) Estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)? |
| 4) O que são os “crews”? |
| 5) Você faz parte de algum "crew"? Qual? |
| 6) Li em alguns artigos que as pichações e o grafite estão ligados ao hip-hop e ao skate. Só temos pichadores em JF que curtem essas duas coisas? |
| 7) Você conhece pichadores que são universitários? |
| 8) Qual é a idade média dos pichadores-grafiteiros de Juiz de Fora? |
| 9) Mais ou menos quantos grafiteiros você acredita que haja em JF? Há uma estimativa? |

Fonte: perguntas elaboradas pela pesquisadora.

Até o momento, foram realizadas 7 entrevistas, sendo 4 com pichadores e 3 com grafiteiros de Juiz de Fora/MG. As entrevistas, neste trabalho, têm um papel importante, uma vez que servem como complemento para a análise, considerando que os espaços públicos são habitados por pessoas que estão em constante interação.

## 2.4 o cenário da pesquisa: o meio ambiente sociolinguístico atual da cidade de Juiz de Fora

A escolha de Juiz de Fora se deu por ser cidade do interior com potencial para o que defendemos, considerada uma "cidade universitária" que atrai pessoas de várias regiões do país e do mundo. A ideia nasceu da observação das pesquisadoras com relação ao uso de recursos de línguas diversas na paisagem da região.

Não delimitamos um bairro específico, uma vez que a intenção não é quantificar as manifestações linguísticas que tenham recursos de diferentes línguas enquanto entidades políticas, mas descrever comportamentos e o cenário como um todo, através de observações e da interpretação dos dados coletados. Dessa forma, nosso lócus de pesquisa são as oito zonas da cidade – Centro, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Sudeste e Sul –, o que cobre uma área de 1.429,875 km². Quanto ao recorte cronológico, esta pesquisa será realizada entre os anos de 2014 e 2018.

A cidade de Juiz de Fora está localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, a cerca de 280 km da capital Belo Horizonte. De acordo com o último censo demográfico realizado IBGE, no ano de 2010, possuía um total de 516.247 habitantes, com densidade demográfica de 359,59 hab/Km². No ano de 2013, a estimativa era de 545.942 pessoas.

Ainda de acordo com dados do IBGE, um terço da população de Juiz de Fora, em 2010, não tinha nascido na cidade. Isso representava 173.209 de 516.247 habitantes. Ainda, cerca de 50.221 residentes em Juiz de Fora tinham vindo de outros estados. Esses números, conforme matéria publicada no jornal Tribuna de Minas, no dia 28 de abril de 2012 (ANEXO H), não levavam em conta a maioria dos estudantes de fora, uma vez que as pessoas que têm família em outras cidades, mas vivem em Juiz de Fora e fazem uso da rede de

ensino local, normalmente são contabilizadas como habitantes dos municípios onde seus pais residem. Por isso, o número de pessoas de fora presentes no dia a dia da cidade é ainda maior.

Em 2010, Juiz de Fora já era a segunda cidade mineira em número de residentes estrangeiros, somando 1.050 pessoas. O município, que tem a característica de atrair imigrantes, contava ainda com 186 habitantes naturalizados brasileiros. Hoje, esse número com certeza é muito maior. Isso porque a cidade cresce, a cada dia, a olhos vistos. Além disso, a Universidade Federal de Juiz de Fora, junto ao governo federal, tem expandido suas políticas de intercâmbio.

A história da cidade de Juiz de Fora sempre foi pontuada por movimentos migratórios, desde sua fundação. Tais movimentos, no passado, aconteceram com o intuito de suprir as necessidades de mão de obra na cidade (bem como de fugir de problemas encontrados na terra natal dos emigrados), que estava em franco desenvolvimento. Nos dias atuais, pode-se dizer que a economia da cidade gira em torno, principalmente, do contingente populacional e turístico atraído pela Universidade Federal de Juiz de Fora, fundada no ano de 1960. De acordo com o professor do Departamento de História da UFJF, Marcos Olender, em entrevista ao jornal Tribuna de Minas[19], em 27 de abril de 2012 (ANEXO H), “temos uma nova leva de visitantes de outras nacionalidades que se estabelecem temporariamente aqui [em Juiz de Fora], principalmente vinculados a programas de intercâmbio.” Ainda segundo a referida reportagem, a UFJF contava, na época, com cerca de 120 alunos estrangeiros, sendo muitos europeus e africanos.

O que queremos dizer, ao apresentarmos essas questões, é que Juiz de Fora é uma cidade na qual os contatos linguísticos/culturais são intensos e frequentes. Isso pode colaborar, juntamente ao uso das mídias em geral, para a formação de repertórios cada vez mais diversificados.

No que tange às pichações, segundo uma reportagem publicada no Jornal Tribuna de Minas em 17 de dezembro de 2014 (ANEXO J), na Rua São Mateus, Zona Sul da cidade, ao longo de 1,4 quilômetro, há uma a cada 20

[19] Disponível em: http://www.tribunademinas.com.br/cidade/jf-e-segunda-de-mg-em-numero-de-imigrantes-1.1082427. Acesso em: 25 nov. 2013.

metros em algum muro, parede ou portão. A realidade, segundo o jornal – e como podemos notar ao circular pela cidade –, não é exclusiva daquela rua.

Como percebemos ao longo desta pesquisa, muitas dessas pichações e dos grafites realizados pela cidade se manifestam através de línguas outras que não o português. Apesar de tratarmos de um cenário específico, acreditamos que essa dinâmica intercultural reflete, em grande medida, o que tem ocorrido em outras partes do Brasil e do mundo, uma vez que há cada vez mais mudanças em termos de organização espacial – seja local ou translocal e/ou real ou virtual – e, consequentemente, em termos de diversidade cultural e de repertórios comunicativos.

Quanto ao grafite, há eventos, tais como mostras de grafite e encontros de grafiteiros, produzidos regularmente pela Associação Juizforana de Hip Hop (AJH2). Essa associação, sem fins lucrativos, foi criada em 2010.

No capítulo a seguir, analisaremos algumas questões presentes nas entrevistas realizadas via rede social com pichadores e grafiteiros da cidade. Isso porque é preciso considerar que a análise da paisagem sociolinguística envolve também os indivíduos que a produzem e o contexto de produção.

# 3. O QUE DIZEM OS PICHADORES E GRAFITEIROS DA CIDADE DE JUIZ DE FORA/MG?

Neste capítulo, apresento alguns fragmentos das entrevistas realizadas com grafiteiros e pichadores da cidade de Juiz de Fora. Ao todo, foram 7 entrevistados via rede social, sendo que 4 se autointitulam como pichadores e 3 como grafiteiros. Utilizo apenas a letra inicial das assinaturas (*tags*) para identificar os participantes, a fim de preservar suas identidades.

A análise dos fragmentos apresentados – os quais foram transcritos como no original –, será realizada sob um viés qualitativo, buscando mostrar alguns pensamentos e opiniões dos pichadores e grafiteiros da cidade de Juiz de Fora. Nos anexos deste trabalho, apresento as entrevistas na íntegra. No entanto, as respostas da entrevista com J. (pichador) foram enviadas em áudio via rede social, uma vez que era preferência do participante. Assim, transcrevi os áudios e também anexei neste trabalho.

A seguir, apresentamos os 7 entrevistados desta pesquisa. Caracterizamo-los como pichador ou grafiteiro nesta pesquisa porque é como eles mesmos preferem se identificar.

**Quadro 3: Pichadores e grafiteiros entrevistados nesta pesquisa**

| | ENTREVISTADOS | MEIO A PARTIR DO QUAL A ENTREVISTA FOI REALIZADA |
|---|---|---|
| **1** | B. (pichadora) | Rede social (Facebook) |
| **2** | M. (pichador) | Rede social (Facebook) |
| **3** | T. (pichador) | Rede social (Facebook) |
| **4** | J. (pichador) | Rede social (Facebook) |
| **5** | I. (grafiteiro) | Rede social (Facebook) |
| **6** | C. (grafiteiro) | Rede social (Facebook) |
| **7** | D. (grafiteiro) | Rede social (Facebook) |

Fonte: elaborado pela autora.

Com o intuito de direcionar esta análise, estabeleci quatro categorias: (i) graffiti x pichação (para falar das diferenças e similaridades entre essas duas formas de arte); (ii) graffiti e profissionalização (para discutir a questão do graffiti como arte e profissão); (iii) pichação e protesto (para discutir o caráter de protesto das pichações ou mesmo a falta dele em algumas falas dos participantes); (iv) grafismos urbanos e plurilinguismo (para discutir as

respostas dos participantes em relação ao uso de diferentes línguas nas pichações).

Apresentamos, a seguir, a análise a partir das categorias apresentadas.

### 3.1 Graffiti x pichação

Nesta seção, apresento e discuto fragmentos de entrevistas ligados às diferenças e similaridades entre graffiti e pichação. Iniciamos com a afirmação de C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) que atua com grafismos urbanos há 10 anos:

> *[...] A pichação e o graffiti só se separam aqui no Brasil, onde a pichação cresceu muito como um movimento independente, no resto do mundo leva tudo o mesmo nome. O graffiti é um dos 4 elementos da cultura Hip Hop, e tem sim uma ligação, principalmente no começo do movimento, hoje em dia nem tanto. Ambos são culturas de rua, assim como o Skate, mas é claro que existem escritores de graffiti que não tem nenhuma relação com o Hip Hop ou o Skate, em Juiz de Fora é mais ou menos a mesma coisa.*

Para ele, a pichação e o graffiti *"[...] só se separam aqui no Brasil"*. Isso porque, conforme discutimos na Seção 1.4.1, o começo do graffiti se deu nos Estados Unidos, em Nova York, em 1970. Naquela época e naquele contexto, o graffiti era feito de forma elaborada, em forma de painéis artísticos, para dar voz aos socialmente excluídos. Apenas mais tarde, em 1964, a pichação surgiu no Brasil, como forma de protesto contra a ditadura. Com isso, criou-se uma nova vertente de grafismos urbanos, feita de forma rápida, apenas com spray preto, especificamente brasileira, que adquiriu contornos locais.

C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) fala ainda do Hip Hop, que *"tem sim uma ligação (com o graffiti), principalmente no começo do movimento"*. No entanto, para ele, "*existem escritores de graffiti que não tem nenhuma relação com Hip Hop*".

I. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015), que atua na cena graffiti-pichação há 18 anos, também destaca: *"[...] Graffiti e pixação são as mesmas coisas, na cidade temos de tudo um pouco pixadores, grafiteiros, b.boys, djs, skatistas...etc".* Para o entrevistado, *"graffiti e pixação são a mesma*

*coisa",* uma vez que ambos têm uma mesma origem e são considerados grafismos urbanos. Geralmente, os grafiteiros já foram pichadores, em algum momento, ou ainda são.

Conforme J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018), *"[...] a pichação e o graffiti eles são imãos, sabe? Porque eles usam os mesmos instrumentos, uma lata de tinta"*. Ele ainda afirma que

> *[...] Nos anos 70, no Brooklin, Bronx, os trens, metrôs, eram todos pixados, com aquela letra bonita que agora é considerado graffiti. Só que aquilo é uma pichação, entende? Só que aquilo, eu não entendo, por que prefeito deixa fazer um graffiti e a pichação não? Sendo q usa a mesma coisa. E nem todo grafiteiro eles pede, sabe? Nenhum grafiteiro, tipo... tem uns grafiteiro que pede pra pichar e outros não. Tem uns que não, chega mesmo e pixa, manda sua tese e sai fora.*

Assim, para J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018), que atua como pichador há 4 anos, graffiti e pichação deveriam ter o mesmo tratamento perante a sociedade, uma vez que ambos são feitos com tinta spray e em propriedade privada. Ainda de acordo com ele, nem todos os grafiteiros pedem autorização à prefeitura para fazer sua arte, mas mesmo assim são mais valorizados que os pichadores.

B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016), que é pichadora há aproximadamente 3 anos, diz que

> *[...] os dois (graffiti e pichação) são formas de arte, só que o grafite eles usam mais desenhos e a maioria das vezes grafiteiro tem autorização da prefeitura ou do proprietário da casa. O pixo não, pixo é a rua, é vandalismo (pra sociedade) pq não pedimos autorização a ninguém pra escalar prédios e pixar as casas, vamos sem autorização mesmo e tamo nem aí.*

Conforme se pode perceber em sua fala, a participante acredita no caráter artístico de sua atividade. Para ela, tanto o grafite quanto a pichação são formas de arte, cada um do seu jeito, apesar de a sociedade não considerar a pichação como tal. Ainda, para ela, diferença está na *"autorização da prefeitura ou do proprietário da casa".* De acordo com M. (PICHADOR entrevistado em 28 de abril de 2016), pichador há 12 anos, *"[...] as duas e uma coisa so porq quanto o pixo e o graffite da mesma forma e uma expressão po o*

*pixo e uma forma compaquitante com varios tipos de letras, o graffite e um conjunto de letras mais elaborada q não uma coisa corrida".* Para o entrevistado, graffiti e pichação são uma *"mesma coisa*", porque são formas de expressão que utilizam vários tipos de letras. A única diferença que ele pontua é o fato de o graffiti ser mais elaborado e a pichação ser *"uma coisa corrida",* feita sempre com rapidez, possivelmente tanto por ser considerada como uma atividade ilícita quanto pela falta de exigências estéticas. O mesmo afirma T. (PICHADOR entrevistado em 26 de abril de 2016), que pontua: *"graffiti bonitinho pixo feio"*, referindo-se, provavelmente às exigências e expectativas estéticas do graffiti, consideradas desnecessárias na pichação.

Já para D. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015), que atua na cena dos grafismos urbanos há 11 anos, *"[...] o graffiti é ligado as pichações com o mesmo objetivo de conquistar territórios mais não as mesmas ações".* Assim, conforme o participante defende, há também a questão da "conquista de território" com o graffiti, mas a partir de ações diferentes da pichação. Os grafiteiros buscam se destacar com as pinturas, as cores, as ideias e a criatividade, diferente dos pichadores, que disputam quem deixa *tags* em mais lugares, por exemplo.

Dessa forma, conforme verificamos, os entrevistados reconhecem que graffiti e pichação são artes "irmãs" (por isso, chamamos de grafismos urbanos), que têm possivelmente uma mesma origem, mas que têm diferenças pontuais. Algumas delas, que foram levantadas nos depoimentos, foram: (i) a preocupação estética, uma vez que o graffiti é mais elaborado do que a pichação, sempre feita com rapidez e com o objetivo vandalizar; (ii) a autorização, que costuma ser concedida ao grafiteiro, mas não ao pichador; (iii) a questão da disputa de territórios, que é diferente nas duas formas de manifestação.

A seguir, analisaremos fragmentos de entrevistas voltados para a ideia de "graffiti e profissionalização".

### 3.2 Graffiti e profissionalização

Nesta seção, discutimos a questão da profissionalização do graffiti nas entrevistas. C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) afirma que grande parte de suas pinturas eram feitas de forma ilegal, mas *"[...] com o tempo fui criando uma consciência artística maior e ficando mais exigente com minhas pinturas, isso me levou a procurar lugares mais calmos ou legalizados para pintar".* Ao falar sobre sua intenção ao fazer uma pichação, ele afirmou:

> *[...] No meu caso, começou como revolta, mais logo se converteu em pura vontade de fazer sempre um trabalho melhor do que o anterior. Com o tempo, pude conhecer escritores de graffiti de outras cidades e países, cada um com um estilo de pintura, alguns muito bons, e* ***isso acendeu em mim uma vontade muito grande de fazer parte disso como um dos melhores, o que me levou a estudar muito desenhos e manter sempre um compromisso com a qualidade de meus trabalhos*** *(D. GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015, grifo nosso).*

C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) afirma seu compromisso em *"fazer parte disso como um dos melhores",* a partir do estudo e da qualidade em seus trabalhos. A questão aqui é a profissionalização, uma vez que C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015), por exemplo, atualmente é reconhecido como artista e faz trabalhos voluntários ligados à arte do grafite, tais como oficinas em escolas. Além disso, trabalha como designer gráfico, o que permite que ele aplique sua arte também de outras formas.

I. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015) diz que *"os tags "pixação" ficam no início da cultura pra depois saber q a atividade é responsável e legitima".* Para ele, a pichação é uma primeira manifestação, uma primeira fase dos grafismos. O graffiti, por sua vez, é *uma "atividade [...] responsável e legítima".* Assim, *"[...] o intuito é fazer sua própria arte se auto valorizar, valorizar o espaço dar possibilidades concretas para o desenvolvimento artístico de cada um individuo msm longe de qlqr conceito acadêmico".* Dessa forma, mesmo sem ligação com o mundo acadêmico, o graffiti busca sempre a arte. A intenção é, dessa forma, *"[...] estar evoluindo e*

*contribuindo com a cultura"* (D. GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015).

Na próxima seção, analisaremos fragmentos de entrevistas voltados para a ideia de "pichação e protesto".

### 3.3 Pichação e protesto

Nesta seção, discutiremos os fragmentos de entrevistas que ligam as pichações à questão do protesto. A ideia é protestar, mesmo quando a inscrição não é explicitamente política, como demonstram as falas a seguir.

B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016, grifo nosso) afirma:

> *[...]* ***eu pixo pq somos criados num mundo onde não temos voz!*** *Ainda mais a classe baixa,* ***cada tag é uma pessoa que sofre com o sistema*** *e mostra que não aceitamos calados, por isso pixamos, pixo é pura adrenalina e uma arte tbm, mas pra maioria da sociedade não é, somos os "rejeitados" na arte.* ***Busco expressar minha voz nas paredes, mostrar que to viva, que eu sou alguém.***

De acordo com a entrevistada, a pichação é uma forma de mostrar que o povo tem voz, e de reivindicar o direito a se expressar contra o sistema. Ela fala também das pessoas da "classe baixa", mas como percebemos durante a pesquisa, não somente elas praticam pichação. Um dos pichadores entrevistados, por exemplo, tinha se machucado recentemente ao esquiar em um país europeu, o que demonstra um poder aquisitivo alto. Isso quer dizer que o perfil socioeconômico, nesse caso, não tem ligação com a "falta de voz" por parte dos pichadores.

Outra evidência disso é que, quando perguntamos para D. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015) se conhecia universitários que praticavam pichação, ele disse "conheço até doutorados". E completou: *"[...] até pessoas de 60 anos de idade profissionalmente realizadas e muito boas condições financeiras fazem também".* C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) também destacou: *"[...] com certeza tem muitos que estavam em universidades [...]* ***Não tem uma regra por aqui****,*

*como tudo no Brasil, o graffiti tem gente de todas as classes, na maioria ligados a culturas de rua"*.

J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018) também defende a perspectiva de que a voz do povo pode ser expressa por meio da pichação:

> *[...] A pixação é como fosse a voz do povo que ninguém escuta, sabe?* ***A voz do povo carente que não pode expressar a sua raiva****, não pode expressar a sua voz no mundo... e a pixação é isso, entende? Tem que destruir tudo mesmo, entendeu?*

Assim, para o entrevistado, a pichação é uma forma de expressar a "raiva" do povo. Ainda de acordo com ele,

> *[...] Quando eu busco me expressar eu sempre busco assim... pixar em lugar assim... classe média...* ***e os cara nem liga pra gente, tá ligado? Prefeito não liga pra gente. A polícia mesmo não liga pra gente.*** *Eles são tudo o quê? Mandado, entende? Mandado. Essa é a verdade. E tipo, quando eu to pixando, quando eu gosto de me expressar mesmo, eu não to nem aí, tá ligado? Já tomei vários enquadre, já tomei murro, já tomei soco, mas aí, entende? Mas não vou parar. Aí quando os outros correm atrás para saber quem tá pixando, começa a correr atrás, aí que eu pixo mesmo. Ah, aquele cara ali que tá pixando muro, aí que eu começo a pixar tudo mesmo e não to nem aí...*

Como é possível perceber nas falas de J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018), a raiva do povo está ligada à administração pública, àqueles que estabelecem ordens a cumprir. Assim como sugere B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016, a raiva é contra o *"sistema".* J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018) ainda diz: *"[...] o que a gente tá fazendo não é nada demais, entende? Esses caras aí tudo roubando e a gente... nada demais...".* Podemos inferir, dessa forma, que os *"caras aí tudo roubando"* são os políticos corruptos, aqueles que fazem parte do "sistema. Como afirma B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016), *"cada tag é uma pessoa que sofre com o sistema".*

Na poesia da pichadora Baga (19 anos) – que cedeu seus versos para uso nesta tese –, residente em Juiz de Fora, ela diz:

> [...] saio pelas ruas procurando meu espaço
> De expressar
> **Todo ódio que me dá**
> **Desse sistema que só quer nos roubar**
> Nos matar.

Sobre esta mesma questão, I. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015) mostra muita consciência ao perguntarmos sobre a idade da maioria dos pichadores:

> *[...] Do conhecimento q tenho geralmente são menores... pelo fato do conhecer, da adrenalina...* ***temos q tratar esse assunto com mais seriedade pois muitos morrem ou vão presos... e lá aprendem o quê... só mais ódio****, nem tanto aq... mas por todo Brasil.*

Nesse caso, o participante sugere uma situação de opressão em que estão inseridos esses jovens, que "morrem ou vão presos". A "raiva" de um sistema repleto de desigualdades – e onde a corrupção está em grande parte dos noticiários e jornais –, não somente, mas muitas vezes, se traduz por meio da prática da pichação, uma forma de contracultura.

### 3.4 Grafismos urbanos e plurilinguismo

A paisagem sociolinguística juizforana é marcada por manifestações de diferentes naturezas e que apresentam diferentes recursos. Entre elas, estão as pichações, que chamam a atenção por sua natureza plurilíngue.

Nesta seção, discutiremos as respostas dos entrevistados relacionadas à seguinte pergunta: "estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)?". Também perguntamos aos pichadores: "Você costuma usar línguas estrangeiras na sua arte?".

De acordo com C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015),

> *[...] Bem, quanto a isso não sei. Quando fazia parte da cena [da pichação, porque hoje é grafiteiro], o mais comum era simplesmente assinar um nome, quando se escrevia algo*

> *utilizamos sempre o português mesmo.* ***Mas sendo o graffiti uma cultura internacional onde os diversos escritores estão sempre em contato com escritores de todos os cantos do mundo, seja em encontros ou através da divulgação do trabalho pela internet, pode se usar o inglês com uma tentativa de "internacionalizar" seu trabalho****, e aumentar sua fama no meio.*

Assim, C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) chama a atenção para o caráter *"internacional"* do graffiti. De acordo com ele, há o contato com escritores de *"todos os cantos do mundo".* Ele destaca não só os encontros, mas o contato pela Internet, que está tão presente na sociedade. C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) ainda demonstra, por meio de suas falas, que o uso de línguas diversas parece tão natural na cena graffiti-pichação que nem sempre é percebido, uma vez que faz parte de um repertório diversificado formado por experiências individuais.

O mesmo acontece com I. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015), que diz: *"[...] dessa eu nem sabia... mais acho q fortalece a cultura, pois mostra q está presente no mundo... sua voz..".* Em sua fala, o entrevistado demonstra que não tinha consciência do uso de recursos de diferentes línguas, mas que a cultura do spray e a voz do pichador ou do grafiteiro *"está presente no mundo".*

D. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015), por sua vez, destaca: *"[...] eu uso termos em ingles pro ser tratar da cultura que se desenvolveu em meados da década de 70 no bronx nova yorke nos vagões do metro".* Assim, ele destaca as influências norte-americanas em seu graffiti, mas não fala do uso de recursos de línguas diversas do português e do inglês em suas criações.

M. (PICHADOR entrevistado em 28 de abril de 2016) afirmou que: *"[...] porq pra ter um bom tag vc deve aprender todos os tipos de letras com estrangeiras ou não".* Ele demonstra a importância de aprender as *"letras com estrangeiras",* para a evolução da arte, para construir um *"bom tag".* Seu foco, neste caso, é na arte.

Já B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016), disse: *"não sei nem o português direito kk quem dirá usar os gringos kkk".* Neste caso, ela parece também não ter consciência do quanto os diferentes

recursos de línguas diversas estão presentes em sua vida e na pichação em Juiz de Fora. Inclusive, demonstra acreditar no mito de que seu repertório é formado apenas por recursos do português.

Esta é a mesma questão que está presente no senso comum e que buscamos desconstruir neste trabalho: a crença de que a cidade é monolíngue e que "outras línguas" não estão presentes.

### 3.5 Algumas considerações sobre este capítulo

Conforme verificamos nas entrevistas realizadas com pichadores e grafiteiros da cidade de Juiz de Fora, há opiniões diversas. Alguns desses rtistas de rua são mais conscientes do caráter político da pichação, enquanto outros estão mais ligados à *"adrenalina"* (a emoção de sair para pichar na madrugada) e à questão artística. M. (PICHADOR entrevistado em 28 de abril de 2016), por exemplo, disse: *"não vivo o pixo tanto quanto em sp, eu prefiro juntar as latas e fazer uma produção ou um painel show".* Em nenhum momento de sua entrevista destacou questões relacionadas à política e à sociedade. Conforme percebemos, sua pichação é mais voltada para a arte, e não para questões ligadas a protesto.

Contudo, alguns pichadores e grafiteiros realmente se preocupam com a questão social que permeiam sua arte. B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016) é engajada e mostra conhecimento sobre o que acontece no mundo, assim como I. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 de janeiro de 2015), C. (GRAFITEIRO entrevistado em 18 de janeiro de 2015) e J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018) principalmente.

É importante considerarmos, neste contexto, que nem sempre há a consciência, por parte dos próprios grafiteiros e pichadores, da utilização de recursos de línguas diversas. Conforme acreditamos, essa é uma forma tão natural de se expressar para eles, considerando os tempos de superdiversidade em que estamos inseridos e a formação dos repertórios individuais, que eles nem ao menos percebem seu uso. T. (PICHADOR entrevistado em 26 de abril de 2016), por exemplo, afirma categoricamente que não utiliza "línguas estrangeiras" em suas pichações. No entanto, sua própria

*tag* (a qual não revelaremos aqui, com o intuito de preservar a identidade do entrevistado), é formada por recursos diferentes do português. Isso demonstra o quanto está arraigada a crença de uma cidade monolíngue, que interfere na percepção até mesmo da diversidade presente nos repertórios individuais.

No capítulo a seguir, analisaremos as fotografias tiradas pela cidade, em pesquisa de campo, referente a grafismos urbanos com fragmentos de línguas diversas. Além disso, discutiremos algumas características do graffiti e das pichações no meio ambiente pesquisado.

# 4. AS FOTOGRAFIAS DE GRAFISMOS URBANOS EM JUIZ DE FORA/MG

Neste capítulo, analisamos as fotografias de grafismos urbanos (especialmente de grafismos que apresentam recursos em línguas diversas) que foram tiradas uma durante pesquisa de campo realizada na cidade de Juiz de Fora. As fotos, em sua maioria, são da pesquisadora, mas também há algumas enviadas por colaboradores que se interessaram pelo assunto. O período de registro foi de 2014 a 2017.

Como recursos, entendemos fragmentos que sejam característicos ou apenas insinuem / lembrem a presença de uma língua específica em determinado texto. Englobamos nesta análise desde palavras inteiras, até recursos gramaticais e recursos fonéticos e fonológicos. Dessa forma, buscamos demonstrar que Juiz de Fora é uma cidade plurilíngue, considerando que os indivíduos possuem recursos de línguas diversas em seus repertórios e são capazes de “entrelaçar” esses recursos, de misturá-los e dar sentido a eles (mesmo que o sentido esteja apenas na mente do escritor).

Partindo da ideia de diversificação e ampliação de repertórios e devido à crescente mobilidade social e, consequentemente, a contatos linguísticos cada vez mais crescentes e dinâmicos, bem como de uma paisagem sociolinguística que manifesta essa realidade de forma bastante contundente, buscamos demonstrar como recursos linguísticos plurais estão por toda parte na cidade, nos gêneros pichação e graffiti, de diferentes meios e formas. Não falamos, aqui, de línguas monolíticas (como meras entidades políticas), mas de recursos que são reinventados e somados a outros recursos de outras “línguas políticas”, em modos e espaços diferentes, mostrando o quanto essa diversidade se traduz por meio da linguagem.

Ao analisarmos as pichações e o graffiti, buscamos mostrar a ‘pluralidade’ da paisagem sociolinguística da cidade. Isso porque, como defendemos, essa é justamente uma das faces da superdiversidade: a inclusão de todos em uma nova dinâmica intercultural.

De acordo com Pennycook (2009, [s.p.]), o graffiti / a pichação pode ser considerado(a) tanto como parte de fluxos transculturais globais quanto como

práticas subculturais locais. Assim, apesar de essas manifestações artísticas e linguísticas existirem por todo o mundo, e de terem sua origem conhecida em Nova York (Estados Unidos), elas ganham contornos locais, de acordo com as características de determinada região e de seus idealizadores.

Nesse sentido, Carvalho (2013, p. 1), em seu trabalho, destaca que, em Belo Horizonte (capital do estado de Minas Gerais), predomina um "estilo de comunicação fechada" (ou seja, inscrições em códigos). Isso porque os pixadores [o autor utiliza "x" em pixação] da cidade, de acordo com o autor, "[...] embora acabem chamando a atenção da sociedade, pretendem se comunicar apenas com outros pixadores".

Se pensarmos nos contornos locais de Juiz de Fora, podemos dizer que a pichação tem suas particularidades. Em sua maioria, conforme observamos até o momento, não são compostas por códigos, mas por letras do alfabeto, claras e compreensíveis aos olhos de leigos no assunto. Essas letras formam *tags* (assinaturas) individuais ou de "crews"[20] ou consistem em frases de efeito em línguas diversas. Além disso, as inscrições têm como principal suporte os muros, sendo feitas na horizontal, ao contrário de São Paulo, onde há mais inscrições verticais (em prédios e lugares altos). Nesse sentido, Marcuschi (2003) traz contribuições relevantes sobre a questão do suporte do texto, que faz diferença quando falamos de graffiti e pichação.

Para Marcuschi (2003, p. 25),

> [...] o suporte tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de transporte ou veículo, nem como um suporte estático, e sim como um lócus no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta.

Isso quer dizer que, além de ser fundamental para que a escrita circule na sociedade, o suporte tem fins comunicativos e interfere na relação do leitor com o texto, i.e., na forma como o leitor o lê e nas expectativas em relação à informação. Assim, um texto publicado em um jornal não será lido da mesma forma que em um *outdoor*. No caso do jornal, o leitor provavelmente estará concentrado no texto, com a intenção de aprofundar seus conhecimentos sobre

[20] Grupos que se reúnem para pichar. Também chamados de "famílias" pelos pichadores.

o assunto. No caso do *outdoor*, possivelmente o leitor lerá à distância, rapidamente e sem aprofundamento. Há a expectativa, ainda, de que se trate de uma propaganda.

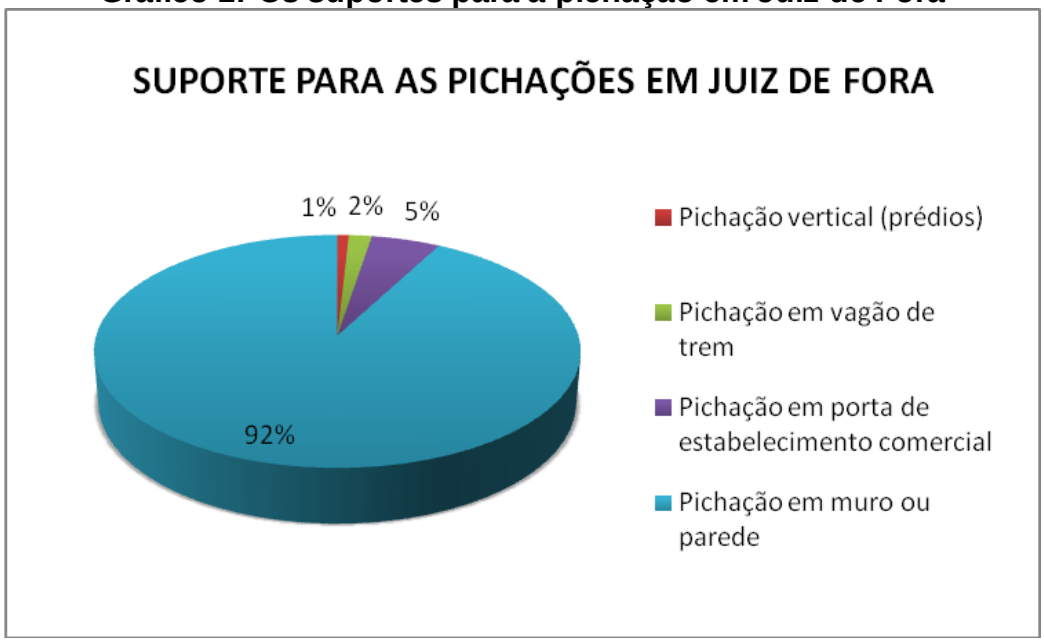
> Se [...] [o mesmo texto] estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa [...], pode ser um *bilhete*; se for passado pela secretária eletrônica é um *recado*; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um *telegrama*, exposto num *outdoor* pode ser uma *declaração de amor*. O certo é que o conteúdo não muda, mas **o gênero é identificado na relação com o suporte** (MARCUSCHI, 2003, p. 10).

Sob esta perspectiva, no caso das pichações, o papel do suporte ou portador do texto é muito importante, uma vez que ele é responsável por identificar o gênero, bem como por comunicar a intenção de protesto – mesmo quando a inscrição não é explicitamente política. Além disso, ao pensarmos de forma mais geral, observando as fotografias tiradas em Juiz de Fora, podemos perceber que o suporte também caracteriza *localmente* a pichação. Isso porque a grande maioria é feita em muros ou similares (horizontalmente), ou seja, em lugares baixos, o que demonstra que normalmente não há disputa entre os pichadores de quem escreve mais alto ou em lugares de maior risco (como acontece em São Paulo, por exemplo, onde os pixadores praticam “escalada”). Parece haver sim uma disputa por “ibope” – gíria dos próprios pichadores – em Juiz de Fora, mas ela está ligada a ideia de deixar uma quantidade maior de marcas pelas ruas e em locais de maior visibilidade. Como enfatiza Nunca (entrevistada pela Folha de São Paulo)[21]: "[...] o lance do "pixo" é como o da publicidade: aparecer mais e nos lugares mais visíveis, para criar uma identidade".

A seguir, apresentamos o Gráfico 1 – cuja base é o corpus de 120 fotografias construído para esta pesquisa –, que apresenta os variados suportes para a pichação na cidade de Juiz de Fora.

[21] FOLHA DE S. PAULO. Guerra entre pichadores desfigura paisagem urbana. São Paulo, domingo, 03 out. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0310200414.htm>. Acesso em: 10 nov. 2016.

**Gráfico 1: Os suportes para a pichação em Juiz de Fora**




Fonte: elaborado pela autora com base no banco de dados de fotografias construído durante a pesquisa de campo.

Como é possível perceber por meio do gráfico, apenas 1% das pichações fotografadas está em lugar alto. Os outros suportes (vagão de trem (2%), porta de estabelecimento comercial (5%) e muro ou parede (92%)) são horizontais, representando 99% das ocorrências registradas. Apenas no último ano da pesquisa de campo (ou seja, em 2017), notamos o surgimento de inscrições em lugares um pouco mais altos. Além disso, percebemos a utilização de códigos com mais frequência (apesar de as letras do alfabeto ainda serem a maioria). Um exemplo é a pichação a seguir, cuja fotografia foi tirada na Rua Tiradentes, no Bairro Santa Helena, em 10 abril de 2017:

**Figura 4: Pixação em códigos e em lugar alto (Juiz de Fora)**



Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

De acordo com o depoimento de “Choque”, fotógrafo envolvido com pichação em São Paulo, no documentário “Pixo” (2009), de João Wainer e Roberto T. Oliveira, as pixações dificilmente são compreendidas por quem não está diretamente relacionado com elas; é um código fechado, que comunica diretamente de pixador para pixador. Para ele, “[...] ela não se comunica com a sociedade. Ela é uma agressão. Ela é feita para agredir a sociedade”.

Sob esta perspectiva, J. (PICHADOR entrevistado em 09 de janeiro de 2018) afirmou: *“[...] a intenção de um pichador é assim, é você demonstrar, sabe, demonstrar a sua raiva pela sociedade. Não sociedade o povo, mas prefeito corrupto, presidente aí corrupto, sabe, roubando o povo [...]”.* Dessa forma, mesmo que a pichação não tenha dizeres explicitamente políticos, a ideia de protesto está sempre subentendida.

B. (pichadora entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016, grifo nosso) disse o seguinte: *“[...] minha* ***tag é reta, conhecida como paulista mesmo****, tem as* ***carioquinhas que são as que ngm entende****, eu prefiro a paulista, não pq todo mundo pode entender, mas foi onde saiu minhas inspirações”.* De acordo com B. (2016), o *tag* reto carioquinha é aquele que *“ninguém entende”.* Na verdade, é uma estética desenvolvida no Rio de Janeiro, pelos pichadores, que apresenta letras ou símbolos sobrepostos e

embolados. As assinaturas feitas com *tag* carioquinha, muitas vezes, são ilegíveis até para outros pichadores. De acordo com Diniz, Ferreira e Alcântara (2015, p. 93, grifo nosso),

> [...] a pichação carioca, conhecida também como estilo carioquinha, é marcada pela presença de traços horizontais contínuos e circulares formando letras sobrepostas, cujos produtos **assemelham-se a assinaturas cursivas ou grandes carimbos**.

Um exemplo desta estética, que também está presente em Juiz de Fora em menor frequência, está na Figura 5, a seguir:

**Figura 5: Tag reto carioquinha em Juiz de Fora (Rua Padre Café, São Mateus, 10 agosto 2014)**



Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

Outra estética mencionada por B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016) é o *tag* reto paulista (apresentado na Figura 4), que destaca traços retos e angulares. Para Diniz, Ferreira e Alcântara (2015, p. 93), "[...] a pichação paulista tem formato vertical, traços retilíneos interligados uns aos outros, com vértices angulares variados, dependendo da configuração em relação ao tamanho da letra escrita/desenhada". De acordo com Lassala (2015, p. 38), "[...] sua principal característica é o desenho de letras retilíneas

escritas com spray ou rolo de espuma para estampar logotipos de gangues ou indivíduos".

Além destes estilos, os autores Diniz, Ferreira e Alcântara (2015) falam sobre uma estética mineira, que predomina em Belo Horizonte.

> [...] [a estética mineira] incorpora elementos do estilo paulista, sendo também influenciada, em menor grau, pelo estilo carioca. Ela apresenta contornos relativamente circulares alternando para contornos retos e em forma de arcos. Sua grafia é precisa [...], quase sempre feita em letra de forma estilizada, dependendo do pichador.

Na Figura 6, a seguir, apresentamos pichações com a estética mineira explicitada por Diniz, Ferreira e Alcântara (2015), apesar de não ter sido citada por B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016).

**Figura 6: Estética mineira (Supermercado no Bairro São Pedro, 09 fev. 2016)**



Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

Em Juiz de Fora, é possível encontrar as três estéticas (carioquinha, paulista e mineira). No entanto, analisaremos, aqui, aquelas pichações que ainda representam a maioria na cidade, que são legíveis para as pessoas que estão fora da "cultura do spray".

Conforme percebemos, por mais que os pichadores entrevistados da cidade de Juiz de Fora digam que não escrevem para todos entenderem, mas

apenas para agredir a sociedade, tal como sugeriu B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016), a pichação em Juiz de Fora, em grande parte, também se *comunica* com a sociedade. A ideia é protestar por meio do vandalismo – *"mesmo sendo resistência, continua vandalismo"* (entrevista com T., pichadora e grafiteira de juiz de fora) –, mas também compartilhar ideias e marcar presença. Ao mesmo tempo em que B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016) fala sobre sua preferência pela falta de entendimento da sociedade, também se contradiz: *"[...] o que mais gosto é as vezes conseguir colocar textos meus na rua e todo mundo ver!".*

Como percebemos, a intenção, muitas vezes, é mais marcar presença do que propriamente o protesto. Algumas pichações têm um caráter social sim, mas outras parecem apenas sugerir uma busca por "adrenalina" na madrugada. Ao perguntarmos aos três pichadores o que é mais legal na pichação, eles responderam: *"[...] gosto da adrenalina, e poder fazer as tags em tempos rápidos"* (PICHADOR M., 2016); *"[...] o mais legal é a adrenalina!! Haha com certeza!"* (PICHADORA B., 2016); *"[...] competição"* (PICHADOR T., 2016).

É preciso considerar que essas inscrições são vistas / lidas, nas palavras de B. (PICHADORA entrevistada via rede social em 26 de abril de 2016), por "todo mundo", i.e, por todos aqueles que trafegam pela cidade, que passam diante dos grafismos, desde os indivíduos que são contra essas manifestações (parte da população, polícia etc.) até os que são a favor (os membros de outros *crews*, por exemplo). Com isso, como acreditamos, é possível que essas manifestações em línguas diversas contribuam também para a formação do repertório dos indivíduos passantes.

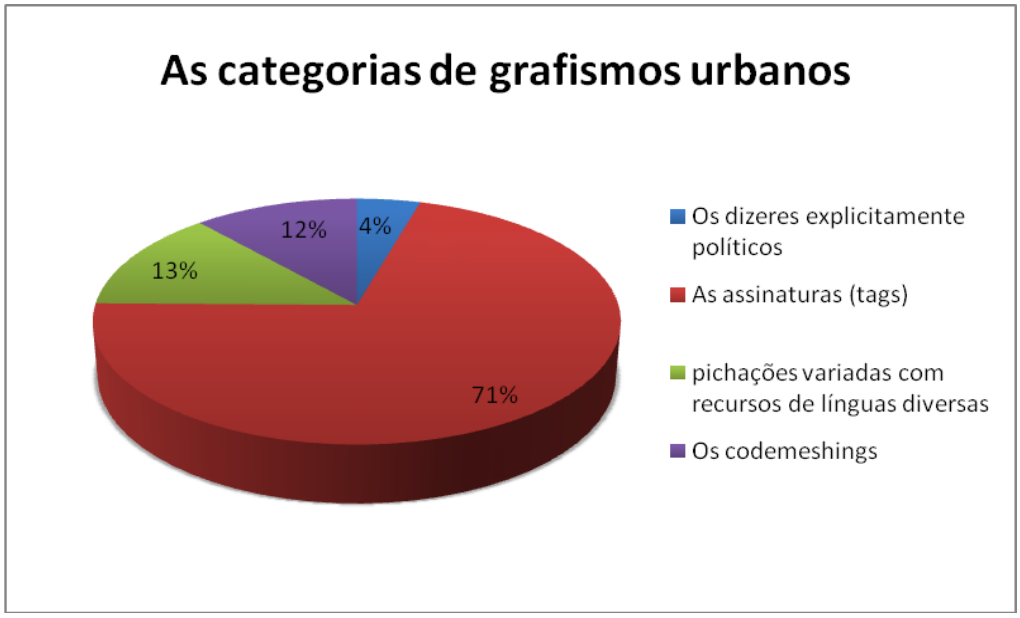
De acordo com Kroon, Jie e Blommaert (2011, p. 5), "os significados são efeitos da mobilidade", parte de um mundo globalizado. Ainda para os autores, os efeitos da globalização têm formado meio ambientes sociolinguísticos altamente complexos, povoados por pessoas com diferentes experiências e trajetórias, diferentes formas e graus de acesso a recursos sociolinguísticos e semióticos e a *frames* para interpretação (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011, p. 14).

Assim, antes de analisarmos as fotografias tiradas pela cidade, é importante considerarmos que todos os signos apontam para trás (i.e. para seu produtor e para as condições de produção) – sobre os quais falamos no Capítulo 3 – e para frente (i.e. para o público e para as consequências pretendidas) (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011, p. 5). De forma geral, o produtor, no caso das pichações, é um indivíduo que busca rebelar-se contra algo, contra tipos de opressão, e as condições de produção remetem à clandestinidade.

Uma vez que o signo também aponta para frente, destacamos que grande parte das frases ou palavras pichadas em Juiz de Fora apresentam recursos de línguas outras que não o português, o que nos leva à ideia de *seleção de público*. Isso quer dizer que o pichador seleciona seu interlocutor, mas não exclui ninguém. Ele não exclui aquele que não fala italiano, por exemplo, uma vez que, pelo contrário, pode despertar a curiosidade daqueles que não conhecem a língua. No entanto, a seleção se dá porque apenas aqueles que conhecem aquelas expressões na língua utilizada terão a compreensão exata do que está escrito. Por outro lado, mesmo sem a compreensão exata da expressão pichada, o indivíduo tem acesso à intenção básica do produtor, que é a oposição ao sistema.

A fim de mostrar os diferentes tipos de pichação com recursos de línguas diversas em Juiz de Fora e tornar a análise mais didática, dividimos as fotografias em categorias, que são as seguintes: (i) os dizeres explicitamente políticos; (ii) as assinaturas (*tags*); (iii) pichações variadas com recursos de línguas diversas; (iv) *codemeshings.* Em forma de gráfico, a seguir, mostramos a porcentagem de ocorrências de cada categoria, considerando o *corpus* de 120 fotografias montado em pesquisa de campo:

**Gráfico 2: Ocorrência dos grafismos urbanos registrados, com recursos de línguas diferentes do português, divididos em categorias**




Fonte: elaborado pela autora com base no banco de dados de fotografias construído durante a pesquisa de campo.

Como é possível perceber por meio do gráfico, os tags representam a grande maioria dos grafismos urbanos com recursos de línguas diversas na cidade, com 71%. As pichações variadas apareceram em 13% dos casos, as do tipo *codemeshing* em 12% e os dizeres explicitamente políticos em 4%. Essas categorias e as manifestações representativas delas serão discutidas nas seções a seguir.

## 4.1 Os dizeres explicitamente políticos

É difícil definir a intenção e/ou a mensagem do pichador ao manifestar-se. Primeiramente, porque algumas inscrições costumam ser abstratas, e outras constituídas por apenas uma ou duas palavras, que muitas vezes dizem pouco ao leitor, apesar de serem significativas para o pichador. Outras vezes, as pichações são constituídas apenas por *tags*, i.e., pela assinatura do pichador ou do *crew*. Em segundo lugar, porque poucas vezes conseguimos determinar os autores da pichação, e por ser uma atividade ilícita, nem sempre o contato é possível.

No entanto, algumas inscrições são mais explícitas, e carregam dizeres notadamente políticos.

Em Juiz de Fora, assim como em todo o contexto brasileiro, é possível encontrar frases ligadas aos recentes escândalos políticos de corrupção. Algumas frases são de esquerda e outras de direita, como “fora Temer” (muito comum no Brasil atualmente, voltada para o desejo de saída do atual presidente Michel Temer, do PMDB) e “Fora Dilma” ou “Fora Lula” (ex-presidentes do Partido dos Trabalhadores). Ainda, outras frases de protesto podem ser encontradas em português, como “20% consome 80%”, fotografada no Bairro São Pedro.

**Figura 7: Rua Professor José Ribeiro, São Pedro, 02 jan. 2016**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

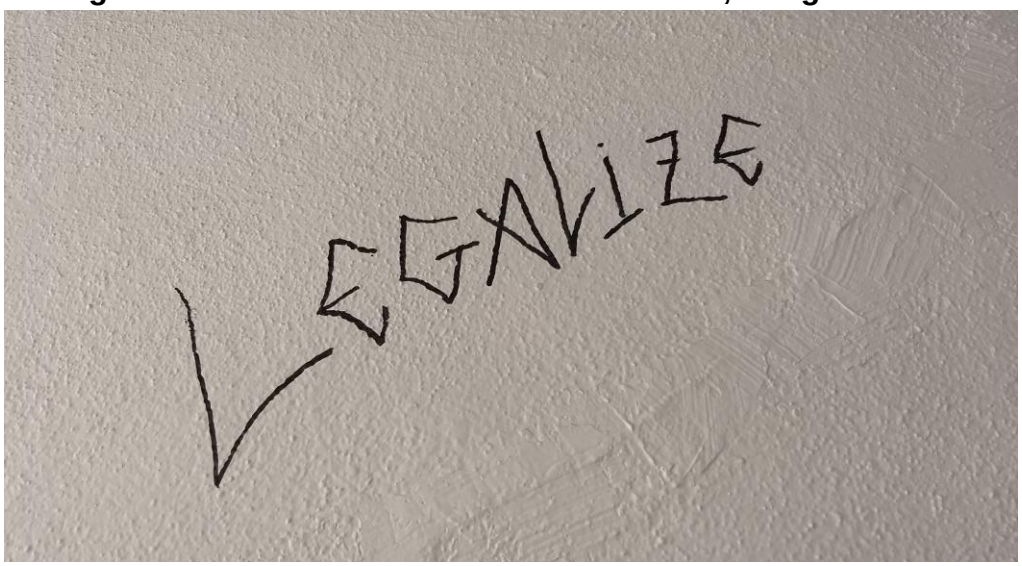
Nesta pichação, há uma indexicalização ao problema social do consumo, uma vez que poucos (20% da população) consomem a maior parte da riqueza mundial. Esse dado parece ter sido pesquisado pelo pichador (que se mostra informado sobre o mundo), uma vez que é disponibilizado principalmente em veículos midiáticos voltados para o meio ambiente.

> [...] Simplesmente, **80% do consumo privado mundial é abocanhado por 20% da população mundial residente nos países mais ricos,** o que faz “sobrar” para 80% da população (5,6 bilhões de pessoas), residente nos países mais pobres e em vias de desenvolvimento, apenas 20% da produção mundial**.** Apenas os EUA, com 4,5% da população mundial

> consomem 40% de todos os recursos disponíveis (OLIVEIRA, REVISTA ECOLÓGICO, 2014, grifo nosso)[22].

A maior parte das pichações declaradamente políticas, na cidade, está em português. No entanto, encontramos algumas com recursos de língua inglesa especialmente (que representam 5,7% do banco de dados dessas fotografias). Um exemplo é o grafismo apresentado na Figura 8, a seguir, que foi escrito em um pequeno túnel para pedestres que leva a um shopping voltado para as classes média e alta em Juiz de Fora:

**Figura 8: Avenida Presidente Itamar Franco, 13 ago. 2016**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

Neste caso, há a possibilidade de a inscrição "legalize" ser um *tag* (assinatura), mas nem por isso deixa de ter um caráter político. Este termo estava muito presente nas músicas de Bob Marley – que inclusive compôs uma música chamada *Legalize it* –, o maior cantor de *reggae* de todos os tempos e adepto do uso de maconha. Nesse sentido, podemos dizer que esta manifestação indexicaliza a questão social ligada à legalização da droga.

Outra pichação nesse sentido é mostrada na Figura 9, a seguir:

---

[22] OLIVEIRA, M. E. de. Países mais ricos são responsáveis por 80% do consumo global. **Revista Ecológico**, abril 2014. Disponível em: <http://www.revistaecologico.com.br/noticia.php?id=2003>. Acesso em: 20 out. 2017.

**Figura 9: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 11 jan. 2015**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

Neste caso, a pichação só pode ser entendida em sua totalidade por quem está consciente do código utilizado. Isso porque o número *4:20* é um recurso diretamente ligado ao uso de maconha, como um identificador universal (o que corrobora a ideia de globalização). A origem do número é cheia de controvérsias, mas a hipótese principal é de que policiais americanos usavam-no para a identificação de indivíduos que se envolviam com tráfico ou uso da erva. Ainda, na pichação, há a inscrição “Jah Bless” (apesar da grafia diferente da norma culta). Esta expressão significa "Deus abençoa", e é usada pelos Rastafáris jamaicanos. Os crentes deste movimento religioso proclamam Hailê Selassiê (um imperador etíope que foi coroado em 1930 e morreu em 1975) como a representação de Jah (Deus) na Terra (VIÑA, 2006). O termo "Jah" é o resultado de uma contração de Jeová. A expressão está muito presente na música de Ziggy Marley (cantor e compositor jamaicano, filho de Bob Marley).

Outra inscrição relevante na categoria “dizeres explicitamente políticos” é a seguinte:

**Figura 10: Rua Mariano Procópio, Mariano Procópio, 06 set. 2016**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

O termo “Black bloc” teve origem na Alemanha, em 1980, com a proposta de ser uma tática de protesto, sem líder, estrutura de poder ou cargos. A tática tem voltado à mídia recentemente, no Brasil, para se referir a grupos de estratégia anarquista. De acordo com o Jornal Folha de S. Paulo[23], publicado em 11 de julho de 2013, esses grupos, que participaram de manifestações políticas no Brasil, usavam roupas e máscaras negras e praticavam atos de violência e depredação, principalmente em fachadas de multinacionais, bancos etc. Sua ideologia de baseia no questionamento da ordem vigente, do capitalismo e do sistema. Além disso, no grafismo em questão, há o símbolo anarquista (a letra “A” dentro do um círculo).

Além dos grafismos citados, apresentamos a Figura 11, a seguir:

[23] FOLHA DE S. PAULO. **Entenda o que é o ativismo Black Bloc presente nas manifestações**. São Paulo, 11 jul. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>. Acesso em: 05 dez. 2018.

**Figura 11: Rua Vicente José Weiss, São Pedro, 10 nov. 2014**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

Neste caso, a palavra “shoddy” (grafada com apenas um “d” na pichação) pode significar “de má qualidade”, “inferior” ou “falsa”. Possivelmente, neste caso, o termo “anark” remete à *anarchy* (anarquia[24]). A ideia, conforme acreditamos, é de uma “falsa anarquia”. Poderíamos, também, classificar esta pichação como *codemeshing* (CANAGARAJAH, 2013), considerando que, neste caso, a mistura linguística foi transformativa, provavelmente intencional em “anark”, e acabou gerando uma nova gramática.

Na próxima seção, falaremos sobre as assinaturas (*tags*) em pichações em Juiz de Fora.

[24] Para mais detalhes sobre “Anarquia”, ver:

BAKUNIN, Michael. **Estatismo y anarquía**. Disponível em: <https://miguelbakunin.files.wordpress.com/2008/05/estatismo-y-anarquia1.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **What is Property?** An Inquiry into the Principle of Right and of Government. Disponível em: <http://www.bookwolf.com/Wolf/pdf/PJProudhonWhatIsProperty.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

## 4.2 As assinaturas (tags)

As assinaturas (*tags*) de pichadores ou de *crews* representam 71% das fotografias tiradas em pesquisa de campo. Elas são uma forma de protesto, mas também uma forma de dizer “eu estou aqui e faço parte desta paisagem”. Para Lassala (2015, p. 38), os “[...] jovens [...] se arriscam nessa modalidade [...] para carimbar sua marca em lugares de grande visibilidade, [uma vez que] buscam notoriedade”.

Para definirmos a pichação constituída por uma *tag*, estabelecemos os seguintes critérios: (i) ter sido repetida pela cidade; (ii) ser constituída de uma ou no máximo duas palavras; (iii) ser constituída por um substantivo e/ou adjetivo.

De acordo com D. (GRAFITEIRO entrevistado em 20 jan. 2015), “[...] crews são os grupos que você faz parte. Se você faz parte de um grupo de amigos que sempre sai junto a pintar, é natural que formem um grupo, e divulguem o nome dele o máximo possível”. Assim, as tags podem ser individuais ou de grupos.

Em Juiz de Fora, as assinaturas (*tags*) fotografadas apresentam, em sua maioria, recursos de língua inglesa (56%), mas há também aquelas com recursos de francês, espanhol, alemão, italiano e *codemeshing.* Ao todo, somam 44% desta categoria.

Alguns exemplos de *tags* com recursos de língua inglesa em Juiz de Fora são: “Dripper” (“gotejador”), “Hustla” (possível gíria para “traficante”), “Seven” (Sete), “Golden boys” (“meninos de ouro”), “Task” (tarefa), “Wade” (“vadear”), “Posh” (“elegante”), “Death core” (“Núcleo da morte”), “Dream maker” (“Criador de sonhos”), entre outras. A seguir, apresentamos uma fotografia com a *tag* “Style”, muito presente pelas ruas da cidade:

**Figura 12: Rua Manoel Bernardino, Bairro São Mateus, 21 set. 2014**



Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

Quanto às *tags* com recursos diferentes do português e do inglês, encontramos a apresentada a seguir, na Figura 13:

**Figura 13: Praça Pedro Marques, Bairro Santa Helena, 10 abril 2017**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora

Neste caso, há primeiramente o símbolo do anarquismo (letra “A” dentro de um círculo), acompanhado da palavra “quinomat”. Não sabemos se a intenção é escrever “Aquinomat” (termo para o qual não encontramos significado), se era lembrar a expressão “quino mate” (“canela”, em espanhol), ou outra, mas é possível reconhecer que esta palavra não apresenta apenas recursos de língua portuguesa, o que demonstra o caráter superdiverso da pichação. Ainda, a foto também mostra a inscrição “salue fer”, que pode ser um *codemeshing* com recursos do francês. O termo *salue* sugere a tradução “cumprimentar”, enquanto “fer” literalmente significa “ferro”. Tais manifestações remetem a *translanguaging*, uma vez que a falta de um sentido explícito leva à ideia de agentividade por parte dos produtores, cujas escritas estão ligadas a propósitos simbólicos.

A Figura 14, a seguir, foi tirada na Zona Sul de Juiz de Fora, próxima a um shopping voltado para as classes média e alta da cidade:

**Figura 14: Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, notamos a presença de recursos do italiano. O significado da expressão *a priori* é “o crânio” (caveira), mas sabemos que os significados ocultos, aqueles aos quais não temos acesso sem o conhecimento do produtor ou de seu grupo – sem esse reconhecimento compartilhado das partes engajadas na interação –, transcendem essa interpretação. Isso porque, a partir do momento em que os signos do italiano se moveram para um contexto diferente, os significados também se deslocaram e adquiriram novos contornos. Essa mesma questão pode ser considerada para as demais fotografias disponibilizadas neste trabalho, uma vez que todas estão ligadas à mobilidade dos signos.

A Figura 15, por sua vez, apresenta uma fotografia tirada no Bairro Jardim Casablanca, considerado periferia da cidade:

**Figura 15: Rua Pedro Henrique Krambeck, Jardim Casablanca, 2014**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, percebemos como os significados globais ganham contornos locais (PENNYCOOK, 2009). A palavra “bonde” é uma construção social brasileira, através da qual se tem a noção de “grupo que gosta do ritmo

*funk*". A palavra é estigmatizada e muitas vezes ligada aos frames "violência" e "marginalidade". "Nike", por sua vez, remete a uma marca muito conhecida no mundo todo e voltada para a elite. A palavra "fit" vem do inglês e seus significados literais são "servir", "pertencer a" ou "ser aceito". Há uma vertente da marca que também é chamada "Nike Dri-Fit", voltada para a prática de esportes. Ambas as ideias criam um paradoxo entre o que é marginal (o ritmo *funk*) e o que é da elite (*Nike* ou *Nike Dri-Fit*). Essa mistura de recursos não permite um significado *a priori,* uma vez que aponta para um produtor e para uma situação de produção desconhecida por aqueles que não fazem parte do grupo. É possível que essa pichação esteja ligada ao funk ostentação, que surgiu em 2008, e cujas músicas falam de marcas de roupas, carros, casas luxuosas e belas mulheres.

A Figura 16, por sua vez, apresenta uma fotografia tirada no Bairro Santa Helena, próximo ao centro de Juiz de Fora:

**Figura 16: Praça Menelick de Carvalho, Santa Helena, 20 junho 2016**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, há a presença do recurso "cabrón", do espanhol, que pode ter vários significados de acordo com o contexto. A palavra pode ser usada como uma forma de xingar (corno, safado, filho da mãe etc.); para falar de alguém que é de confiança; para falar de um animal (bode) etc. Neste caso, há também recursos de língua inglesa com "smoking", consistindo em um *codemeshing*.

Há, ainda, outros *tags* em *codemeshing*, como o apresentado a seguir:

**Figura 17: Rua Pedro Peters, São Pedro, 12 ago. 2014**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, o recurso apóstrofe (‘) do inglês foi usado no *tag* “Gang’z”. No entanto, em vez de “s” (que exprime posse no inglês), foi usado “z”. Isso demonstra que um recurso de língua inglesa se moveu e adquiriu novos contornos em um meio ambiente diverso.

Na próxima seção, discutimos a categoria “pichações variadas com recursos de línguas diversas”.

## 4.3 Pichações variadas com recursos de línguas diversas

Nesta categoria, discutimos aquelas pichações que não têm explicitamente um viés político e provavelmente não constituem *tags*. Elas são formadas por expressões ou frases de efeito que querem dizer algo ao leitor.

A primeira pichação é a seguinte:

**Figura 18: Rua Tereza Cristina, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, verificamos a presença da expressão “bonsoir” (boa noite). A pichação está próxima a uma linha de trem, em um lugar de difícil acesso. Foi escrita com *spray*, apenas em preto, sem desenhos, o que demonstra que foi feita rapidamente e sem cuidados estéticos. Apesar de toda pichação carregar a ideia de protesto, a palavra escrita é suave e cortês, o que demonstra também a ideia de um desejo de comunicação com o leitor. A presença de recursos do francês (bem como de outras línguas) alude ao caráter plurilíngue das cidades (GUISAN, 2009) também presente em Juiz de Fora. Nesse sentido, podemos afirmar que, se existem fronteiras políticas (e por isso as “línguas” têm nome), não há limites para que uma língua viaje de um território a outro, ou que se sobreponha a outras no mesmo espaço; portanto, as fronteiras “físicas” não existem.

Além desta pichação, foi feita outra em francês, em torno de 500 metros adiante, que apresenta basicamente as mesmas características da Figura 18:

**Figura 19: Rua Mariano Procópio, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016**



Fonte: fotografia tirada pela autora.

A expressão escrita com recursos do francês é “voulez vous”, que significa “você quer”. No entanto, as palavras foram escritas juntas, sem separação, e estão já um pouco apagadas pelo tempo.

Outro exemplo desta categoria é a Figura 20, a seguir:

**Figura 20: Rua Tereza Cristina, Mariano Procópio, 12 fev. 2016**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, foram utilizados recursos do inglês para desejar “boas vibrações. Deus (Jah) abençoe”. Mais uma vez, a ideia de comunicar-se com a sociedade está implícita, considerando o caráter suave e cortês do produtor, que em nada lembra a questão política envolvida no ato de vandalismo.

A Figura 21, a seguir, mostra uma pichação com recursos do italiano e do internetês em língua portuguesa:

**Figura 21: Rua Mário Cruz Meyer, Dom Orione, 10 out. 2014**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

A expressão “la famiglia”, do italiano, foi pichadas junto com “to baum”, recurso não padrão do português que pode significar “estou bem”. A expressão é recorrente na linguagem informal utilizada na Internet, principalmente em *chats* e redes sociais. Neste caso, podemos notar a influência da Internet (uma das forças que resultaram no que conhecemos por superdiversidade, segundo Blommaert (2013, p. 10)) no repertório comunicativo do indivíduo que fez a inscrição. Não podemos afirmar que a presença dos recursos linguísticos provenientes do italiano também sejam fruto de contato por computador (apesar de ser uma possibilidade, dada a demonstração de uso da tecnologia com “to baum”). É preciso considerar outras possibilidades, tais como as músicas, os filmes, os fluxos migratórios de italianos para a cidade (GAIO, 2013), ou até mesmo possíveis contatos presenciais com estrangeiros.

No que tange aos fluxos migratórios para a cidade, Gaio (2013) afirma que não houve manutenção da comunidade linguística italiana, apesar da migração em massa no fim do séc. XIX e no começo do séc. XX. No entanto, é verdade que pode haver a presença recente de italianos (considerando as facilidades de deslocamento do mundo globalizado e a Universidade Federal de Juiz de Fora com seus programas de intercâmbio), bem como influências da tecnologia, ou mesmo o aprendizado formal da língua. O que nos importa, neste caso, é que os signos se moveram, tal como defendem Kroon, Jie e Blommaert (2011).

A Figura 22, a seguir, mostra uma pichação com recursos do latim, encontrada no Bairro São Pedro:

**Figura 22: Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Neste caso, a pichação foi feita em letras pequenas, apenas com tinta preta, abaixo da janela de uma lanchonete. A frase pichada é “Veni vidi vici” ("Vim, vi, venci"), que está ligada ao imperador romano Júlio César, que enviou uma carta ao Senado Romano em 47 a.C., descrevendo sua vitória sobre Fárnaces II na Batalha de Zela. O aporte histórico e clássico por trás desta frase mostra que o produtor tinha conhecimento para escrevê-la, sugerindo que

talvez possa ser um estudante da Universidade Federal de Juiz de Fora (localizada ao lado do Bairro São Pedro).

A Figura 23, a seguir, mostra um graffiti com recursos do espanhol localizado no Bairro Barbosa Lage, Zona Norte de Juiz de Fora:

**Figura 23: Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Esta inscrição, realizada em um muro de uma escola, mostra o uso de recursos do espanhol, que fazem parte do repertório do escritor e demonstram a característica plurilíngue da paisagem sociolinguística da cidade. Neste caso, com a inscrição “Deus é fiel”, o autor mostra claramente sua crença cristã, sem qualquer sinal de resistência social. Mais uma vez, está presente a ideia de comunicação com a sociedade em vez de agressão. Ainda, as letras são bem elaboradas e cheias de cores, o que demonstra um cuidado com a estética do trabalho.

Além desta inscrição, também foi encontrada outra em espanhol:

**Figura 24: Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015**




Fonte: fotografia tirada pela autora.

Os termos “sin origen” (“sem origem”) e “sin proyección” (“sem projeção”) podem remeter ao caráter marginal do grafite, uma vez que grande parte dos artistas não tem reconhecimento e dispõe de pouco espaço para sua arte na sociedade. No entanto, as inscrições estão abertas a outras interpretações, considerando que esta é apenas uma possibilidade. O que mais chama a atenção, no entanto, é o uso desses recursos, mostrando, mais uma vez, o plurilinguismo presente nos grafismos urbanos da cidade pesquisada.

Na próxima seção, falaremos sobre as fotografias da categoria “*codemeshing”.*

## 4.4 *Codemeshing*

Em nosso banco de dados de fotografias, encontramos, ainda, grafismos urbanos constituídos por uma mistura de recursos linguísticos de diferentes línguas. Não chamamos essas “misturas” de *code-switching* ou *code-mixing* porque nem sempre elas seguem um padrão (por exemplo, uma palavra de uma língua + uma palavra de outra língua na mesma frase). Essas misturas,

muitas vezes, são “entrelaçamentos” de língua, em que recursos de uma se misturam com outra para gerar uma nova expressão. Um exemplo está na Figura 25, a seguir:

**Figura 25: Rua Lauro Telles Mesquita, Bairro São Pedro, 20 junho 2014**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

Neste caso, a palavra *dropando*, que não é dicionarizada, vem do termo *drop*, do inglês. Conforme acreditamos, *drop*, entre outros significados, é uma gíria do *surf* que significa “descer a onda da crista até a base”, i.e., “dominar a onda”. Também pode significar “ficar de pé em cima de uma prancha na onda”[25]. No caso da pichação, foi acrescentado o sufixo “-ando”, que remete ao gerúndio de um verbo no português. Neste caso, recursos de ambas as línguas foram misturados para significar “pisando” ou “arrasando”, o que consiste em *codemeshing*. Há, ainda, na foto, a coexistência de dois traços distintos. A assinatura (tag) dos pichadores está com um estilo de letra e a frase com outro. As duas assinaturas têm um sinal de adição (+), o que demonstra a presença de duas pichadoras, *Baga* e *Boneka*, e que cada parte da manifestação sociolinguística pode ter sido feita por uma delas.

Apresentamos, ainda, mais *codemeshing* na Figura 26:

[25] Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/dropar>. Acesso em: 04/01/2018.

**Figura 26: Rua Silva Vidal Lage, Nova Era, 11 jan. 2015**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

Esta foto foi tirada em uma região considerada periferia da cidade. No entanto, podemos notar o quanto a globalização está presente neste contexto. Neste caso, há a palavra “villa”, com duas letras “l”, que pode ter recebido influências de recursos do italiano, do francês, do inglês etc.. Se pensarmos na palavra “americanos”, que pode remeter aos norte-americanos e ao uso da língua inglesa (assim como o uso da apóstrofe), temos, mais uma vez, um significado voltado para a elite. O termo “villa” remete a residências luxuosas no contexto inglês, de campo ou de praia. Outro significado é casa de subúrbio. A apóstrofe, por sua vez, foi utilizada de forma diferente do inglês padrão. No entanto, quando pensamos na estrutura “Villa dos americano’s”, é possível inferir que a intenção do produtor pode ter sido indicar posse, o que ficou redundante com “dos”, do português brasileiro. Esse entrelaçamento linguístico mostra como recursos do inglês foram movidos para o contexto do bairro juzforano “Jóquei Clube”, adquirindo significados locais.

Outro exemplo está na Figura 27, a seguir:

**Figura 27: Av. Ibitiguaia, Santa Luzia, 24 nov. 2014**




Fonte: fotografia tirada por Leonardo Mendes Albuquerque, aluno do curso de Letras.

Primeiramente, destacamos que a manifestação sociolinguística apresentada na fotografia indexicaliza a questão da liberdade sexual, tão presente atualmente, no Brasil, principalmente nas redes sociais e na mídia em geral. A pichação parece ter sido assinada pelo grupo “Os Romeu’s”. Os termos “You dick my” são recursos do inglês, formando uma frase em *codemeshing* com o termo em português “piscologo” (cuja grafia está diferente do padrão “psicólogo”). Além disso, a apóstrofe em “Romeu’s” sugere o uso de um recurso de língua inglesa. Ao apresentarmos esta fotografia, buscamos demonstrar a mobilidade dos signos, cujas formas viajam, muitas vezes, sem modificarem-se, enquanto outros recursos (como indexicalidade, significados, valor social etc.) acabam recebendo inovações no contexto para o qual se moveram.

Outro exemplo da categoria *codemeshing* está na Figura 28, a seguir:

**Figura 28: Rua Jerônimo Norberto Fernandes, Bairro Benfica, 4 out. 2014**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

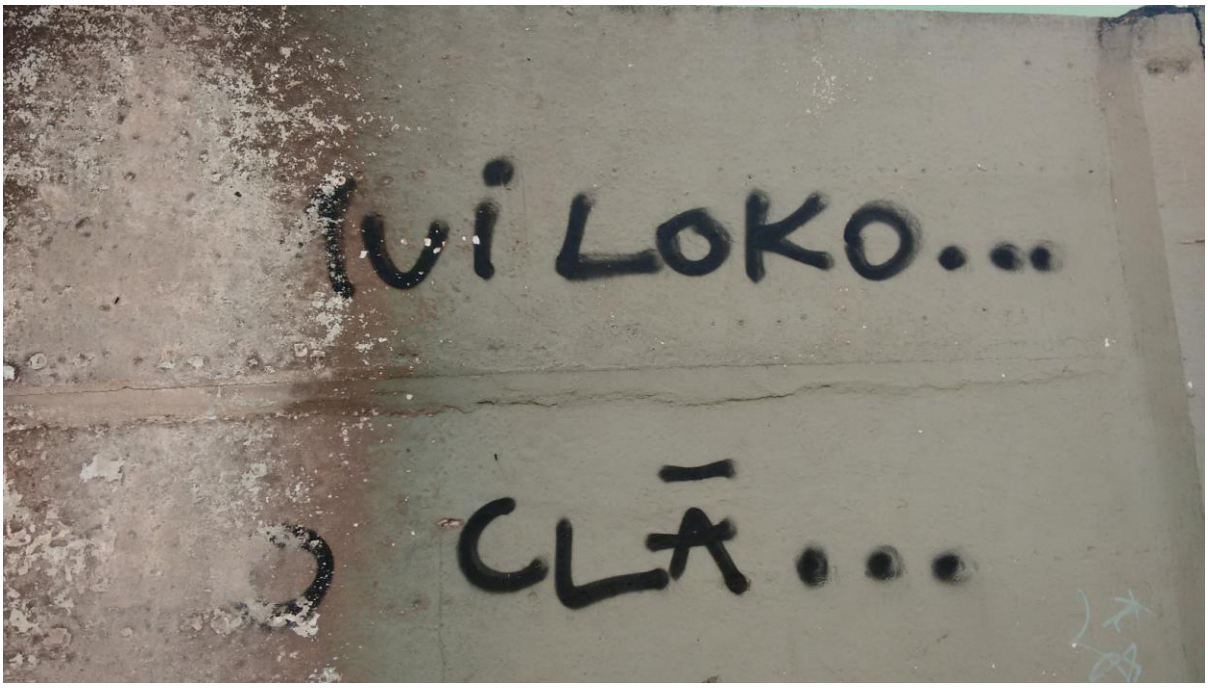
Esta pichação foi realizada em um local de difícil acesso. É uma estrada nova, ainda de terra e em construção, no alto do bairro Benfica. A parede é de uma casa em construção, mas que parece abandonada há um tempo. Parece ter sido feita com rapidez e não há cores, apesar de um desenho simples.

Neste caso, é possível perceber uma mistura de recursos/fragmentos de diferentes línguas políticas, tais como “el” do espanhol e “the” do inglês. Há, também, a onomatopéia “ah” com a palavra reinventada “cabou” (formando “acabou”), e o pronome “comigo”, do português. Além disso, “El Barto” faz referência à animação norte-americana “Os Simpsons”, considerando que a expressão é adotada pelo personagem Bart Simpson, configurando um tipo de assinatura de suas pichações.

Podemos inferir o contato do indivíduo que fez a pichação com a cultura norte-americana e com recursos diferentes do português. Esse contato (seja através da tecnologia ou face a face) reflete e enriquece o repertório comunicativo tanto do indivíduo pichador, quanto do indivíduo que passa pelo local e percebe a escrita.

Apresentamos, ainda, a Figura 29, a seguir:

**Figura 29: Rua Carlos Chagas, São Mateus, 08 ago. 2016**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

Neste caso, a pichação está desgastada e parece ter sido escrita com rapidez (em um local em que há bastante movimento, inclusive de bares de madrugada), uma vez que só foi utilizada a tinta *spray* preta. Não há a presença de outras cores. É possível perceber, nesta manifestação como *codemeshing* com recursos que lembram o espanhol. A expressão “mui loko” lembra o padrão “muy loco” do espanhol, possivelmente com influências de outros recursos presentes no repertório do escritor.

Na Figura 30, a seguir, apresentamos outra ocorrência de *codemeshing*:

**Figura 30: Rua Lauro Telles Mesquita, Bairro São Pedro, 20 junho 2014**




Fonte: fotografia tirada pela pesquisadora.

É relevante destacar que a pichação em questão foi realizada em cima de uma propaganda de um candidato a vereador de Juiz de Fora. Isso pode ter sido intencional, com o objetivo político de apagar ou confundir a propaganda.

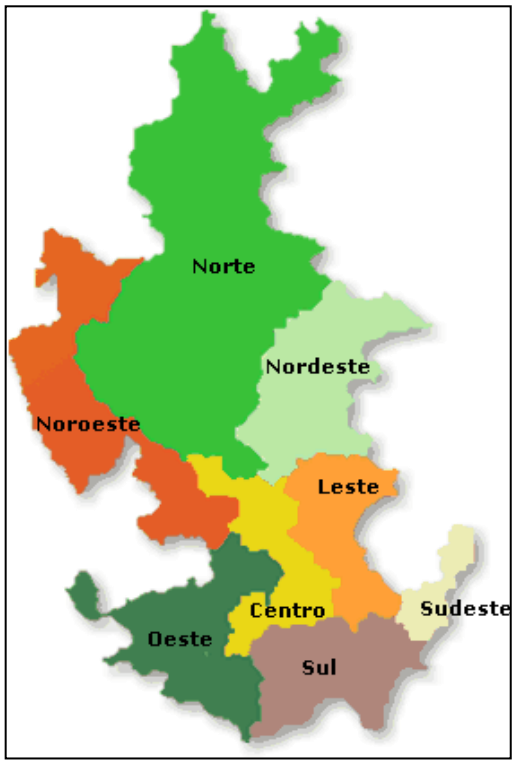
A sentença “I love quebrada” constitui uma mistura de recursos linguísticos que apontam para um significado social, pichada em um muro da Região Oeste da cidade. A palavra “quebrada”, do português, não dicionarizada, neste sentido metafórico, pode significar, na linguagem do público jovem, “território” ou “noite de diversão”. Parece também ter sido feita às pressas e com spray, considerando que é uma rua residencial do bairro São Pedro.

## 4.5 Algumas considerações sobre este capítulo

Nesta seção, buscamos refletir sobre a análise realizada. Primeiramente, discutimos a seguinte questão: em que lugar da cidade foram encontradas mais dessas manifestações plurilíngues e por quê?

A cidade de Juiz de Fora é dividida em zonas: Norte, Sul, Leste, Oeste, Central, Sudeste, Nordeste e Noroeste. O mapa a seguir ilustra essa divisão:

**Figura 31: Mapa de Juiz de Fora dividido em zonas**




Fonte: <http://www.acessa.com/jfmapas/regioes.php>. Disponível em: 30 dez. 2017.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) fica na Zona Oeste (também chamada de Cidade Alta), ao lado dos Bairros São Pedro e Borboleta. Em 1848, esses bairros foram fundados ao receberem 1162 colonos alemães, austríacos e dinamarqueses, que representavam 20% da população da cidade na época. No entanto, conforme constatamos em Soares (2013), esses imigrantes não mantiveram sua língua e cultura, e atualmente, há apenas alguns resquícios deste movimento imigratório, que são principalmente os sobrenomes e algumas edificações.

Há, ainda, em Juiz de Fora, algumas tentativas de recuperação de alguns aspectos culturais / identitários do povo alemão. Um exemplo disso é a fundação do Centro Folclórico Teuto-Brasileiro, em 27 de agosto de 1967, que criou a Festa Alemã do Bairro Borboleta, iniciada somente no ano de 1969, mais de 110 anos após o movimento migratório. Naquele momento, muito da(s) cultura(s) alemã(s) já havia se perdido na cidade de Juiz de Fora, devido a vários fatores ecológicos, alguns dos quais discutimos em minha dissertação de mestrado intitulada *Lieb heimatland, ade!: o apagamento dos traços língua-*

*cultura-identidade alemães em Juiz de Fora/MG e a hegemonia da língua portuguesa*.

Nesta mesma zona da cidade, foram encontradas 25,3% das manifestações com fragmentos de línguas diversas. Isso quer dizer que não é a região da cidade com mais grafismos com recursos diferentes do português. Inclusive, a única pichação com recursos do alemão não estava na Zona Oeste, mas na Zona Central da cidade. As manifestações encontradas na Zona Oeste estavam em inglês, latim (talvez devido à proximidade da UFJF e ao ensino de línguas e história clássicas), italiano e *codemeshing* (as últimas apresentadas nas figuras 12, 18 e 30, por exemplo). Isso sugere que a superdiversidade (e não os movimentos migratórios do século XIX) é responsável por estas manifestações, uma vez que as línguas se moveram para novos contextos.

As regiões onde foram encontradas mais manifestações em línguas diversas foram a Noroeste e a Central da cidade, ambas com 31%.

A Zona Noroeste (conhecida na cidade, pelo senso comum, como Zona Norte, formada pelos bairros Benfica, Nova Era, Vila Esperança, Distrito Industrial etc.), no século XIX, era uma grande fazenda que pertencia ao vereador Francisco Martins Barbosa, que só começou a receber moradores quando foi dividida em várzeas (pequenos loteamentos), que foram vendidas, nas primeiras décadas do século XX.

O único registro de movimento migratório para a região é de japoneses, na primeira metade do século XX, para trabalharem em lavouras de tomate, mas não há um número exato de famílias disponível. No entanto, não há pichações com recursos de línguas asiáticas na cidade. Nessa área, encontramos grafismos com fragmentos de inglês e espanhol, bem como *codemeshing* (apresentados nas Figuras 26 e 28, por exemplo).

A Zona Central é formada pelos principais bairros de Juiz de Fora, nos quais está concentrada a maior parte do comércio da cidade. É a referência para os moradores de bairros mais afastados, bem como para residentes em pequenas cidades vizinhas, que usam o centro para estudar, frequentar clínicas médicas e hospitais, fazer compras etc. Isso quer dizer que há uma população flutuante muito grande nesta região, e que os imigrantes que vieram

para a cidade, em algum momento, possivelmente passaram por esta região. Além disso, conforme verificamos, há muitas lojas de estrangeiros nesta parte da cidade.

Na Rua Marechal, por exemplo, há várias lojas de chineses e coreanos. Em uma nota expandida, do dia 14/06/2014, foi relatado o seguinte:

> [...] Fui para a Rua Marechal Deodoro. Lá, perguntei em todas as lojas qual era a nacionalidade dos proprietários. Encontrei seis lojas cujos donos eram chineses e coreanos, na seguinte ordem:
>
> | Loja[26] | Nacionalidade dos proprietários |
> |---|---|
> | 1 | chineses |
> | 2 | coreanos |
> | 3 | coreanos |
> | 4 | coreanos |
> | 5 | coreanos |
> | 6 | chineses |
>
> A proprietária da loja 4 é D. Sophia (esse nome é o que ela escolheu em português), coreana. Ela tem recursos do português em seu repertório.

Este fragmento de nota expandida mostra como há lojas de pessoas que têm repertórios individuais formados por recursos de línguas diversas em Juiz de Fora. Além dessas lojas, há também estabelecimentos comerciais de árabes e de descendentes de alemães na Zona Central, o que leva à questão da superdiversidade. Nesta região, especificamente, encontramos grafismos urbanos com recursos de inglês, espanhol, alemão e francês, bem como *codemeshing.*

Na Zona Nordeste da cidade, foram encontrados 8,5% dos grafismos urbanos com recursos de línguas diversas, especialmente nos bairros Mariano Procópio, Santa Terezinha e Democrata. Os fragmentos remetem ao inglês e ao francês.

Nesta região, não há registros de movimentos migratórios no século XIX. No entanto, conforme acreditamos, essas línguas se moveram, nos dias atuais, por meios virtuais ou físicos, na era de superdiversidade em que estamos inseridos, sem que houvesse ligação com movimentos migratórios do passado.

[26] As lojas não foram identificadas para preservar a identidade dos proprietários.

O mesmo acontece na Zona Sul, que contou com 4,2% dos grafismos urbanos com fragmentos de línguas diversas. Nestes bairros, foram encontrados grafismos com recursos do inglês e do italiano, bem como *codemeshing*.

Também não há registros de movimentos migratórios no passado especificamente para esta região, apesar de a cidade ter recebido imigrantes italianos no século XIX. Contudo, conforme demonstra Gaio (2013), a língua/cultura italiana na cidade também parece ter se perdido ao longo de tempo, o que sugere, mais uma vez, a ideia das línguas que se movem (KROON, JIE & BLOMMAERT, 2011) e da superdiversidade no mundo.

Quanto às zonas Leste, Norte e Sudeste, não encontramos grafismos urbanos com fragmentos de línguas diversas durante a pesquisa de campo e, portanto, elas não foram consideradas nesta análise.

Uma explicação é que a Zona Norte é formada pelos bairros Represa e Remonta, que têm densidade demográfica baixa, contando apenas com sítios e outros tipos de propriedades rurais. São bairros pouco frequentados pela população da cidade. O mesmo acontece com a zona Sudeste, que é formada pelos bairros Floresta e Barão do Retiro. Neles, há densidade demográfica baixa, e há poucas residências e comércio escasso.

Quanto à Zona Leste, não encontramos ocorrências com fragmentos de línguas diversas. Havia grafismos urbanos, mas apenas em português. Não encontramos uma explicação possível para esta questão. Foram visitados os bairros Grajaú, Nossa Senhora de Lourdes, Progresso, Bonfim e Santa Rita de Cássia.

Sobre a superdiversidade, podemos dizer que essa tem contribuído para a expansão dos repertórios individuais, considerando que os contatos linguístico-culturais estão mais intensos e frequentes, nos últimos anos, na cidade de Juiz de Fora. Dessa forma, conforme acreditamos, as pichações / o graffiti podem não apenas demonstrar o caráter plurilíngue e global da cidade, mas também contribuir para a formação dos repertórios individuais daqueles que leem determinada inscrição ao passarem por um local.

Para Blommaert e Backus (2012), repertório é a palavra que usamos para descrever todas as “formas de dizer”. “Essas formas são uma gama de

recursos linguísticos (variedades linguísticas), culturais (gêneros estilos etc.) e sociais (normas de produção e entendimento das línguas)" usada pelos indivíduos para a comunicação. Rymes (2010, p. 528, tradução nossa) também fala de repertório, dizendo que é "o conjunto de formas com que os indivíduos usam a língua e o letramento, e outros meios de comunicação (gestos, vestuário, postura ou acessórios)"[27]. Blommaert e Backus (2012) também destacam que o repertório nunca é finalizado, mas construído ao longo de tempo, de acordo com as experiências do indivíduo.

Diante das considerações tecidas neste trabalho, destacamos que a ideia de "sujeito bilíngue" sempre esteve muito presente na sociolinguística voltada para as línguas em/de contato, e até mesmo no senso comum. Mas, afinal, após esta investigação e após utilizar este termo por muitas vezes em minhas pesquisas, pergunto-me o que é verdadeiramente ser bilíngue, se esta palavra, por si só, já sugere uma divisão exata das línguas?

Barreto (2009, p. 121) defende que bilíngue não é aquele que tem domínio igual e nativo em duas línguas. "Com esta condição particular, os indivíduos bilíngues apropriam-se de dois códigos distintos e os utilizam em [...] diferentes ambientes comunicativos". Se pensarmos, então, na ideia de formação de repertórios, podemos considerar como bilíngue, na verdade, aquele que dispõe de fragmentos de diferentes línguas, sendo capaz de usá-los em diferentes contextos, e até de misturá-los para criar novos significados, para comunicar-se de alguma forma, construindo até mesmo uma nova gramática, se necessário. É possivelmente aquele capaz de entrelaçar esses recursos em diferentes situações da vida, intencionalmente ou não, sendo agente no processo comunicativo. Podemos dizer, então, que é aquele indivíduo que possui um repertório próprio, construído a partir de suas experiências de vida e de seus contatos sociais, linguísticos e culturais.

[27] A communicative repertoire is the collection of ways individuals use language and literacy and other means of communication (gestures, dress, posture, or accessories (RYMES, 2010, p. 528, como no original).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, buscamos compreender como a superdiversidade está presente na paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG por meio dos grafismos urbanos. A partir de uma pesquisa de campo, percebemos que diferentes recursos formam os repertórios dos pichadores e grafiteiros da cidade em questão, o que demonstra que as línguas são de fato móveis e fragmentáveis, e não sistemas fechados e estanques.

Descrevemos, portanto, o ambiente sociolinguístico atual da cidade, apresentando dados levantados pelo IBGE (Instituto Brasileiro se Geografia Estatística), reportagens do Jornal Tribuna de Minas, bem como dados voltados para a história dos imigrantes que foram inseridos no ecossistema da cidade. Com isso, também buscamos analisar a mobilidade de pessoas e dos signos na cidade, e reconhecer o que os grafismos urbanos estão significando em termos sociais e culturais e seus prováveis interlocutores.

Conforme percebemos, os grafismos urbanos, inseridos no escopo da contracultura, são formas de expressão legítimas e marcadas por características próprias. São, como afirma Souza (2011), "letramentos de reexistência", cujos produtores buscam se afirmar no mundo e desafiar os preconceitos impostos pela sociedade. Em meio à "adrenalina" e ao objetivo de protesto que subjazem a pichação, e à profissionalização e à arte do graffiti, estão indivíduos marcados pela opressão e que buscam expressar a sua voz em meio a um sistema de desigualdades. Esses indivíduos se expressam por meio de seus repertórios, que recebem diferentes influências e são constantemente transformados por experiências de vida individuais.

Durante este estudo, encontramos aspectos relacionados às pichações e ao graffiti que contribuíram para o entendimento dessas manifestações linguístico-culturais. Alguns desses aspectos, que caracterizaram os grafismos urbanos no período de 2014 a 2016, foram: (i) a maioria dos grafismos urbanos em Juiz de Fora contêm letras do alfabeto, compreensíveis aos olhos de leigos, e não códigos como em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte; (ii) o uso de recursos de línguas diversas é muito forte nos grafismos da cidade em questão, incluindo fragmentos de italiano, francês, latim, alemão, inglês e

*codemeshing*; (iii) há a presença de *codemeshing,* ou seja, de uma mistura de recursos de línguas diversas, algumas vezes motivada e consciente; (iv) os pichadores de Juiz de Fora não apenas buscam o protesto e as questões políticas, considerando que suas inscrições também se comunicam com a sociedade, são uma oportunidade de conseguir "adrenalina" na madrugada, e/ou são uma tentativa de dizer "eu existo"; (v) as pichações e o graffiti são manifestações *bottom-up* (HUEBNER, 2009), criadas de forma livre por atores autônomos, e consideradas como uma forma de contracultura, que desafia as normas e os padrões culturais e estéticos muitas vezes impostos pela sociedade.

Diante das questões levantadas, buscamos compreender um pouco do que acontece no mundo a partir de um pequeno lugar, e buscamos compreender um pequeno lugar olhando para além dele, para o mundo, como defende Juffermans (2010, p. 196). No entanto, é claro que há ainda muito a se estudar, há muito que se descobrir e compreender no universo estudado. Esta é só "a ponta de um mistério", como afirma Guimarães Rosa (1962), porque há sempre "um milagre que não estamos vendo". Buscamos, nesse sentido, produzir uma verdade dentre tantas outras possíveis, influenciada pela visão de uma pesquisadora *bricoleur* (DENZIN & LINCOLN, 1994), mas que busca refletir o que acontece em termos de contatos linguísticos no mundo atual.

Conforme defendi neste trabalho, estamos em uma era de superdiversidade (VERTOVEC, 2006; BLOMMAERT, 2010) e de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006). A superdiversidade, nesse sentido, pode existir em graus variados em diferentes meio ambientes, considerando variáveis como acesso à Internet, movimentos migratórios, contatos linguístico-culturais etc. Quanto à globalização, é verdade que sempre existiu, conforme defende Kumaravadivelu (2006), mas atualmente apresenta uma *intensidade* muito maior, considerando o advento da tecnologia e a intensificação das relações humanas com as mobilidades física e virtual.

Dessa forma, em meio a uma sociedade marcada por transformações irregulares e imprevisíveis, as línguas têm se tornado cada vez mais fragmentadas e móveis. O que parece existir, tal como defendo neste trabalho, é um complexo de processos sociolinguísticos se desenvolvendo de diferentes

formas, velocidades e intensidades, modificando a paisagem linguística do mundo. Por isso, atualmente, busco estudar uma "sociolinguística da mobilidade", a partir da qual considero que os recursos são móveis, assim como as pessoas.

Nesse sentido, talvez noções como território linguístico e monolinguismo não sejam mais uma realidade, se é que já foram um dia. O que vemos é uma realidade de contatos linguísticos cada vez mais dinâmicos, principalmente nos centros urbanos. Dessa forma, neste trabalho, discutimos questões relacionadas a manifestações linguísticas presentes em pichações e grafites na cidade de Juiz de Fora/MG, com o intuito de mostrar a presença de formas (i.e., de fragmentos de línguas políticas) que se moveram e receberam novos contornos – em termos de indexicalidade, valor social, significados etc. – em um novo contexto. Dessa forma, buscamos desconstruir a ideia, presente no senso comum, de que a cidade estudada é monolíngue, considerando que a inexistência de fronteiras nítidas para as línguas permite que elas se movam para novos espaços (físicos ou virtuais) e façam parte dos repertórios dos indivíduos.

Dessa forma, podemos dizer que o cenário específico estudado pode refletir, em grande medida, o que tem ocorrido em outras partes do mundo, uma vez que há cada vez mais mudanças em termos de organização espacial e, consequentemente, em termos de diversidade cultural e repertórios.

Concluo minhas considerações finais deste trabalho destacando as dificuldades encontradas durante a pesquisa. A primeira delas foi conseguir que os pichadores falassem sobre seus letramentos, e assumissem para uma desconhecida que praticavam uma atividade considerada ilícita pela sociedade. Neste processo, muitos foram contatados, mas poucos se dispuseram a participar da pesquisa.

A outra dificuldade foi fotografar algumas manifestações, que às vezes estavam em muros de casas (ou seja, em terreno semipúblico). Nem sempre houve a compreensão, por parte do proprietário, do que eu estava fazendo, o que exigiu negociação e bom senso.

A última dificuldade foi conseguir cobrir uma área de 1.429,875 km², fotografando bairros diferentes, por quatro anos, sem deixar de passar por

todos eles. Além de ser uma área extensa, encontrei o problema da violência, que impossibilitou o acesso a alguns locais específicos. Há algumas histórias para contar, que não cabem em um trabalho acadêmico, mas há também um sentimento de missão cumprida, apesar de saber que ainda há muito a se fazer dentro do escopo dos grafismos urbanos e da mobilidade.

**Referências:**

AHEARN, L. M. **Living Language:** An Introduction to Linguistic Anthropology. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2007.

ALBUQUERQUE, A. F. de. A prefixação intensiva em anúncios publicitários*. In: ALVES, Ieda Maria et al. (Orgs.).* **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas.** São Paulo: FFLCH/USP, 2010. pp. 79-93.

ATTANÉ, A. & LANGEWIESCHE, K. Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, n. 21, v. 2, 2005. pp. 133-151.

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase. *In:* XOÁN, C. L. & BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. pp. 355 - 388.

BARRETO, M. M. G. S. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. *In:* SALGADO, Ana Claudia Peters; BARRETO, Mônica Maria Guimarães Savedra (Orgs). **Sociolinguística no Brasil:** uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. P. 121-140.

BARTHES, R. **Elements of semiology.** Nova York / USA: The Noonday Press, 1964.

BECKER, A. L. Language and Languaging. **Language and Communication**, n. 11, v. 1/2,1991. pp. 33-35.

BLOMMAERT, J. & BACKUS, A. Superdiverse repertoires and the individual. In: SAINT-GEORGES, Ingrid de; WEBER, Jean-Jacques (eds.) **Multilingualism and Multimodality**: Current Challenges for Educational Studies. Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers, 2013. pp. 11-32.

BLOMMAERT, J. & JIE, D. **Ethnographic FieldworK.** Multilingual Matters, 2010.

BLOMMAERT, J. & MALY, I. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: a case study. **Tilburg Papers in Culture Studies**. 2014. Disponível em: <https://www.tilburguniversity.edu/upload/6b650494-3bf9-4dd9-904a-5331a0bcf35b_TPCS_100_Blommaert-Maly.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2016.

BLOMMAERT, J. Citizenship, language and superdiversity: towards complexity. **Working Papers in Urban Language & Literacies.** Universiteit Gent, 2012.

BLOMMAERT, J. **The conservative turn in Linguistics Landscape Studies**. 2016. Disponível em: <http://alternative-democracy-

research.org/2016/01/05/the-conservative-turn-in-linguistic-landscape-studies>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. New York, USA: Cambridge University Press, 2010.

BYERS, P. **Cameras Don't Take Pictures**. 1966. Disponível em: <http://varenne.tc.columbia.edu/byers/camera.html>. Acesso em: 5 jul. 2016.

CANAGARAJAH, S. Crossing borders, addressing diversity. **Language Teaching**, v. 49, jul. 2016. pp. 438 - 454.

CANAGARAJAH, S.. **Translingual practice:** global Englishes and cosmopolitan relations. Nova York, USA: Routledge, 2013.

CARVALHO, R. A. de. Quando as relações se expressam nos muros: pixadores em Belo Horizonte, pixações de Belo Horizonte. **Ponto Urbe** (Revista do núcleo de antropologia urbana da USP), n. 13, 2013.

COLLIER Jr., J. & COLLIER, M. **Visual Anthropology:** Photography as a Research Method. 5 ed. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986. 248 p.

COPE, B. & KALANTZIS, M. (Eds.) **Multiliteracies:** Literacy Learning and the Design of Social Futures. London: Routledge, 2000.

COSERIU, E. **Linguistic Competence:** What is it Really? Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3729050>. Acesso em: 10 out. 2017.

COULMANS, F. Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere. *In*: SHOHAMY, E. & GORTER, D. (Org). **Linguistic Landscape:** expanding the scenery. New York, USA: Routledge, 2009.

CREESE, A. & BLACKLEDGE, A. Towards a sociolinguistics of superdiversity. **Z. Erziehungswiss**, n. 13, 2010. pp. 549-572. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s11618-010-0159-y#page-2:. Acesso em: 20 dez. 2015.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. Introduction: Entering the Field of Qualitative Research. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN (Orgs.). **Handbook of Qualitative Research**. California: SAGE Publications, 1994.

DINIZ, A. M. A. & FERREIRA, R. G. B & ALCÂNTARA, S. A. Pichação, paisagem e território no hipercentro de Belo Horizonte. **Caderno de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 22, n. 30, 2015. pp. 85-103.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n. 115, pp. 139- 154, 2002.

FILMORE, C. J. Frames semantics. *In:* GEERAERT, D. (Org). **Cognitive Linguistics:** basic readings. Nova York, USA: Mouton de Gruyter, 1955.

GAIO, M. M. **Imigração italiana em Juiz de Fora:** manutenção e perda linguística em perspectiva de representação. 2013. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century:** A Global Perspective. Malden, MA and Oxford: Basil/Blackwell, 2009.

GEERTZ, C. Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture. *In:* **The Interpretation of Cultures:** Selected Essays. New York: Basic Books, 1973. pp. 3-30.

GITAHY, C. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

GNL. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *In:* COPE, B. & GORTER, D. Introduction: The Study of the Linguistic Landscape as a New Approach to Multilingualism. International Journal of Multilingualism, v. 3, 2006.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**: São Paulo, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995, p. 57-63.

GORTER, D. Introduction: The Study of the Linguistic Landscape as a New Approach to Multilingualism. **International Journal of Multilingualism ,** v. 3, 2006.

GOULART, P. V. S. Super se gramaticalizando: o movimento de gramaticalização do 'super' em blogs de revistas para adolescentes. In: **Cadernos do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, v. 15, n. 5, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

GRABER, K. E. On the Disassembly Line: Linguistic Anthropology in 2014. **American Anthropologist**, v. 117, n. 2, 2015. pp. 350-363.

GUISAN, P. Língua: a ambiguidade do conceito. *In:* **Sociolinguística no Brasil:** uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. pp. 17 - 27.

HAMMERSLEY, M. & ATKINSON, P. **Ethnography:** Principles in Practice. London: Tavistock, 1983.

INDA, J. X. & ROSALDO, R. (Org.). **The Anthropology of Globalization**: a reader. Malden: Blackwell Publishing, 2007. pp. 212-34.

JØRGENSEN, J. N & JUFFERMANS, K. **Languaging.** 2011. Disponível em: <https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/6654/1/Jorgensen%20%26%20Juffermans%202011%20languaging.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

JØRGENSEN, J. N. Polylingual languaging around and among children and adolescents. **International Journal of Multilingualism***,* v. 5, 2008. pp. 161-176.

JUFFERMANS, K. **Local Languaging:** Literacy Products and Practices in Gambian Society. Tese (Department of Culture Studies & Babylon Centre). School of Humanities. Tilburg University. 2010.

KALANTZIS, M. (Eds.) **Multiliteracies:** Literacy learning and the design of social futures. London/NY: Routledge, 2006 [2000/1996].

KROON, S.; JIE, D. & BLOMMAERT, J. Truly Moving Texts. **Tilburg Papers in Culture Studies.** 2011. Disponível em: <https://www.tilburguniversity.edu/upload/9337fbc1-3723-474c-bf53-c9e457562bb2_tpcs%20paper3.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2015.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. *In:* MOITA LOPES, L. P. da. **Por uma lingüística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006. pp. 129-148.

LANDRY, R. & BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: an Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 16, n. 1, 1997. pp. 23-49.

LASSALA, G. **Pichação não é Pixação.** 1 ed. São Paulo: Altamira, 2010.

LASSALA, G. **Pichação não é pixação:** uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira Editorial, 2015.

LIPOVETSKY, G. & CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**.Traduzido por Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MAKONI, S. & PENNYCOOK, A. Disinventing and reconstituting languages. *In:* MAKONI, S. & PENNYCOOK, A. (Orgs.). **Disinventing and reconstituting languages**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Revista DLCV**, v. 1, n. 1, João Pessoa, out. 2003. pp. 9-40.

MARTINS, L. F. O desenvolvimento das construções avaliativas com “super”, “hiper” e “mega”: uma abordagem linguística centrada no uso. *In:* **Seminário de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Linguística,** Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

MEGALE, A. H. Memórias **e Histórias de Professores Brasileiros em Escolas Bi/Multilíngues de Elite**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MICHELOTTI, D. **Arte em vitrais:** a salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia. 2011. Dissertação (Mestrado em Museologia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2011. 118 f.

MIGNOLO, W. Herencias coloniales y teorias postcoloniales. *In:* GONZÁLES STEPHAN, B. **Cultura y Tercer Mundo**: 1. Venezuela: Nueva Sociedad, 1996, p. 99-136.

MØLLER, J. S. & JØRGENSEN, N. J. **From language to languaging**: changing relations between humans and linguistic features. 2009. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03740460903364185>. Acesso em: 12 ago. 2016.

MUFWENE, S. S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 255 p.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, n. 3, pp. 1-5, jul. 1996.

OTSUJI, E. & PENNYCOOK, A. 2010. Metrolingualism: Fixity, fluidity and language in flux. **International Journal of Multilingualism,** v. 7, 2010. pp. 240-254.

PENNACHIN, D. L. **Signos subversivos - das significações de graffiti e pichação:** metrópoles contemporâneas como miríades sígnicas. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP15_pennachin.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

PENNYCOOK, A. & OTSUJI, E. Metrolingual multitasking and spatial repertoires: 'Pizza mo two minutes coming". **Journal of Sociolinguistics,** v. 18, n. 2, 2014. pp. 161–184.

PENNYCOOK, A. Landscapes and the Transgressive Semiotics of Graffiti. *In:* SHOHAMY, E. & GORTER, D. (Orgs.). **Linguistic Landscape:** expanding the scenery. New York, USA: Routledge, 2009.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica:** linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAPPORT, N. & OVERING, J. **Social and Cultural Antrophology**. London, UK / New York, USA: Routledge, 2000.

REYES, A. Linguistic Anthropology in 2013: Super-new-big. **American Anthropologist**, v. 116, n. 2, 2014. pp. 366–378.

ROJO, R. & MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. **Alfabetização e Multiletramentos**. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalhe/246/roxane-rojo-alfabetizacao-e-multiletramentos.html>. Acesso em: 17 jun. 2015.

ROJO, R. H. & BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROSA, G. **Primeiras estórias**. 3 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967 [1962].
SHOHAMY, E. & GORTER, D. (Org). **Linguistic Landscape:** expanding the scenery. New York, USA: Routledge, 2009.

SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E. & BARNI, M. **Linguistic Landscape in the city**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010.

SOARES, M. S. **Lieb heimatland, ade!:** o apagamento dos traços língua-cultura identidade alemães em Juiz de Fora/MG e a hegemonia da língua portuguesa. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, 2013.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2011.

TARTAGLIA, L. R. da S. **Geograf(it)ando:** a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro. 2010. Universidade Federal Fluminense (Mestrado em Geografia). Niterói, 2010.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies,** 29 (6), 2006.

VIÑA, C. La profecía "Rastafari": de Hailé Selassié a Bob Marley. **Clío - Revista de Historia,** n. 57, 2006. pp. 68-71.

WILLIAMS, R. **Marxism and Literature**. Oxford: Oxford University Press, [1977] 2009.

# ANEXOS

## ANEXO A

## ENTREVISTA REALIZADA COM A PICHADORA B., DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK*

**25/4/2016**
**Mariana Schuchter Soares**
Oi, B.[28]! Meu nome é Mariana. Vi seu perfil no JF Pixação. To precisando de um depoimento de pixadores de JF para a minha pesquisa de doutorado (sem identificar você, só nome fictício). Pode ser aqui pelo face, por e-mail ou pessoalmente. Topa? Minha pesquisa eh sobre grafismos urbanos. Se tiver alguém para me indicar tb, agradeço MUITO! Tá difícil de conseguir! E agradeço se puder conversar comigo tb, de coração!

**25/4/2016 16:55**
**B.**
Poook
Topo sim
Com certeza!
ainda tem um monte de gente pra TD indicar
Hahahaha
Mas eu não faço grafite não, mas conheço os mlks do setor
Posso te ajudar

- 26 de abril

**26/4/2016 13:42**
**Mariana Schuchter Soares**
Que bom!! Você disse que não faz grafite, mas faz pixação? Ou nenhum dos dois? Eu queria conversar com a galera da pixação, porque já conversei com alguns grafiteiros... Se você tiver gente para me indicar, vou ficar muito feliz! Será que eles conversam comigo, de boa?

**B.**
Pixação
Tenho sim
Mas não sei se eles animariam
Se quiser marcar um encontro
Eu falo com eles
E nós aparecemos
Pq contato lombra agt
26/4/2016 13:48

[28] O nome original foi substituído para preservar a identidade da participante da pesquisa.

**Mariana Schuchter Soares**
É, eu sei que geralmente quem pixa não gosta de falar, porque o povo julga demais, tem gente que não entende msmo. Mas eu acho legal se manifestar, por isso escolhi esse tema para a minha pesquisa, entendeu? Mas se eles animarem, a gente marca sim. Pode ser em qualquer lugar.

Se eu te mandar umas perguntas, você responde? Ou prefere marcar de encontrar? Pode ser aqui mesmo, no zap, por e-mail... você é quem sabe... E pode escolher um nome para aparecer na pesquisa, para não identificar você...

**B.**
Manda as perguntas
Que eu mando pra cada um delea
E vou te enviando por aqui as respostas
Fica melhor mesmo
Eles me responde até mais rápido

**Mariana Schuchter Soares**
Tá, blz! Peraí que vou achar as perguntas aqui!

**B.**
Okk

**Mariana Schuchter Soares**
Oi, B.! Seguem as perguntas:
1- Quais são sua idade e sexo? 2- Há quanto tempo pixa? 3- Por que você pixa? O que busca expressar? 4- O que é mais legal na pixação? Do que você mais gosta? 5- Para você, qual é a diferença entre grafite e pixação? 6- Você se considera parte do movimento pixação (com “x”), que teve início em São Paulo? 7- Você usa tag reto ou prefere palavras que podem ser lidas por qualquer um? Por quê? 8- Você costuma usar línguas estrangeiras na sua arte?
Valeu!

**Mariana Schuchter Soares**
O que você quiser falar a mais, ou se não quiser responder a alguma pergunta, sem problemas!

**B.**
Okkk
Vou enviar pra eles

**Mariana Schuchter Soares**
Obrigada!!!

**B.**
1- Sou a B., tenho 19 anos, mulher ! 2- comecei em 2014 com outra tag (assinatura), mas só to na ativa desde 2015 com o B.. 3-eu pixo pq somos

criados num mundo onde não temos voz! Ainda mais a classe baixa, cada tag é uma pessoa que sofre com o sistema ee mostra que não aceitamos calados, por isso pixamos, pixo é pira adrenalina e uma arte tbm, mas pra maioria da sociedade não é, somos os "rejeitados" na arte. Busco expressar minha voz nas paredes, mostrar que to viva, que eu sou alguém. 4- o mais legal é a adrenalina!! Haha com certeza! O que mais gosto é as vezes conseguir colocar textos meus na rua e todo mundo ver! 5- os dois são formas de arte, só que o grafite eles usam mais desenhos e a maioria das vezes grafiteiro tem autorização da prefeitura ou do proprietário da casa. O pixo não, pixo é a rua, é vandalismo (pra sociedade) pq não pedimos autorização a ninguém pra escalar prédios e Pixar as casas, vamos sem autorização mesmo e tamo nem aí. 6- Claro que sim!! Sou aprendiz de um mano em são Paulo, ele que me passou todas as manhas haha procura lá Pixoação haha mano Loucuras um salve! 7- minha tag é reta, conhecida como paulista mesmo, tem as carioquinhas que são as que ngm entende, eu prefiro a paulista, não pq todo mundo pode entender, mas foi onde saiu minhas inspirações e não, prefiro que a sociedade não entenda e continue vendo só rabisco, pq mesmo quando é legível pra eles é rabisco. 8- não sei nem o português direito kk quem dirá usar os gringos kkk

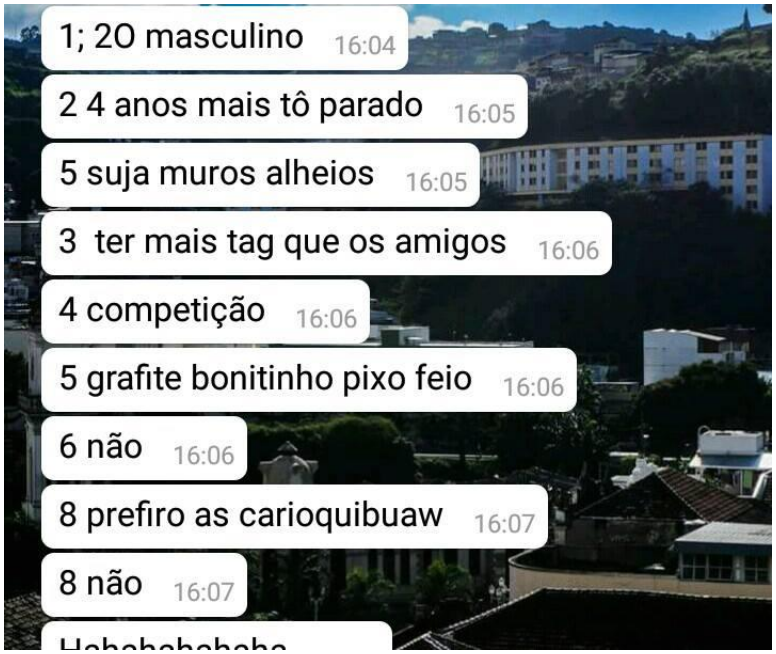
26/4/2016 16:20
**B.**



**B.**




**B.**




**B.**
O print é do Tarut
26/4/2016 16:21




**Mariana Schuchter Soares**
Show!! Essa marca é sua? Me diz, é Tarut? Já vi em vários lugares!
AMEEEEEEI sua entrevista!! Vou ler tudo! Valeu mesmo!
26/4/2016 16:47

**B.**
Ainda vai ter mais alguns pixadores
26/4/2016 16:47

**Mariana Schuchter Soares**
Vou procurar B. pela cidade!
26/4/2016 16:47

**BAGA**
Hahaha Tarut e um amigo meu
Gente finíssima!
Tem na rio branco
S mateus
Av da sete
Morro da glória
Santo Antonio

26/4/2016 16:47

**Mariana Schuchter Soares**
Vi pela cidade inteira!!
26/4/2016 16:48

**B.**
Rio branco
E espírito santo
As minhas tão ai
Kkkkkk
Obrigada
26/4/2016 16:49

**Mariana Schuchter Soares**
Blz! Posso usar suas fotos na pesquisa?
26/4/2016 16:49

**B.**
Fico feliz vendo gente qe nn faz achando bonito
Pode sim
:)
Cada um qe enviar
Vou mandar as respostas e as fotos
E eu quero ver esse trabalho heib
26/4/2016 16:50

**Mariana Schuchter Soares**
Eu adoro!! Rs. Valeu mesmo, você nem imagina como tá me ajudando!
26/4/2016 16:50

**B.**
Kkkkkkjj
De nadaaaa
26/4/2016 16:50

**Mariana Schuchter Soares**
Claaaaro! Você vai ser a primeira a ver! Rs.
26/4/2016 16:50

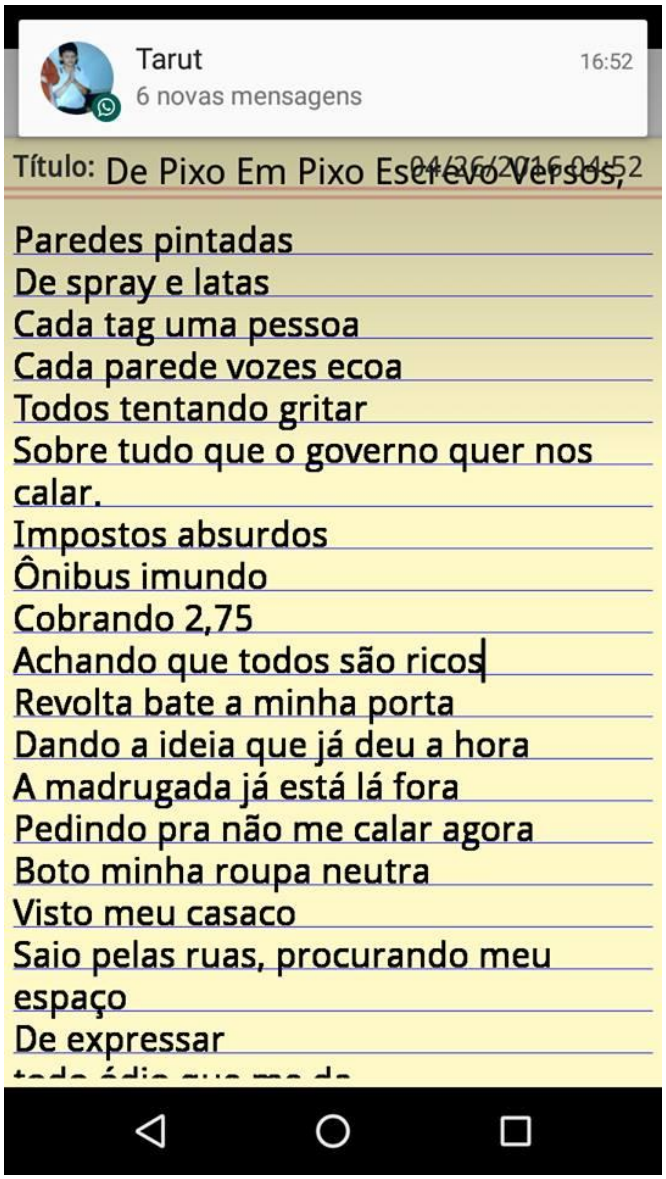
**B.**
Só nn usa a do pixo em pixo escrevo versos
Pq explana d+
26/4/2016 16:50

**Mariana Schuchter Soares**
Ok! Pode deixar!
26/4/2016 16:50

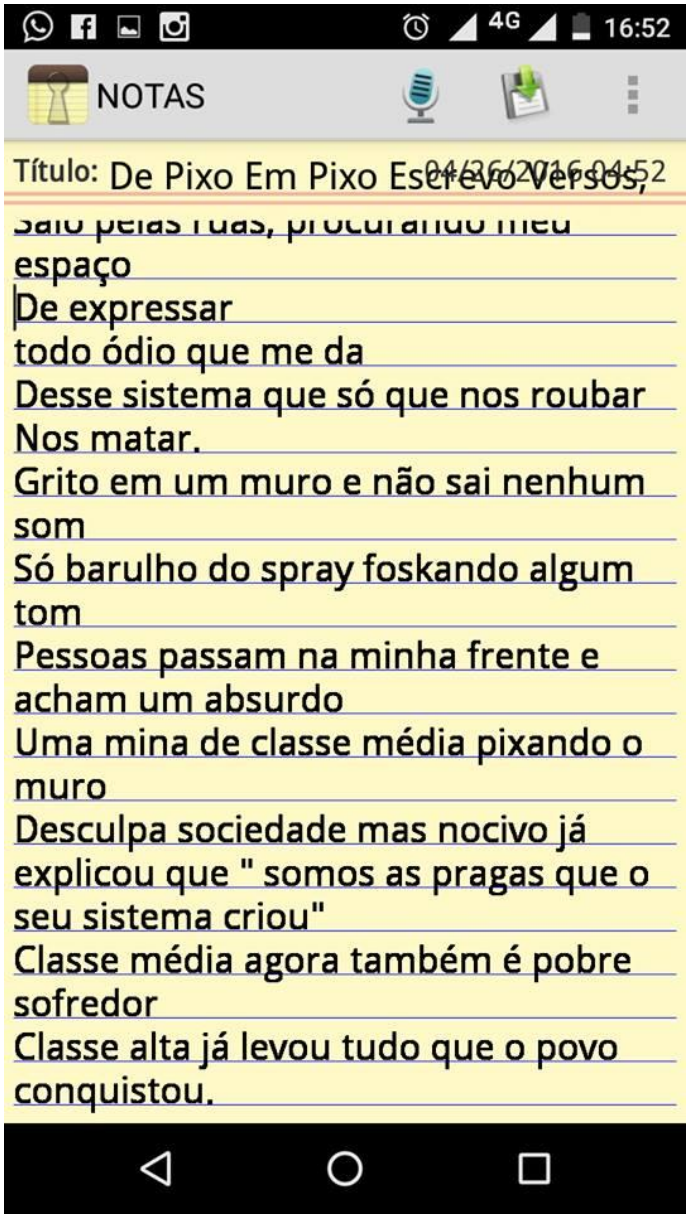
**B.**
Tem esse texto
Se interessar...
Posso te enviar
26/4/2016 16:51

**Mariana Schuchter Soares**
Quero sim!
26/4/2016 16:52

**B.**
26/4/2016 16:52



**B.**
26/4/2016 16:55




**Mariana Schuchter Soares**
Foi o T. que escreveu?
26/4/2016 16:55

**B.**
Não
Fui eu
Eu escrevo tbm
26/4/2016 16:56

**Mariana Schuchter Soares**
lindo!!

26/4/2016 16:56

**B.**
Ele que só tá falando na minha cabeça
Kkkk
26/4/2016 16:56

**Mariana Schuchter Soares**
Jura?
26/4/2016 16:56

**B.**
Ta no hospital tadin
Juro uai, fui eu mesma
Meu bloco de notas
Hahahaha
26/4/2016 16:56

**Mariana Schuchter Soares**
Q aconteceu? Po, mandou bem
KKKKK

26/4/2016 16:56
**B.**
Longboard
Ele sofreu um acidente
A um ano
Aí teve que voltar pra fazer cirurgia
26/4/2016 16:57

**Mariana Schuchter Soares**
Coitado, cara!
Fala com ele q eu vi os tags e adorei! Rs.
Pode usar seu texto tb? Você vai querer que coloque Baga ou invente outro nome?
26/4/2016 16:59

**B.**
B. mesmo
Pode usar tudo qe precisar :)
Okkkk
26/4/2016 16:59

**Mariana Schuchter Soares**
Blz! Deixa comigo!! Valeu!
Qualquer coisa, me chama aí! Vou buscar minha filha na escola e daqui a pouco volto!
26/4/2016 17:00

**B.**
Okk
Beijos

28 de abril

28/4/2016 16:30

**B.**
1-Nome 28 2-desde do meus 17 anos 3-ha pode mostra meu desenvolvimento com as letras e a lata 4-gosto da adrenalina, e pode fazer as tags em tempos rápidos 5-entao as duas e uma coisa so porq quanto o pixo e o graffite da mesma forma e uma expressão 5-po o pixo e uma forma compaquitante com varios tipos de letras, o graffite e um conjunto de letras mais elaborada q não uma coisa corrida 6-po não porq não vivo tanto quanto em sp o pixo, eu prefiro juntas as latas e fazer uma produção ou um painel show 7-gosto de todos os tipos mais eu prefiro os tag bem elaborados e bem estudados 8-sim,porq pra ter um bom tag vc deve aprender todos os tipos de letras com estrangeiras ou não
28/4/2016 16:30

**B.**
Mas não poem o nome não
O dele é ManoCristo
E não tenho foto dele agora
28/4/2016 16:36

**Mariana Schuchter Soares**
Show!! Valeu!! Não preocupe com foto, porque nem posso colocar na pesquisa sem autorização dele por escrito.
28/4/2016 16:37

**B.**
Aah simm
Então ta
A minha autorização vc tem pra tudo
Das minhas fotos e textos
28/4/2016 16:38

**Mariana Schuchter Soares**
Po, valeu msmo! Eu posso colocar a foto de tags dele, mas não dele.
28/4/2016 16:41

## ANEXO B
## ENTREVISTA REALIZADA COM O PICHADOR M., DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK*

1- Quais são sua idade e sexo?
Jonathan, 28.

2- Há quanto tempo pixa?
Desde do meus 17 anos.

3- Por que você pixa? O que busca expressar?
Ha pode mostra meu desenvolvimento com as letras e a lata.

4- O que é mais legal na pixação? Do que você mais gosta?
Gosto da adrenalina, e pode fazer as tags em tempos rápidos.

5- Para você, qual é a diferença entre grafite e pixação?
Entao as duas e uma coisa so porq quanto o pixo e o graffite da mesma forma e uma expressão po o pixo e uma forma compaquitante com varios tipos de letras, o graffite e um conjunto de letras mais elaborada q não uma coisa corrida.

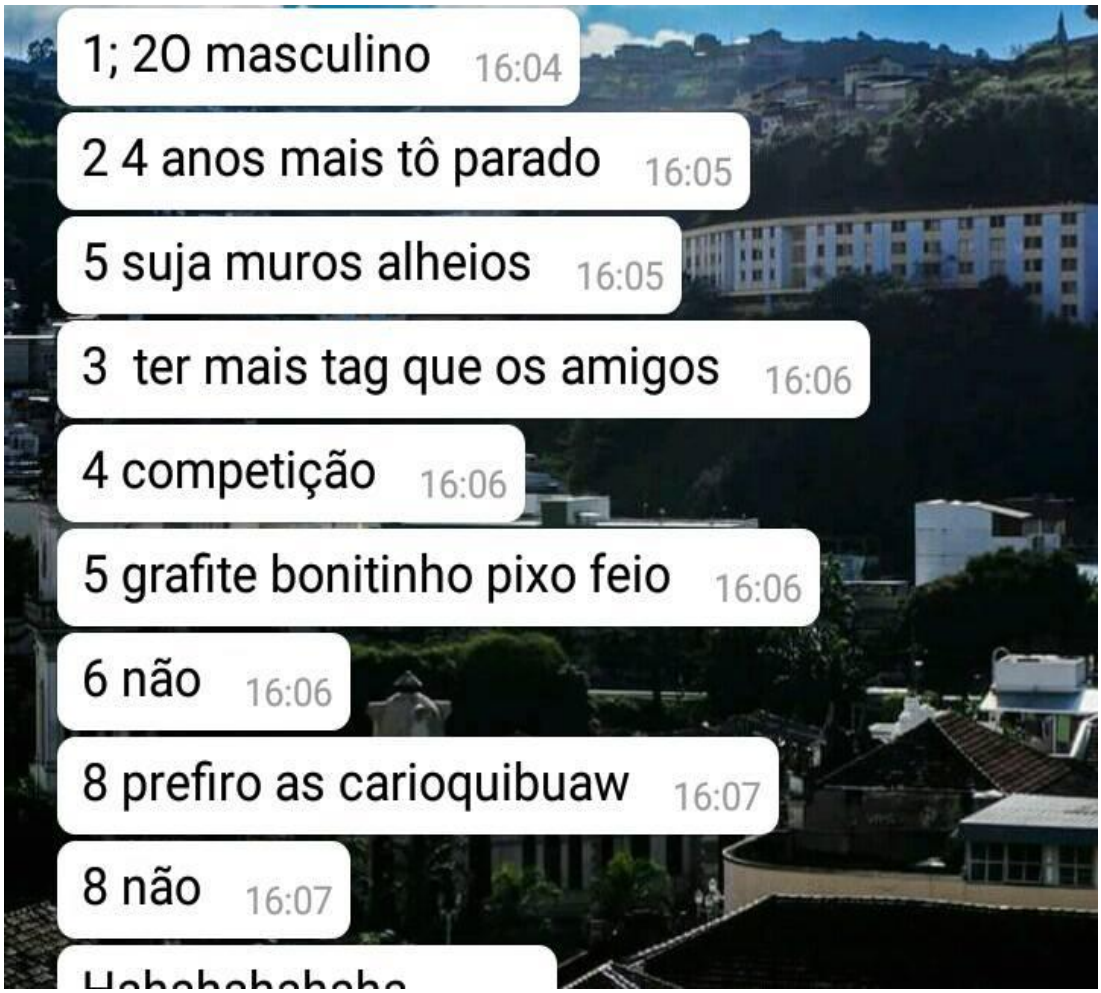
6- Você se considera parte do movimento pixação (com “x”), que teve início em São Paulo?
Po não porq não vivo tanto quanto em sp o pixo, eu prefiro juntas as latas e fazer uma produção ou um painel show.

7- Você usa tag reto ou prefere palavras que podem ser lidas por qualquer um? Por quê?
Gosto de todos os tipos mais eu prefiro os tag bem elaborados e bem estudados.

8- Você costuma usar línguas estrangeiras na sua arte?
Sim, porq pra ter um bom tag vc deve aprender todos os tipos de letras com estrangeiras ou não.

**ANEXO C**
**ENTREVISTA REALIZADA COM O PICHADOR T., DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK***

1- Quais são sua idade e sexo?
2- Há quanto tempo pixa?
3- Por que você pixa? O que busca expressar?
4- O que é mais legal na pixação? Do que você mais gosta?
5- Para você, qual é a diferença entre grafite e pixação?
6- Você se considera parte do movimento pixação (com “x”), que teve início em São Paulo?
7- Você usa tag reto ou prefere palavras que podem ser lidas por qualquer um? Por quê?
8- Você costuma usar línguas estrangeiras na sua arte?



**ANEXO D**
**ENTREVISTA REALIZADA COM O GRAFITEIRO D., DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK***

**Mariana Schuchter Soares**

Oi, D.! Blz?

Meu nome é Mariana, sou doutoranda em Linguística da UFJF. Entrei em contato com o Geysler e ele me passou seu Face. Estou estudando as pichações em JF. Queria muito fazer umas perguntas para você (assim como fiz para ele), pode até responder por e-mail ou msg aki mesmo...

Não identificaria você na pesquisa (a gente sempre dá nome fictício, né?), então pode responder de boa... por favor???

Aguardo seu contato!

Valeu!

- 20 de janeiro de 2015

20/1/2015 10:09

**D.**

Olá Mariana, bom pode sim eu te respondo por aqui mesmo!

**Mariana Schuchter Soares**
1. Há quantos anos atua na cena graffiti-pichação em JF?
2. Qual é a intenção do grafiteiro ou pichador ao fazer uma pichação? O que se busca expressar?
3. Estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)?
4. O que são os “crews”?
5) Você faz parte de algum "crew"? Qual?
6) Li em alguns artigos que as pichações e o graffiti estão ligados ao hip-hop e ao skate. Só temos pichadores em JF que curtem essas duas coisas?
7) Você conhece pichadores que são universitários?
8) Qual é a idade média dos pichadores-graffiteiros de Juiz de Fora?
9) Mais ou menos quantos grafiteiros você acredita que haja em JF? Há uma estimativa?

**D.**
1- 10 anos de graffiti
2- simplesmente o fato de estar evoluindo e contribuindo com a cultura

3- o graffiti éde origem norte americana, eu uso termos em ingles pro ser tratar da cultura que se desenvolveu em meados da década de 70 no bronx nova yorke nos vagões do metro
4- as crews são grupos de graffiteiros ou de b,boys ou até de rappers (mais comum nas décadas de 80 e 90) a minha é o UNDERGROUND CREW ugc
5- ugc
23/1/2015 10:12

**D.**
6- OBVIAMENTE NÃO o graffiti é ligada as pichaçoes com o mesmo objetivo de conquistar territórios mais não as mesmas ações e não quer dizer que só adolescentes do hip-hop ou skate fazem isso até pessoas de 60 anos de idade profissionalmente realizadas e muito boas conições finaceiras fazem também não podemos julgar de fato quem faz isso
23/1/2015 10:13

**D.**
7- conheço até doutorados
8 ide 6
9- temos uns 18 escritores de graffiti aqui em juiz de fora participativos na cena do graffiti, e uns 10 não participativos.

## ANEXO E
## ENTREVISTA REALIZADA COM O GRAFITEIRO I., DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK*

**Mariana Schuchter Soares**

Oi, I.! Blz?

Meu nome é Mariana, sou doutoranda em Linguística da UFJF. Entrei em contato com o C. e ele me passou seu Face. Estou estudando as pichações em JF. Queria muito fazer umas perguntas para você (assim como fiz para ele), pode até responder por e-mail ou msg aki mesmo...

Não identificaria você na pesquisa (a gente sempre dá nome fictício, né? Posso até usar sua assinatura mesmo), então pode responder de boa... por favor???

Aguardo seu contato!

Valeu!

19/1/2015 20:45

**I.**
ok...Mariana...posso sim por aq msm..

**Mariana Schuchter Soares**
5. Há quantos anos atua na cena graffiti-pichação em JF?
6. Qual é a intenção do grafiteiro ou pichador ao fazer uma pichação? O que se busca expressar?
7. Estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)?
8. O que são os “crews”?
5) Você faz parte de algum "crew"? Qual?
6) Li em alguns artigos que as pichações e o graffiti estão ligados ao hip-hop e ao skate. Só temos pichadores em JF que curtem essas duas coisas?
7) Você conhece pichadores que são universitários?
8) Qual é a idade média dos pichadores-graffiteiros de Juiz de Fora?
9) Mais ou menos quantos grafiteiros você acredita que haja em JF? Há uma estimativa?

**I.**

1 - Atualmente na cena do graffiti ...os tags "pixação" ficam no início da cultura pra depois saber q a atividade é responsável e legitima..estou na cultura desde 1997, há 18 anos.

2 - Os são um só Graffiti veio dos Tags "pixação
Dois evoluiu suas formas técnicas e cores...o intuito é fazer sua própria arte se auto valorizar, valorizar o espaço dar possibilidades concretas para o desenvolvimento artístico de cada um individuo msm longe de qlqr conceito acadêmico.

3 - Dessa eu nem sabia ...mais acho q fortalece a cultura, pois mostra q está presente no mundo...sua voz...

4 - Crews, são pessoas que representam determinado grupo formando suas ideias e ideais em torno da cultura.

5 - Sim, atualmente sou primeiro Secretário da Associação Juizforana de Hip Hop e artista na mesma, faço parte dos grupos "Laboratório MC's e Setor 276.

6 - Como falei anteriormente Graffiti e pixação são as mesmas coisas, na cidade temos de tudo um pouco pixadores, grafiteiros, b.boys, djs, skatistas...etc.

7 - sim já foram, não mais...afinal vem muitos protestos deles tmb....

8 - Do conhecimento q tenho geralmente são menores...pelo fato do conhecer, da adrenalina ...temos q tratar esse assunto com mais seriedade pois muitos morrem ou vao presos...e lá aprendem o que ...só mais ódio nem tanto aq ..mas por todo Brasil.

9 - Uns 20 grafiteiros em JF, profissionalmente...mas pode chegar há uns 40.
dmr Mariana...nois

20/1/2015 23:58

**Mariana Schuchter Soares**
Valeu, I.! Ajudou p caramba!
Precisando de mim, so falar!

**ANEXO F**
**ENTREVISTA REALIZADA COM O GRAFITEIRO C.[29], DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK***

**Mariana Schuchter Soares**

Oi, C.! Blz?

Meu nome é Mariana, sou doutoranda em Linguística da UFJF. To estudando as pichações em JF e li a reportagem no site Juiz de Fora Online. Queria muito fazer umas perguntas para você, pode até responder por e-mail ou msg aki no face mesmo...

Não identificaria você na pesquisa (a gente sempre dá nome fictício, né?), então pode responder de boa... por favor???

Aguardo seu contato!

Valeu!

- 17 de janeiro de 2015

17/1/2015 22:53

**C.**

Ola Mariana, bom, eu posso sim responder você numa boa, fiz parte da cena do graffiti-pichação por mais de 10 anos, porem agora já não o faço. Se quiser, posso também tentar te passar o contato de alguns amigos.

- 18 de janeiro de 2015

18/1/2015 11:09

**C.**

Oi, C.!

Uau, que bom! Agora fiquei feliz! :)

Eu ia adorar se você me passasse o contato dos seus amigos. Ainda preciso de umas duas entrevistas. Podem ser todas por msg ou e-mail.

Bem, encaminho minhas perguntas então. Lá vai:

1) Hoje em dia você não faz mais parte da cena graffiti-pichação em Juiz de Fora. Por quantos anos atuou? 2) Você fazia suas pichações escondido? Já teve problemas com a polícia? 3) Qual é a intenção do grafiteiro ou pichador ao fazer uma pichação? O que se busca expressar? 4) Estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente,

[29] O nome foi modificado para preservar a identidade do participante da pesquisa.

principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)? 5) O que são os “crews”? 6) Li em alguns artigos que as pichações e o graffiti estão ligados ao hip-hop e ao skate. É isso mesmo? Só temos pichadores em JF que curtem essas duas coisas? 7) Você conhece pichadores que são universitários? E da área de Letras? 8) Qual é a idade média dos pichadores-graffiteiros de Juiz de Fora?

Aguardo seu contato!

Valeu!

---

- 19 de janeiro de 2015

19/1/2015 19:06

**C.**

Respostas: 1: Atuei na cena do graffiti por cerca de 10 anos, de 2001 até meados de 2012.

2: Sim, uma boa parte de minhas pinturas eram feitas de forma ilegal, principalmente no começo. Com o tempo fui criando uma consciência artística maior e ficando mais exigente com minhas pinturas, isso me levou a procurar lugares mais calmos ou legalizados para pintar. Problemas com a policia nunca, vez ou outra eles nos pegavam no ato mais com alguma conversa com eles sempre conseguíamos ir embora numa boa. A policia sempre foi muito honrada, pelo menos comigo, o que me fez pensar sobre os atos de vandalismos.

3: No meu caso começou como revolta, mais logo se converteu em pura vontade de fazer sempre um trabalho melhor do que o anterior. Com o tempo pude conhecer escritores de graffiti de outras cidade e países, cada um com um estilo de pintura, alguns muito bons, e isso acendeu em mim uma vontade muito grande de fazer parte disso como um dos melhores, o que me levou a estudar muito desenhos e manter sempre um compromisso com a qualidade de meus trabalhos.

4: Bem, quanto a isso não sei. Quando fazia parte da cena, o mais comum era simplesmente assinar um nome, quando se escrevia algo utilizamos sempre o português mesmo. Mas sendo o graffiti uma cultura internacional onde os diversos escritores estão sempre em contato com escritores de todos os cantos do mundo, seja em encontros ou através da divulgação do trabalho pela internet, pode se usar o inglês com uma tentativa de "internacionalizar" seu trabalho, e lamentar sua fama no meio.

5: Crews são os grupos que você faz parte. Se você faz parte de um grupo de amigos que sempre sai junto a pintar, é natural que formem um grupo, e divulguem o nome dele o máximo possível. Graffiti é muito sobre fama, mesmo que apenas entre os outros escritores, então se você faz parte de uma crew com 20 escritores que estão sempre bombardeando a cidade, ou que tem

apenas os melhores escritores da cidade, ou do país, mais respeito você consegue nas ruas.

6: A pichação e o graffiti só se separam aqui no Brasil, onde a picharão cresceu muito como um movimento independente, no resto do mundo leva tudo o mesmo nome. O graffiti é um dos 4 elementos da cultura Hip Hop, e tem sim uma ligação, principalmente no começo do movimento, hoje em dia nem tanto. ambos são culturas de rua, assim como o Skate, mas é claro que existem escritores de graffiti que não tem nenhuma relação com o Hip Hop ou o Skate, em Juiz De Fora é mais ou menos a mesma coisa.

7: Com certeza tem muitos que estavam em universidades, não me lembro exatamente sobre o curso de letras, mais muitos outros. Não tem uma regra por aqui, com tudo no Brasil, o graffiti tem gente de todas as classes, na maioria ligados a culturas de rua.

8: Adolescentes, acho que algos entre 15 a 25 anos. Mas ainda hoje temos os que chamamos "velha escola" que geralmente são pessoas com mais de 15 ano de graffiti, então também tem alguns bem mais velhos.

Espero ter ajudado. Muito obrigado.

**ANEXO G**
**ENTREVISTA REALIZADA COM O PICHADOR J., DE JUIZ DE FORA, VIA *FACEBOOK***

9 DE JANEIRO DE 2018 13:19

**Mariana Schuchter**

Oi, J.! Meu nome é Mariana. Estou fazendo uma pesquisa sobre a arte da pixação em JF, entrevistando alguns pixadores. É para uma tese da UFJF. Queria ver se você aceita trocar uma ideia comigo por aqui msmo, responder umas perguntas É pouca coisa e não existe resp certa ou errada. O q vc puder falar, vai ajudar muito Você pode escolher a tag p te identificar na pesquisa (não colocamos nomes verdadeiro) É uma forma de divulgar o q acontece em JF, colocar no mapa da pixação Só preciso saber sua idade e sexo tb, se puder informar

As perguntas são:

1) Há quantos anos atua na cena pixação em JF?
2) Qual é a sua idade?
3) Qual é a intenção do pixador ao fazer uma pixação? O que se busca expressar?
4) Do que você mais gosta na pixação?
5) Estou pesquisando o uso de línguas estrangeiras em pichações em Juiz de Fora. Isso é muito frequente, principalmente em inglês, mas já encontrei também em italiano e em espanhol. Por que você acha que isso acontece? O que você acha que isso simboliza (ou representa)?
6) O que são os “crews”?
7) Você faz parte de algum "crew"? Qual?
8) Você conhece pixadores que são universitários?
9) Qual é a idade média dos pixadores de Juiz de Fora?
10) Mais ou menos quantos pixadores você acredita que haja em JF? Há uma estimativa?

**J.**
O pdc
Pode mandar audio?

**Mariana Schuchter**
Pode sim!

**J.**
**Transcrição dos áudios:**

**Áudio 1:**
Então, eu tenho 18 anos, e eu atuo desde os 13 anos, por aí. Então, a intenção de um pichador é assim, é você demonstrar, sabe, demonstrar a sua raiva pela sociedade. Não sociedade o povo, mas prefeito corrupto, presidente aí corrupto, sabe, roubando o povo. Entende? E outros, sabe? A polícia também. A polícia, nos anos noventa, a polícia batia em negro, sabe? Batia... e tem outra: a gente não pixa em quebrada, tá ligado? A gente pixa em prédio, em lugar de rico...

**Áudio 2:**
Quando eu busco me expressar eu sempre busco assim... pixar em lugar assim... classe média... e os cara nem liga pra gente, tá ligado? Prefeito não liga pra gente. A polícia mesmo não liga pra gente. Eles são tudo o quê? Mandado, entende? Mandado. Essa é a verdade. E tipo, quando eu to pixando, quando eu gosto de me expressar mesmo, eu não to nem aí, tá ligado? Já tomei vários enquadre, já tomei murro, já tomei soco, mas aí, entende? Aí quando os outros corre atrás para saber quem tá pixando, começa a correr atrás, aí que eu pixo mesmo. Ah, aquele cara ali que tá pixando muro, aí que eu começo a pixar tudo mesmo e não to nem aí...

**Áudio 3:**
Já falei várias vezes pra minha mãe, já falei pra todas as pessoas q me conhece, q eu não vou parar. Pode vir policial na minha casa, pode vir tudo, tá ligado? Essa é a ordem, pixação a todo momento...

**Áudio 4:**
A pixação é como fosse a voz do povo que ninguém escuta, sabe? A voz do povo carente que não pode expressar a sua raiva, não pode expressar a sua voz no mundo... e a pixação é isso, entende? Tem que destruir tudo mesmo, entendeu?

**Mariana Schuchter**
To querendo umas entrevistas assim p mostrar q pixação é protesto msmo
Valeu pelos audios! Se tiver mais alguma coisa p falar, só ir mandando

**Áudio 5:**
Igual, o povo compara assim, o graffiti com a pixação. É tipo... a pichação e o graffiti eles são irmãos, sabe? Irmãs... porque eles usam os mesmos instrumentos, uma lata de tinta. Nos anos 70, no Brooklin, Bronx, os trens, metrôs, eram todos pixados, com aquela letra bonita que agora é considerado graffiti. Só que aquilo é uma pichação, entende? Só que aquilo, eu não

entendo, por quê prefeito deixa fazer um graffiti e a pichação não? Sendo q usa a mesma coisa. E nem todo grafiteiro eles pede, sabe? Nenhum grafiteiro, tipo... tem uns grafiteiro que pede pra pichar e outros não. Tem uns que não, chega mesmo e pixa, manda sua tese e sai fora. O que a gente tá fazendo não é nada demais, entende? Esses cara aí tudo roubando e a gente nada demais...

**ANEXO H**
**REPORTAGEM DA TRIBUNA DE MINAS DE 27 DE ABRIL DE 2012**

**27 de Abril de 2012 - 10:45**

# JF é segunda de MG em número de imigrantes

**Dado foi divulgado hoje pelo IBGE com base no Censo 2010. Características históricas explicam situação**

Por **Fernanda Sanglard**

Juiz de Fora é a segunda cidade mineira em número de residentes estrangeiros. Com 1.050 pessoas de outras nacionalidades, a cidade fica atrás apenas de Belo Horizonte, que tem 6.099 moradores nascidos em outros países. Os dados foram divulgados hoje pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2010, e revelam que o município ainda mantém a característica de atrair imigrantes, tendo ainda 186 habitantes naturalizados brasileiros. Depois de Juiz de Fora, as cidades com mais residentes estrangeiros no estado são Uberlândia (739) e Governador Valadares (683).

De acordo com o professor do Departamento de História da UFJF Marcos Olender, há características históricas diferentes que resultaram nas imigrações para Juiz de Fora. "No fim do século XIX e primeiros anos do século XX, as razões estão relacionadas com a necessidade de imigrar devido a situações enfrentadas na terra natal conjugadas com atrativos que o Brasil oferecia. No caso da colônia alemã em Juiz de Fora, há relação com o atrativo empresarial proporcionado por Mariano Procópio na época da construção da Estrada União Indústria. Ele trouxe mais de mil alemães na época para a cidade."

Em relação aos italianos, Olender explica que eles vieram para a América saindo de um processo de crise nos campos italianos. "Muitos aportaram no Rio e vieram para o interior de Minas devido aos cafezais. Mas alguns também optaram por ficar nas cidades e aqui era o principal polo econômico do estado. Já os árabes, sírios e libaneses tradicionalmente se dirigiram às capitais ou regiões como Juiz de Fora na época, que tinham um setor comercial importante."

O historiador reforça que, com o tempo, familiares e amigos dos países de origem continuaram se estabelecendo aqui, devido aos laços culturais, o que justifica a representatividade de estrangeiros no município até hoje. "Também temos uma nova leva de visitantes de outras nacionalidades que se estabelecem temporariamente aqui, principalmente vinculados aos programas de intercâmbio, como os da UFJF", destaca Olender. Segundo informações da Secretaria de Comunicação da UFJF, hoje a instituição conta com cerca de 120 alunos estrangeiros, sendo muitos europeus e africanos.

**Dados nacionais**

O número de imigrantes de outros países com residência fixa e pelo menos cinco anos de permanência no Brasil é 86,7% maior na comparação entre os censos de 2000 e 2010. No último levantamento, 286.468 estrangeiros estavam nessa situação. Já na pesquisa feita dez anos antes, eram 143.644.

Os estados que mais receberam imigrantes internacionais foram São Paulo, Paraná e Minas Gerais, que, juntos, abrigaram mais da metade dos estrangeiros. Os principais países de origem dessas pessoas, conforme o Censo Demográfico de 2010, são Estados Unidos (51.933), Japão (41.417), Paraguai (24.666), Portugal (21.376) e Bolívia (15.753).

**ANEXO I**
**REPORTAGEM TRIBUNA DE MINAS DE 07 DE DEZEMBRO DE 2014**

# Cidade

7 de dezembro de 2014 - 07:00

# Pichações voltam a se alastrar na região Central

## Na Rua Santo antônio, em trecho com 23 prédios, 22 estão vandalizados, incluindo a Catedral Metropolitana

POR NATHÁLIA CARVALHO




Pichações começam LOGO na esquina da Itamar Franco e se prolongam por toda a Santo Antônio




Nem a Catedral foi poupada



O monumento em homenagem ao Coronel Francisco Halfeld, no Parque Halfeld



Prédio na esquina da Benjamin CONSTANT

Nem os muros da Catedral Metropolitana foram poupados. Os imóveis de uma das principais vias da cidade, a Rua Santo Antônio, estão tomados por pichações, mais uma vez. Além disso, ruas paralelas, bem como diversos outros pontos da região CENTRAL, ganharam novos rabiscos e assinaturas recentemente. A Tribuna percorreu o trecho nesta semana e constatou a proliferação da ação dos pichadores. Segundo a Polícia Militar, as câmeras do "Olho Vivo" já chegaram a identificar autores, que foram detidos. Entretanto, as polícias revelam a necessidade da denúncia de moradores e testemunhas, para facilitar a identificação dos suspeitos.

Desta vez, as pichações concentram-se mais na Santo Antônio, entre a Avenida Itamar Franco e o Fórum da Cultura. Este trecho possui cerca de 23 prédios e casas, entre estruturas novas e mais antigas. Deste total, 22 estão pichados e nem orelhões e lixeiras escaparam da ação. O único que se safou foi um imóvel na esquina com a Rua Rei Alberto, cuja pintura foi finalizada nos últimos dias. Dentre eles está a mais tradicional igreja da cidade, que está passando por um processo de reforma. A parede de fundos da unidade, que acabou de receber a primeira mão da tintura, foi pichada. O monsenhor Luiz CARLOS de Paula, pároco da Catedral, vê a atitude como reflexo da falta de formação e educação de alguns jovens. "Todos os lugares precisam ser respeitados, mas a preservação de um templo, seja ele de qualquer religião, é algo que aprendemos desde criança."

Perto dali, um prédio ainda em construção na esquina com a Rua Carlota Malta e os muros da unidade que abriga o Grupo Central, também foram alvo da ação dos vândalos. Ruas paralelas e próximas, como Rei Alberto, Oscar Vidal, Fernando Lobo, Constantino Paleta, Benjamin Constant, Luiz Perry, Halfeld e Avenida Olegário Maciel, também possuem dezenas de rabiscos. Além disso, o monumento em homenagem ao Coronel Francisco Halfeld, que fica no Parque

Halfeld, em frente à Igreja São Sebastião, também está desenhado. Já na Rua Halfeld, os muros do Colégio ACADEMIA também estão recheados de pichações.

Ao longo de todo o ano passado, a Tribuna mostrou a sequência de novas pichações que surgiam na cidade. Na época, a Polícia CIVIL realizou investigações e chegou até alguns suspeitos. No mesmo período, a Câmara Municipal manifestou interesse em elaborar propostas de inserção destes delinquentes, como forma de diminuir os abusos. Entretanto, de lá pra cá, pouco foi feito e as manifestações se intensificaram, provocando indignação e revolta.

**TJ condena 3 por formação de quadrilha**

De acordo com a titular da 7ª Delegacia, Ione Barbosa, a Polícia Civil tem conhecimento das pichações na cidade, mas não recebeu novas denúncias sobre as manifestações identificadas pela Tribuna. “Não tivemos apurações recentes sobre isto. O IDEAL nestes casos é acionar a Polícia Militar e dar o flagrante em algum infrator, para assim poder identificar os demais.” Segundo a delegada, as polícias contam com a colaboração da população, que pode denunciar caso presencie a pichação. “Orientamos que as pessoas nos procurem aqui na delegacia, ou chamem a PM. Apesar do receio de alguns moradores, ressaltamos a manutenção do sigilo.”

Em agosto, quatro adolescentes, com idades entre 16 e 17 anos foram apreendidos depois de serem pegos pelas lentes do “Olho Vivo” promovendo pichações em vias da região central. Conforme o ASSESSOR organizacional da Polícia Militar, major Edmar Pires, “as imagens têm nos auxiliado pois conseguimos enviar os militares de imediato para atender a ocorrência e assim efetuar o flagrante.” Ele também chama a atenção para a importância da denúncia, que pode ser feita por meio do 190 (em casos quando o crime está acontecendo naquele momento) ou por meio do 181 (para denúncias posteriores).

**Na INTERNET**

Nesta semana, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) manteve a condenação de três jovens acusados de integrar uma gangue de pichadores que, desde 2008, danificou diversos monumentos e edifícios públicos e particulares em Belo Horizonte. O grupo usava a internet para divulgar suas ações e para decidir novas áreas de ataque. O Ministério Público (MP) ofereceu denúncia contra os rapazes porque eles formavam uma quadrilha que praticava CRIMES contra o patrimônio. Um agente da Polícia Civil, infiltrado nas redes sociais dos pichadores, apurou que eles “assinavam” com codinomes os prédios que vandalizavam. Um homem de 29 anos foi condenado a cumprir dois anos de reclusão em regime aberto e 20 dias-multa; já outro, de 31 anos, teve como pena dois anos e oito meses em semiaberto e 28 dias-multa; por fim, um envolvido de 30 anos teve a condenação de dois anos e seis meses em semiaberto e 25 dias-multa.

**ANEXO J**
**REPORTAGEM TRIBUNA DE MINAS DE 17 DE DEZEMBRO DE 2014**

# Uma pichação a cada 20m na São Mateus

**Pichações antigas, como na esquina com a Carlos Chagas, se misturam às novas Orelhão atingido está a 20 metros do posto policial Edifícios residenciais, no final da rua, não escaparam dos vândalos Prédio da Settra, com a Alexandre Leonel, também não foi poupado Não é difícil notar como a Rua São Mateus, principal via do […]**

Não é difícil notar como a Rua São Mateus, principal via do bairro homônimo, na Zona Sul, está a cada dia mais colorida. Entretanto, as manifestações não são iniciativas autorizadas, tampouco aprovadas por quem mora ou tem comércio no local. Conforme levantamento feito pela Tribuna na última semana, a cada 20 metros há uma pichação estampada em algum muro, parede ou portão de imóveis da rua. Ao longo de seu 1,4 quilômetro de extensão, são mais de 76 edificações. A realidade, não exclusiva da rua, conforme vem sendo apontado pela Tribuna, demonstra uma Juiz de Fora cada vez mais suja e refém dos grupos de pichadores, que pouca investigação policial recebem.

Entre os imóveis afetados na São Mateus estão a Escola Estadual Fernando Lobo, o Colégio São Mateus, o Centro Cultural Pró-Música, a Fundação Espírita João de Freitas, um prédio da Settra, além de inúmeras residências, prédios, lojas, orelhão, banca de jornal, entre outros. A Galeria Dirceu de Andrade está com a sua entrada totalmente pichada, e a esquina com a Rua Pedro Scapim também está completamente tomada pelos rabiscos. O orelhão que não foi poupado fica, inclusive, ao lado do posto da Polícia Militar.

O titular da delegacia da Zona Sul, Eurico da Cunha, diz que as investigações acontecem constantemente mas, por se tratar de um crime que ocorre de madrugada, a dependência da ação preventiva da PM é maior. “Quando a demanda chega até nós, encaminhamos à Justiça. Atuamos em todos aqueles casos que tomamos conhecimento.” Entretanto, segundo o delegado, não há nenhum crime desta natureza sendo investigado atualmente. A PM não respondeu à Tribuna até o fechamento desta edição.

## Autoafirmação

Para o professor em psicologia social da UFJF Lélio Lourenço, as pichações denotam uma busca por reconhecimento e autoafirmação. “Existem aqueles que se fantasiam, colocam máscaras e são integrantes de uma gangue que promove a pichação. Eles demonstram uma linguagem que não é acessível ao cidadão comum, mas que representa algo para eles. Há também os que tendem ao artístico, e tornam-se até grafiteiros no futuro.”

Conforme Lélio, a onda de pichação está mais constante na cidade atualmente. “Este tipo de atitude precisa ser monitorada. São jovens que não tem muito claro o limite entre pichar e se arriscar, já que muitos sobem em prédios altos e colocam a vida em risco. São adolescentes que danificam a cidade, sujam. Talvez seja o caso de criar um festival e unir pessoas ligadas à cultura para levá-los a realizarem as pichações em paredes de locais velhos, feios e onde seja permitido. Incentivando o talento artístico, diferencia-se o pichador do grafiteiro, que poderá ser útil para a cidade”, sugere.

**Prédio é pintado três vezes em uma semana**

No início do mês, a Tribuna mostrou a situação da Rua Santo Antônio, Centro, também tomada por pichações que atingiram, inclusive, a Catedral Metropolitana. Nessa via, um prédio, na esquina com a Rua Fernando Lobo, entrou em “guerra” com os pichadores nos últimos dias. O imóvel estava tomado pelos rabiscos há meses e, na quarta-feira passada, foi pintado. Entretanto, na madrugada do dia seguinte, as paredes foram novamente pichadas. O síndico, aproveitando a tinta que ainda havia, pediu que o prédio fosse pintado de novo, na sexta. Contudo, dois dias depois, mais uma vez o imóvel amanheceu vandalizado. Nessa segunda, o condomínio, pela terceira vez em menos de uma semana, pintou aquela mesma parede.

O síndico e morador do prédio, Jomar Noronha, classificou o episódio como de extrema humilhação. “Me senti impotente, agredido e assaltado, como se tivessem me tirado o pé de apoio. Nós não pedimos dinheiro dos moradores para fazer o trabalho. Economizamos para poder oferecer um aspecto melhor para o prédio nesta virada de ano, e fomos desrespeitados desta forma”, disse, revoltado. “São pessoas de baixo espírito que precisam urgentemente de educação. Precisamos de leis e atitudes das autoridades públicas que façam alguma coisa por nós. É um problema social gravíssimo”, conclui.

## ANEXO K

## FOTOGRAFIAS DE GRAFISMOS URBANOS TIRADAS EM JUIZ DE FORA / MG – 2014 a 2017

**Figura 1: Rua José Rezende Bastos, São Pedro, 10 jun. 2015**




**Figura 2: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 11 jan. 2015**



**Figura 3: Av. Rio Branco, Centro, 15 dez. 2014**



**Figura 4: R. Alberto Menini, Borboleta, 26 jan. 2016**



**Figura 5: Praça Jeremias Garcia, Benfica, 25 jan. 2016**

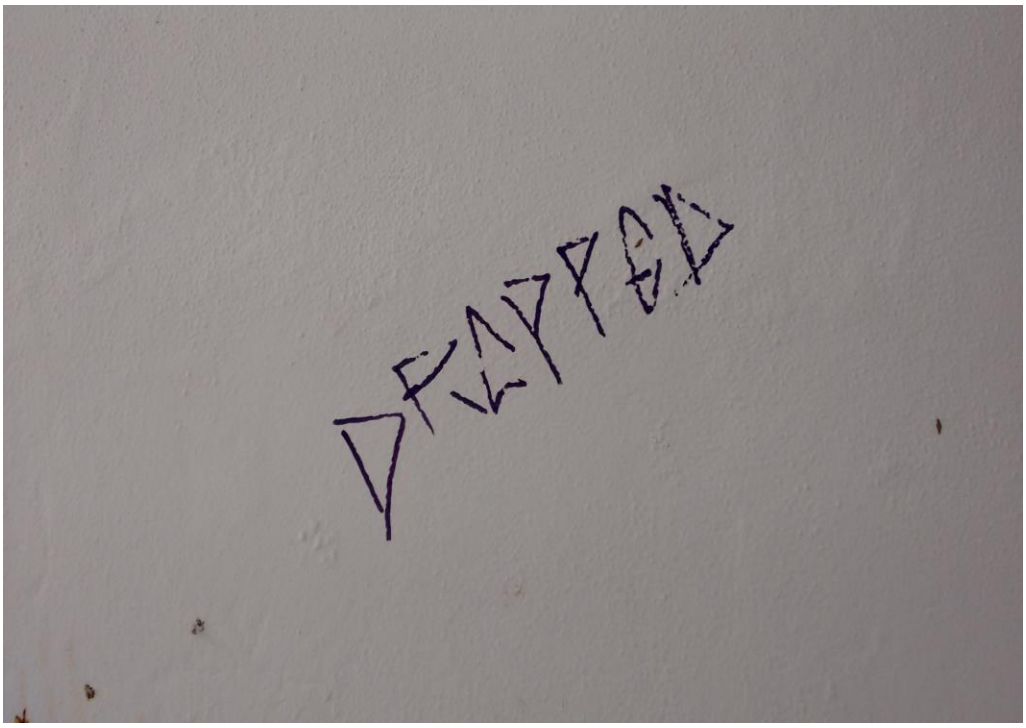


**Figura 6: Supermercado Bretas, São Pedro, 09 fev. 2016**



**Figura 7: R. Tereza Cristina, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016**




**Figura 8: R. Mariano Procópio, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016**



**Figura 9: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 10 jun. 2015**




**Figura 10: R. Tereza Cristina, Mariano Procópio, 12 fev. 2016**



**Figura 11: R. Tereza Cristina, Mariano Procópio, 12 fev. 2016**




**Figura 12: Avenida Rui Barbosa, Santa Terezinha, 12 fev. 2016**



**Figura 13: Rua Mariano Procópio, Bairro Mariano Procópio, 12 fev. 2016**



**Figura 14: Rua Espírito Santo, Centro, 22 jun. 2016**



**Figura 15: Rua Engenheiro Valdir Pedro Monachesi, Dom Orione, 10 out. 2014**




**Figura 16: Rua Amélia Salles de Oliveira, Jóquei Clube II, 10 jun. 2015**



**Figura 17: Rua Guimarães Júnior, Nova Era, 05 set. 2015**



**Figura 18: Rua Guimarães Júnior, Nova Era, 05 set. 2015**



**Figura 19: Rua Guimarães Júnior, Nova Era, 05 set. 2015**



**Figura 20: Praça Céu, Av. JK, Zona Norte, 10 jun. 2015**

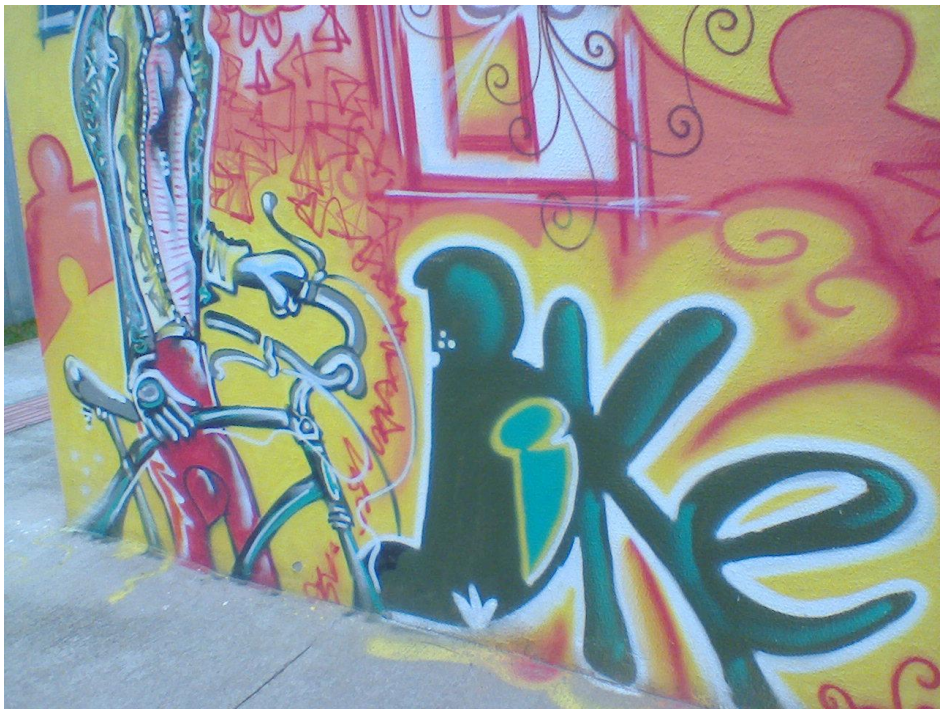


**Figura 21: Rua Vila Vidal, Jóquei Clube, 05 jun. 2015**




**Figura 22: Rua Vila Vidal, Jóquei Clube, 05 jun. 2015**



**Figura 23: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 10 jun. 2015**




**Figura 24: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 10 jun. 2015**



**Figura 25: Universidade Federal de Juiz de Fora, 27 dez. 2014**




**Figura 26: Rua General Almerindo Silva Gomes, Nova Era, 11 jan. 2015**



**Figura 27: Rua Bezerra de Menezes, Nova Era, 11 jan. 2015**




**Figura 28: Linha do Trem na Av. JK, 13 jun. 2015**



**Figura 29: Rua Carolina F. Dutra, Nova Era, 11 jan. 2015**



**Figura 30: Rua Pedro Peters, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 31: Bairro Nova Era, 10 agosto 2014**




**Figura 32: Rua Silva Vidal Lage, Nova Era, 11 jan. 2015**



**Figura 33: Av. Ibitiguaia, Santa Luzia, 24 nov. 2014**
**Fotógrafo: Leonardo Mendes de Albuquerque**




**Figura 34: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 11 jan. 2015**



**Figura 35: Rua Antonio Armando Pereira, Barbosa Lage, 11 jan. 2015**




**Figura 36: Rua Antonio Armando Pereira, Barbosa Lage, 11 jan. 2015**



**Figura 37: Rua João Evangelista dos Santos, Nova Era, 11 jan. 2015**



**Figura 38: Av. JK, Zona Norte, 11 jan. 2015**



**Figura 39: Rua Pedro Peters, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 40: Rua Antonio Armando Pereira, Jóquei Clube, 11 jan. 2015**



**Figura 41: Rua Pedro Peters, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 42: Rua Pedro Peters, São Pedro, 10 nov. 2014**

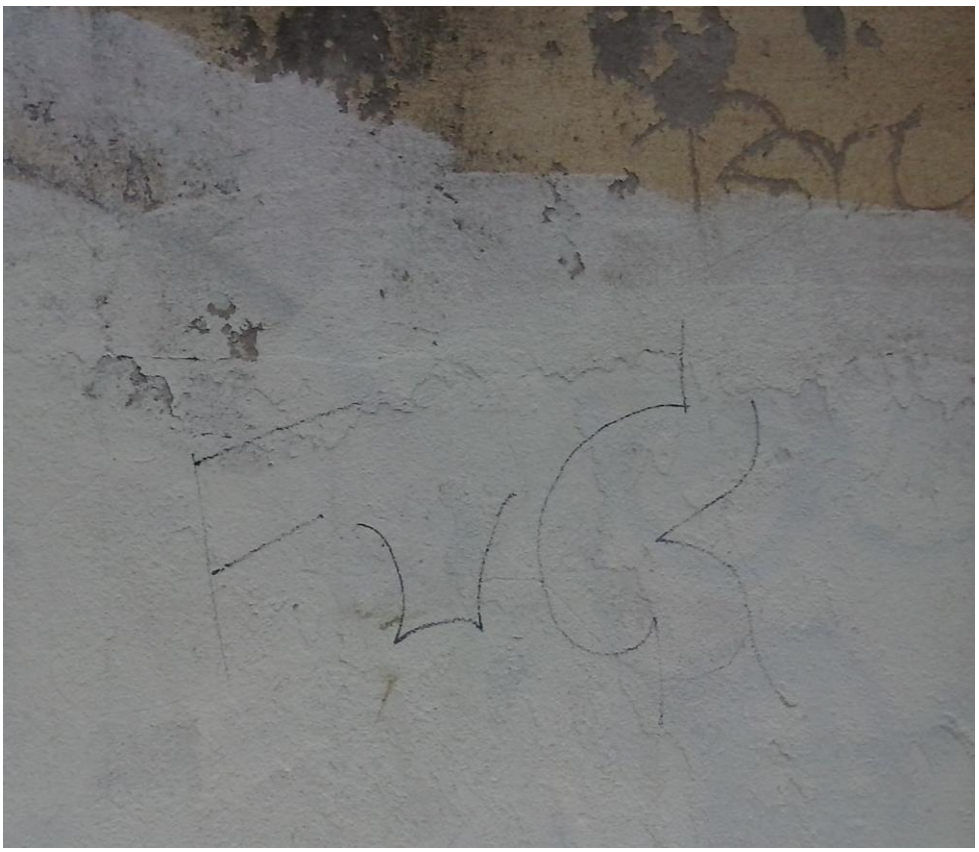


**Figura 43: Rua Pedro Peters, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 44: Rua Vicentino Masini, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 45: Rua Pedro Peters, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 46: Rua Vicente José Weiss, São Pedro, 10 nov. 2014**



**Figura 47: Rua Pedro Botte, São Mateus, 20 ago. 2014**



**Figura 48: Rua Pedro Botte, São Mateus, 20 ago. 2014**



**Figura 49: Bairro Barreira do Triunfo, Av. JK, 21 set. 2014**




**Figura 50: Rua José Rezende Bastos, Bairro São Pedro, 20 julho 2014**



**Figura 51: Rua São João, Centro, 30 out. 2014**




**Figura 52: Rua São João, Centro, 30 out. 2014**



**Figura 53: Rua Lauro Telles Mesquita, Bairro São Pedro, 20 junho 2014**




**Figura 54: Rua Lauro Telles Mesquita, Bairro São Pedro, 20 junho 2014**



**Figura 55: Rua José Lourenço, Bairro São Pedro, 20 junho 2014**



**Figura 56: Rua Idolindo Daibert, Bairro São Pedro, 20 junho 2014**



**Figura 57: Rua Manoel Bernardino, Bairro São Mateus, 21 set. 2014**



**Figura 58: Rua Manoel Bernardino, Bairro São Mateus, 21 set. 2014**



**Figura 59: Rua Pedro Peters, São Pedro, 31 out. 2014**



**Figura 60: Rua Pedro Henrique Krambeck, Jardim Casablanca, 15 out. 2014**



**Figura 61: Rua Pedro Peters, São Pedro, 31 out. 2014**



**Figura 62: Praça de São Mateus, Bairro São Mateus, 21 set. 2014**



**Figura 63: Rua José Rezende Bastos, 10 agosto 2014**




**Figura 64: Rua Padre café, Bairro São Mateus, 10 agosto 2014**

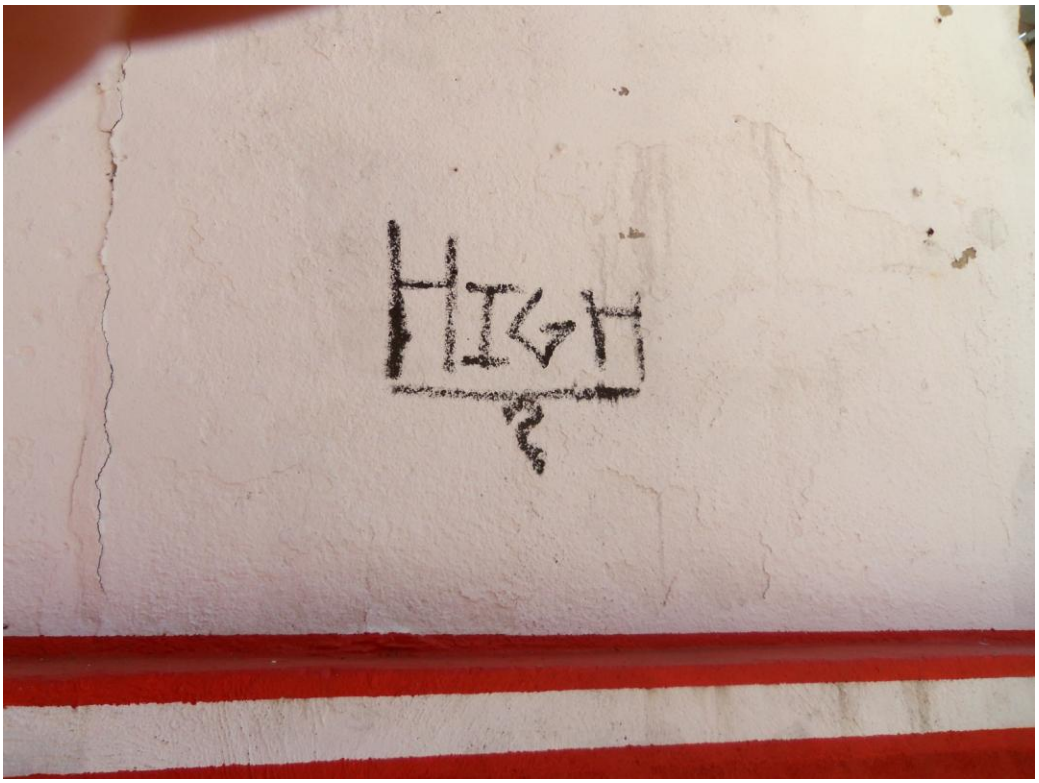


**Figura 65: Rua Jerônimo Norberto Fernandes, Bairro Benfica, 4 out. 2014**




**Figura 66: Rua Padre café, 10 agosto 2014, Bairro São Mateus,**



**Figura 67: Rua Padre Café, Bairro São Mateus, 21 set. 2014**



**Figura 68: Rua Padre café, São Mateus, 10 agosto 2014**



**Figura 69: Rua Padre Café, São Mateus, 10 agosto 2014**



**Figura 70: Rua Padre café, São Mateus, 10 agosto 2014**



**Figura 71: Rua Padre Café, São Mateus, 10 agosto 2014**




**Figura 72: Rua Mariano Procópio, Bairro Mariano Procópio, 3 out. 2014**



**Figura 73: Rua Mário Cruz Meyer, Dom Orione, 10 out. 2014**




**Figura 74: Rua Engenheiro Valdir Pedro Monachesi, Dom Orione, 10 out. 2014**



**Figura 75: Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014**



**Figura 76: Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014**



**Figura 77: Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014**



**Figura 78: Rua Afonso Garcia, Bairro Benfica, 05 agosto 2014**



**Figura 79: Rua Prof. José Vilas Bolçadas, Bairro Santos Dumont, 6 out. 2014**




**Figura 80: Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014**



**Figura 81: Av. Presidente Itamar Franco, 10 out. 2014**



**Figura 82: Praça Menelick de Carvalho, Bairro Santa Helena, 20 junho 2016**



**Figura 83: Praça Manoel Visona Marques, Barbosa Lage, 11 jan. 2015**




**Figura 84: Rua Constantino Paleta, Centro, 06 ago. 2016**



**Figura 85: Rua Constantino Paleta, Centro, 06 ago. 2016**




**Figura 86: Rua Osvaldo Cruz, Centro, 06 ago. 2016**



**Figura 87: Rua Carlos Chagas, São Mateus, 08 ago. 2016**

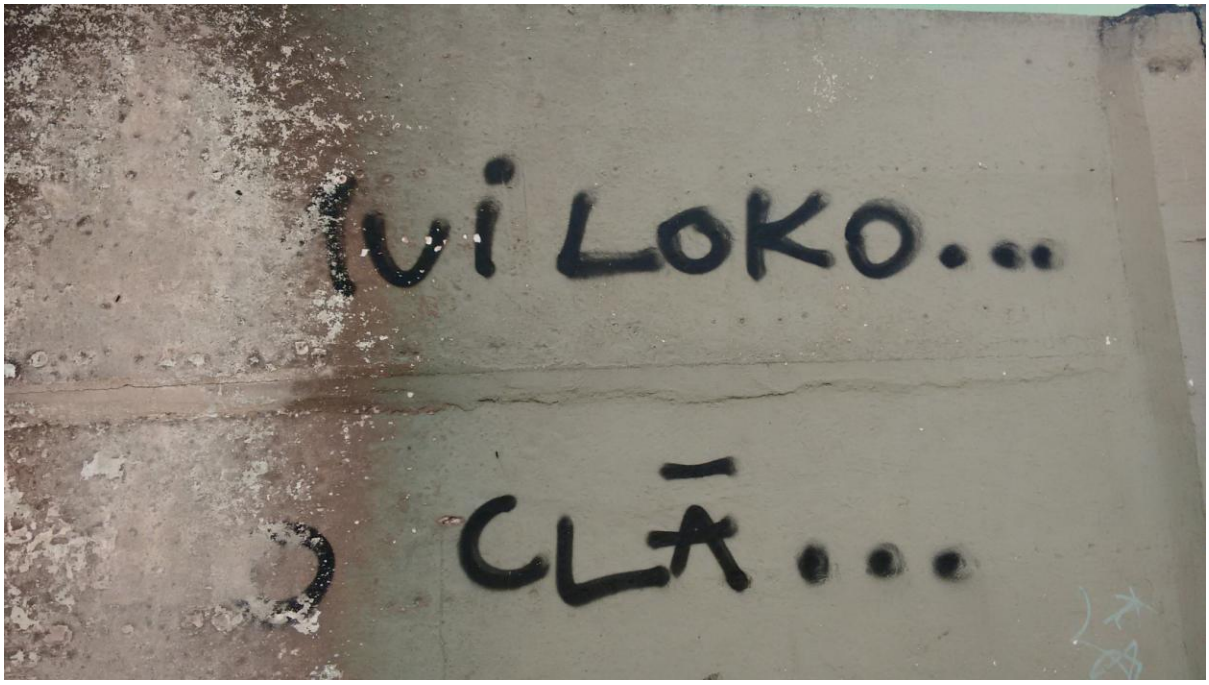



**Figura 88: Rua Mariano Procópio, Mariano Procópio, 06 set. 2016.**



**Figura 89: Rua Mariano Procópio, Mariano Procópio, 06 set. 2016.**




**Figura 90: Rua Pedro Germando Caniato, Santos Dumont, 17 set. 2016**



**Figura 91: Rua Hélio Tomás, Bairro Cerâmica, 21 set. 2015.**




**Figura 92: Rua Santos Dumont, Granbery, 10 ago. 2015**



**Figura 93: Rua Pedro Peters, São Pedro, 12 ago. 2014**




**Figura 94: Rua Espírito Santo, Centro, 25 mar. 2016**



**Figura 95: Rua Maria Catarina Barbosa, Bairro Araújo, 29 jan. 2016**




**Figura 96: Linha do trem, Av. JK, 05 março. 2016**



**Figura 97: Rua São Mateus, São Mateus, 07 set. 2016**



**Figura 98: Rua São Mateus, São Mateus, 11 set. 2016**



**Figura 99: Rua São Mateus (escadão com Rua Guaçuí), São Mateus, 11 set. 2016**



**Figura 100: Rua São Mateus (escadão com Rua Guaçuí), São Mateus, 11 set. 2016**



**Figura 101: Rua São Mateus, São Mateus, 11 set. 2016**




**Figura 102: Rua São Mateus (escadão com Rua Guaçuí), São Mateus, 11 set. 2016**



**Figura 103: Rua Guaçuí, São Mateus, 11 set. 2016**



**Figura 104: BR-040, São Pedro, 10 set. 2016**



**Figura 105: Avenida Presidente Itamar Franco, Cascatinha, 10 set. 2016**




**Figura 106: Benjamin Constant, Santa Helena, 02 abril 2017**



**Figura 107: Praça Pedro Marques, Santa Helena, 10 abril 2017**




**Figura 108: Praça Pedro Marques, Santa Helena, 10 abril 2017**



**Figura 108: Rua Tiradentes, Santa Helena, 10 abril 2017**



**Figura 109: Rua Pasteur, Santa Helena, 10 abril 2017**



**Figura 110: Rua João Krolman Sobrinho, Borboleta, 25 março 2017**



**Figura 111: Rua Benjamin Guimarães, Democrata, 10 março 2017**



**Figura 112: Rua Catulo Breviglieri, Santa Catarina, 25 março 2017**




**Figura 113: Rua Jaci de Assis, Novo Triunfo, 13 ago. 2016**

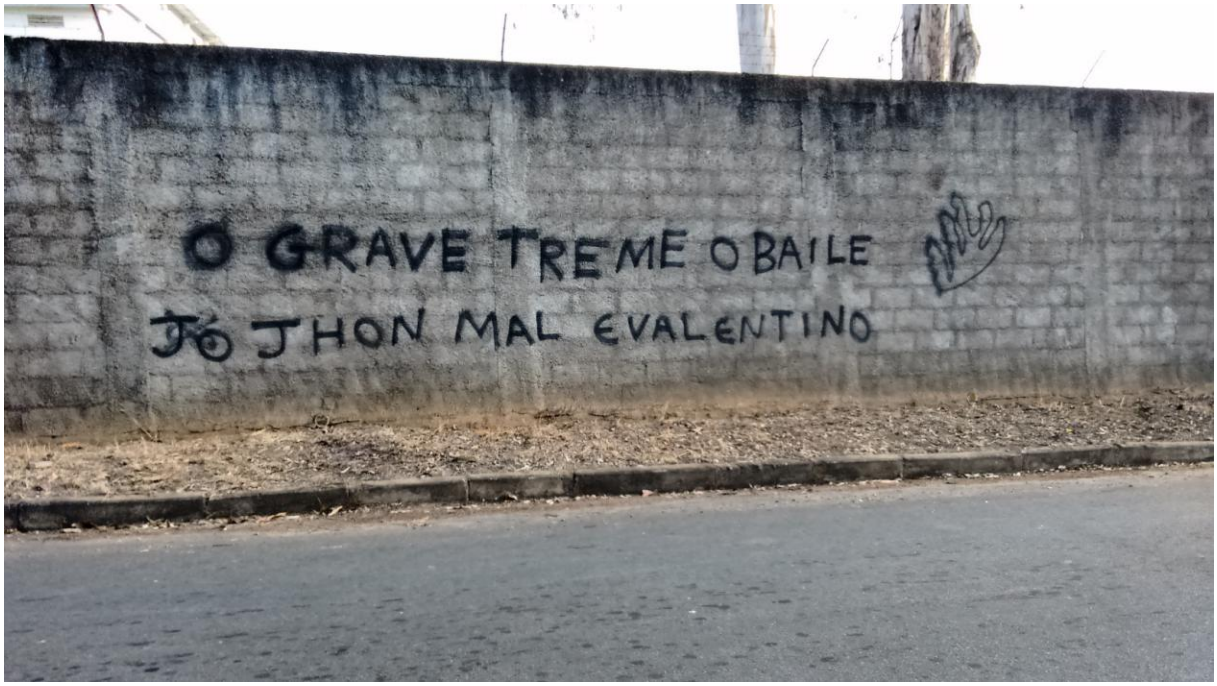


**Figura 114: Tunel Shopping Independência, Rua Presidente Itamar Franco, 13 ago. 2016**




**Figura 115: Tunel Shopping Independência, Rua Presidente Itamar Franco, 13 ago. 2016**

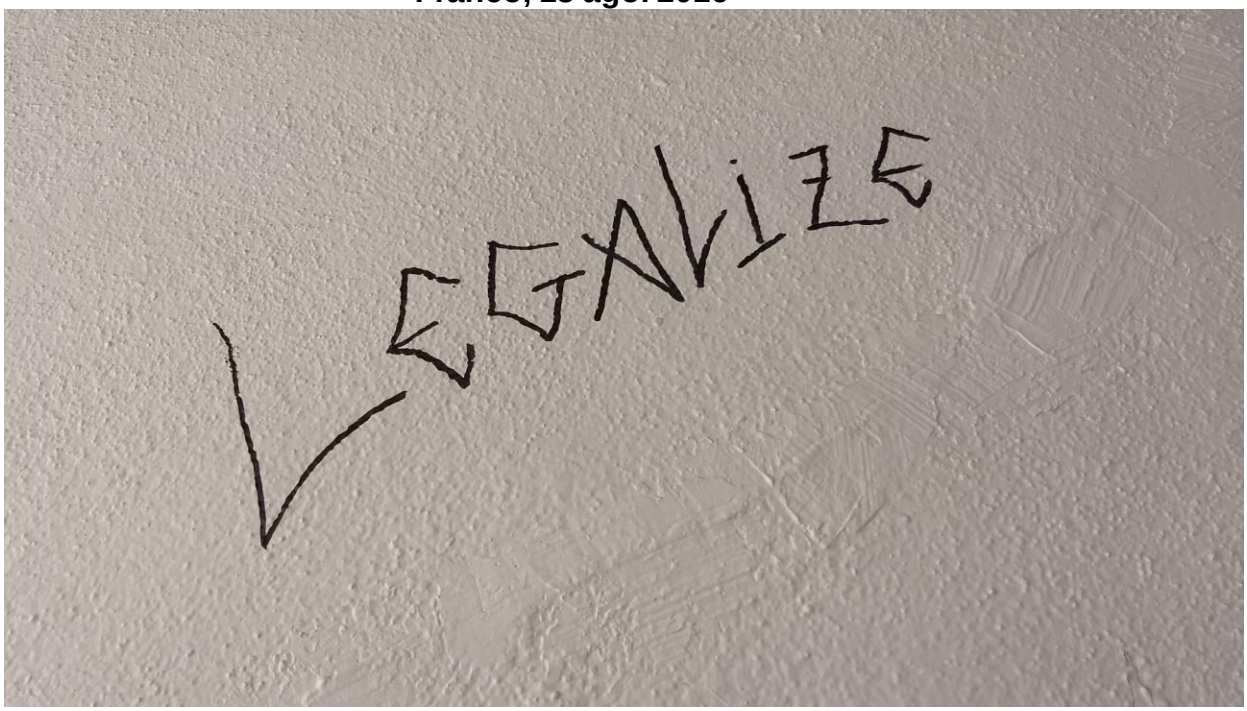


**Figura 116: Rua Professor José Ribeiro, São Pedro, 20 ago. 2016**



**Figura 117: Avenida J.K., Bairro Santa Lúcia, 15 nov. 2016**



**Figura 118: Rua Ouro Preto, Bairro Santa Terezinha, 15 nov. 2016**




**Figura 119: Rua Ouro Preto, Bairro Santa Terezinha, 15 nov. 2016**



**Figura 120: Rua José Lourenço, São Pedro, 20 out. 2017**

